



**UM ADVOGADO  
EM BRASÍLIA**

Romance

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

**2ª Reimpressão**

**MP**  
EDITORA

## **Ives Gandra da Silva Martins**

Professor Emérito das Universidades Mackenzie e UNIFMU, da Escola de Comando e Estado Maior do Exército e Superior de Guerra.

Ex-presidente da Academia Paulista de Letras, e presidente do Conselho Superior de Direito da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e do Centro de Extensão Universitária – CEU.

Membro Benemérito da APET.

## **Um Advogado em Brasília**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

# **Um Advogado em Brasília**

(Romance)

**MP**  
EDITORA

M343a

Martins, Ives Gandra da Silva, 1935 - Um advogado em Brasília / Ives Gandra da Silva Martins. -  
São Paulo : MP Ed., 2009.  
200p.

ISBN 978-85-7898-005-4

1. Brasil - História - 1961-1964-- Ficção. 2. Novela brasileira. I. Título.

08-5425.

CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

11.12.08 15.12.08

010165

---

*Copidesque*  
Margarida Hulshof

*Revisão*  
André Rodrigues Bertacchi

*Capa e Editoração*  
Denilson dos Santos

*Diretor responsável*  
Marcelo Magalhães Peixoto

Todos os direitos desta edição reservados à

© MP Editora – 2009  
Av. Brigadeiro Luís Antonio, 2482, 6º andar  
01402-000 – São Paulo  
Tel./Fax: (11) 3101 2086  
adm@mpeditora.com.br  
www.mpeditora.com.br

ISBN 978-85-7898-005-4

2ª Reimpressão - 2009

# Sumário

Prefácio (por Francisco Marins) .....	7
Apresentação .....	11
Primeiro Capítulo .....	13
Segundo Capítulo .....	27
Terceiro Capítulo .....	39
Quarto Capítulo .....	47
Quinto Capítulo .....	55
Sexto Capítulo .....	69
Sétimo Capítulo .....	77
Oitavo Capítulo .....	87
Nono Capítulo .....	97
Décimo Capítulo .....	117
Décimo Primeiro Capítulo .....	131
Décimo Segundo Capítulo .....	143
Décimo Terceiro Capítulo .....	153
Décimo Quarto Capítulo.....	163
Décimo Quinto Capítulo .....	173
Décimo Sexto Capítulo .....	183
Décimo Sétimo Capítulo .....	193
Décimo Oitavo Capítulo .....	205

## Prefácio

### Um Advogado em Brasília

Novela breve, esta *Um Advogado em Brasília*, como o Autor a nomeou, pois pelas dimensões é mais que um conto, menos que um romance e, pergunta-se: por fundo e formas, enquadra-se nas exigências dos fazedores de regras para modalidades literárias, conformando-se aos cânones maupassantianos de, no princípio-impacto, no final – o imprevisto? E, ainda, quanto ao meio?

– Talento narrativo, capaz de bem conduzir o leitor?

Distinguiu-nos Ives Gandra Martins, confrade pratiano, na Academia Paulista, para que escrevêssemos algumas linhas de apresentação à obra referida, escrita na década de 60, porém inédita, deixando-nos à vontade para escusar-nos.

Aceitamos de pronto, pois não haveria como não fazê-lo, conhecedores que somos e admiradores da personalidade múltipla e de seus talentos, também no campo literário, marcadamente na poética, com postura de quem: “... ainda sonha flores e descobre estrelas”.

A novela, por seu entrecho, alterna-se entre ficção e realidade, prevalecendo, na quantidade, esta última, em forma expressa ou suposta.

O leitor encontra-se, no primeiro degrau, com Fábio, ao soar do despertador, às 5 horas de certa manhã de fim de primavera.

A partir daí estará envolvido na trama e até, o final da urdidura, sempre com a palavra tema: julgamento!

Feita a hábil armadilha Autor-leitor, este último estará preso às astúcias do personagem central, consciente de realizar sua tarefa de causídico, dentro do melhor padrão ético.

E é patente que Fábio veste pele de lobo, disfarçado de cordeiro, para enfrentar as artimanhas de inescrupulosos inimigos.

A certa altura surgem episódios quase sherloquinianos ou agathacristinianos, quando as vinte quatro horas de que dispõe o personagem se esgotam e o leitor, habilmente conduzido, aspira conceder-lhe a vigésima quinta, de Virgil.

Eis, pois, o “recheio” entre princípio e prólogo, com abundantes lances a esviscerarem intestinos judiciários, sob o mau odor de tramóias e chicanas.

Nesta parte, de raspão, referência a um pequeno movimento religioso, divulgado no Brasil, o das Equipes de Casais, emergente de “subterrâneos”, na Europa, quase à semelhança das catacumbas, capaz de levar, ao carisma da célula familiar, educação e religiosidade – com destaque significativo do chamado “Dever de sentar-se!”.

Texto escrito antes da Revolução de 64 é agora apresentado “sem alterações”, conforme indica o Autor. E pergunta-se. É válida a postura, de Autores de renome, tornando intocável os prémios de juventude?

Pelo que se sabe boa parte prefere alterá-los. Alguns até mudando os títulos, caso de José Geraldo Vieira, grande escritor, hoje cada vez mais esquecido, em relação a um de seus principais ro-

mances. Outros escritores vangloriaram-se de jamais relerem os escritos, de edições anteriores, caso de José Mauro de Vasconcelos. Este, de modo inusitado permitiu, de certa feita, que um seu amigo editor, escoimasse de *Rosinha Minha Canoa*, verdadeiro poema em prosa e amor à natureza, dezenas de palavras chulas que o enfejavam!

Deste último pecado não padece *Um advogado em Brasília*, escrito em linguagem escorreira e sem palavrões.

Em avaliação final – há boas lições jurídicas pois o autor está sempre transvestido na personagem Fábio, pois aquele fez, com o uso do cachimbo a boca torta e, sempre, põe nos passos deste, suas ensinanças de mestre, das quais não consegue se apartar.

Desejamos que os leitores do grande jurista tenham com a novela “*O Advogado em Brasília*” uma leitura agradável e continuem a admirá-lo também por estas primícias.

“O tempo desfaz as forças, Mas não desfaz o que é forte”.

**Francisco Marins,**  
**Antigo Presidente da Academia Paulista de Letras**

08/12/2008

## Apresentação

Esta breve novela eu a escrevi, em 4 noites, nos começos da década de 60. Passa-se em período conturbado da história brasileira, antes da queda do Governo Jango. Ficou em minhas prateleiras até que o amigo Marcelo Peixoto, ao lê-la, aventurou-se a publicá-la.

Não alterei o texto original, apenas expurgando-o de dois sub-capítulos, que se encontravam fora do contexto.

O Brasil mudou profundamente, de lá para cá. Houve o regime de exceção de 64 a 85, uma Constituição que comemorou 20 anos, com a volta da democracia plena e muitos dos conceitos e das avaliações, à época, feitas por mim, valem exclusivamente para um período, em que todos julgavam todos e mesmo os melhores cometiam erros.

Serve, todavia, como reminiscência daqueles tempos, em que vivenciei fatos que podem ter sido superficialmente analisados, à luz da intranquilidade reinante e das paixões dominantes. A maioria dos brasileiros, independentemente da corrente a que pertenciam, queria um Brasil melhor e a eficiência era deixada de lado pelo conflito das ideologias.

Foi minha primeira e última tentativa na seara novelística, preferindo, desde então até hoje, colher nos prados mais serenos e confortadores da poesia.

À evidência, é fundamental realçar, no estilo dos filmes americanos da década, que qualquer semelhança com pessoas, que conformaram a história do país, antes da revolução de 64, é mera coincidência. Fábio, todavia, é um personagem múltiplo, correspondendo a somatória da personalidade de alguns colegas da época.

Uma palavra especial, nesta curta apresentação, ao meu confrade e presidente emérito da Academia Paulista de Letras, Francisco Marins, o grande romancista historiador de São Paulo, que muito me sensibilizou ao prefaciá-lo este volume.

Espero que Marcelo não se arrependa da insensatez de publicar a curta novela e agradeço Margarida Hulshof pela paciência na revisão do texto.

Ives Gandra da Silva Martins  
da Academia Paulista de Letras.



## Primeiro Capítulo



O dia não entrara ainda pelas frestas da janela quando Fábio acordou, depois de uma noite mal dormida, durante a qual, repetidas vezes, fora sobressaltado por apreensões e pesadelos.

Ao seu lado, ressonando pausadamente, Glória repousava. Sua presença e o calor de seu corpo inspiravam uma tranqüilidade que há algum tempo Fábio perdera.

O despertador marcava 5 horas de uma manhã de fim de primavera. Manhã que não chegava a ser fria, já que o quarto se conservara quente mesmo na madrugada, e nem Fábio nem Glória haviam necessitado de cobertor.

Em silêncio, Fábio levantou-se, travou o despertador que deveria soar às cinco e quinze, a fim de que Glória não fosse perturbada, e foi para o banheiro preparar-se.

Meia hora depois, já banhado e pronto para sair, voltou ao quarto e acordou a esposa, beijando-lhe a testa, como fazia diariamente para despedir-se.

Abrindo os olhos, Glória abraçou indolentemente o marido que se debruçara sobre ela, mas de súbito, lembrando ser aquele o dia da viagem de Fábio, agilmente pulou da cama, perguntando:

– Já de partida?

– Já, Glória!

– Mas, por que não me acordou?

– Achei que não valia a pena interromper seu sono tranqüilo.

– Já tomou café?

– Não, nem vou tomar.

– Por quê?

– Pretendo comungar antes de viajar. Vou assistir missa na igreja do padre Márcio.

– A que horas parte o avião?

– Às oito, mas ainda faltam vinte minutos para as seis, de modo que posso assistir calmamente à missa das seis horas e tomar café com o padre.

Compreendendo a razão pela qual Fábio acordara mais cedo e não desejando molestá-lo, Glória vestiu seu “peignoir” rosa e calçou os chinelos de cetim da mesma cor, perguntando:

– Já se despediu das crianças?

– Não, não vou acordá-las! Venha comigo, quero vê-las antes de partir.

E tomando as duas malas, prontas junto à arrumadeira, Fábio dirigiu-se, com Glória, ao quarto dos meninos.

Diante da porta pousou as malas e, abrindo-a, entraram ambos silenciosamente, quedando-se enternecidos a olhar as duas crianças de 6 e 4 anos, que dormiam serenamente.

Depois de beijar a ambos, Fábio repetiu o gesto amoroso no quarto das meninas. À porta da casa, beijou a esposa, dizendo:

– O julgamento será daqui a dois dias. Assim, não me espere senão para o dia vinte e sete. Levarei o carro que ficará na oficina do João, no Aeroporto, já que está necessitando de uma revisão geral. Reze por mim e por minha atuação!

– Tenha fé, querido, e tudo correrá bem!

Um último abraço e Fábio tomou o carro. Conforme fazia todos os dias, partiu sem esquentá-lo, deixando a Glória a incumbência de fechar o grande portão de ferro da casa que construía, com sacrifícios, no ano anterior.

A cidade, ainda vazia àquela hora, começava a ser iluminada pela luz do dia, sem que o Sol se mostrasse no céu cinzento.

Enquanto dirigia, voltou-lhe a angústia que o atormentara à noite. Depois de tanto sacrifício para atingir um ideal, eis que este se via inteiramente transtornado por um fato novo, fascinante e inquietante, que o colocava totalmente fora de sua personalidade, exatamente quando mais dentro dela necessitava estar. E, assim como se atacado por moléstia incurável, debatia-se em estranho e doloroso dilema, cuja solução talvez ninguém viesse a compreender a não ser a sua necessidade interior de autenticidade.

O jovem advogado, cuja rápida ascensão na carreira causava espanto entre amigos e familiares e cujos sucessos lhe haviam proporcionado prestígio e dinheiro, permitindo a constituição de uma família tranqüila e feliz, enfrentava então sua causa mais difícil. Não a que deveria defender dentro de dois dias, em Brasília, mas aquela travada em seu íntimo – ou seja, a causa da verdade.

Desde que fora tocado por essa inexorável obrigatoriedade interior de tornar-se o advogado verdadeiro e puro em todos os momentos e circunstâncias, a profissão deixara de ser um prazer, para transformar-se em pesadelo.

E a conclusão fora a absoluta necessidade de empenhar o que de mais autêntico conseguira armazenar ao longo da vida profissional, em uma causa que, em outros tempos, não teria aceito, inclusive colocando em risco, nessa luta, seu destino e o daqueles que dele dependiam.

Tudo isto se tornara imperativo, contudo, porque fora tentado e atingido profundamente pelo desejo de procurar aquele Deus Oculto no qual cria e a quem amava intensamente. E Deus

lhe respondia dando-lhe preocupação, sofrimento, intranqüilidade, além de uma nova avaliação dos valores que o haviam mantido até então.

O seu dilema, o seu grande dilema, nem era tanto a luta entre a vida anterior sem Deus e o desassossego da busca de Deus, quanto o fato de não saber se, nessa procura, as suas decisões eram, afinal, aquelas que Deus esperava dele, isto porque não conseguira sequer sentir o Seu silêncio ou interpretá-lo.

Assim, o seu destino parecia agora sem destino como a cidade vazia que ele atravessava, levando uma sensação de vácuo na alma e de impotência para controlar os acontecimentos, dada a impossibilidade de controlar a si próprio.

A igreja de padre Márcio não era uma igreja comum. Apesar de construída em bairro de classe média, era toda de madeira, com linhas tão rústicas que chocariam a paisagem do quarteirão, não fosse a estilizada formosura dos seus contornos, a sugerir ao mesmo tempo calor e absoluta simplicidade, num grave reflexo estético de toda a doutrina cristã.

Padre Márcio era um sacerdote adequado à sua igreja. Moço, ativo e despretenso, possuía o condão admirável de tornar-se íntimo dos que dele se aproximavam, fossem ou não católicos, e até mais dos que não o eram. Quando o carro de Fábio encostou na calçada fronteira à porta da igreja, seu relógio marcava seis horas, de tal forma que mal teve tempo para desligá-lo e entrar pela porta lateral, e a missa já começava.

O templo estava quase vazio, com apenas duas senhoras genuflexas, acompanhando em voz alta o sacerdote nas orações ao pé do altar.

Ajoelhando-se no pé do altar, no meio da nave, Fábio perseguiu-se; depois encaminhou-se, missal na mão, para o lado do padre Márcio e passou a auxiliá-lo, respondendo às orações preparatórias.

O estado de intranqüilidade emocional em que estava mergulhado e a necessidade de encontrar apoio faziam com que se concentrasse mais do que o normal, de tal maneira que, já no Confiteor, era com fé profunda que participava do Divino Sacrifício.

No início de sua reconquista religiosa, Fábio não aceitara de pronto a necessidade de repetição do ritual nas partes fixas da missa, considerando mesmo que o Santo Sacrifício era vazio e frio, principalmente quando a própria assistência o repetia, em latim, língua que lhe parecia espelho tumular do rosário de orações que compunham as suas cinco partes.

A freqüência, todavia, foi-lhe trazendo mais compreensão, até o dia em que passou a viver cada palavra de cada oração, no esforço de encontrar aquele Deus que começava a amar, quanto mais distante, mais incompreensível e mais inacessível parecia estar.

A missa daquele dia, Fábio ofereceu à causa que defenderia, num último ato, perante o Supremo Tribunal Federal. Rogava a Deus a inspiração necessária a fim de que os seus representados, que portanto dele dependiam, recebessem todo o empenho e o melhor de sua habilidade.

Por essa razão, quando recebeu a comunhão das mãos do padre amigo, seu pensamento dirigiu-se a seus constituintes, da mesma forma que estivera em Deus, durante o Ofertório e o Cântico da Missa.

No último Evangelho, Fábio percebeu-se sereno, como se a intensa concentração que mantivera durante o Sacrifício, em vez de cansá-lo, lhe tivesse alcançado a paz de espírito que havia muito não sentia e da qual estivera especialmente distante naquela noite em que tão mal dormira.

O final da missa, portanto, foi também o fim de sua angústia. E foi com essa nova sensação de bem-estar interior que Fábio, acompanhando padre Márcio, deixou a igreja para ir tomar café em casa do sacerdote, no outro lado da rua.

Como era costume do reverendo, foi em silêncio que tomaram o café servido pela simpática e idosa caseira que acompanhava padre Márcio havia muitos anos.

Por fim, o religioso perguntou:

– Então, Fábio, está próximo o grande dia?

– Ó, meu caro padre, a defesa será no dia 26, mas parto agora a fim de levar memorial impresso e entregá-lo pessoalmente a cada um dos onze ministros julgadores.

– E acredita que esses contatos antes do julgamento venham a ser úteis? Não poderão os ministros antipatizarem-se com a abordagem, interpretando o fato como uma tentativa de pré-julgamento?

– Acredito nos contatos. Acho-os mesmo fundamentais. Teoricamente, os juízes não devem ser abordados pelos advogados, a fim de que possam decidir sem influências, depois de examinar o processo detalhadamente, formando, assim, a sua convicção. Na prática, todavia, não é isto o que acontece. Mesmo os juízes mais diligentes não dispõem, como seria o ideal, de tempo para o exame dos processos. E os menos honestos

decidem de acordo com as pressões recebidas, que vão da simples amizade para com as partes até a compra de sua decisão. Nas instâncias superiores, constituídas por órgãos colegiados, apenas um dos julgadores – o relator – examina perfunctivamente o processo, limitando-se os demais a acompanhar o voto do relator, isso na melhor das hipóteses, isto é, quando não há pressões. Nos grandes casos, por serem estas as instâncias decisivas, recebem os julgadores toda espécie de pressões, e alguns deles não têm formação moral suficiente para resistir a elas, sucumbindo com uma debilidade bem pouco meritória para o Poder Judiciário.

– Mas você acha mesmo, meu caro Fábio, que, no seu caso, estarão sujeitos os ministros da mais alta Corte do país ao mesmo tipo de influência!?

– Já devem ter sido influenciados ou o serão nos próximos dias, já que os interesses em jogo são bem grandes, dispendo a parte contrária de armas que maneja com grande habilidade e das quais eu não me utilizaria nunca, quais sejam, o dinheiro e o tráfico de influência.

– Será que os ministros de um Tribunal como o Supremo também estão sujeitos a esse tipo de influência, já que são irremovíveis e atingiram o mais alto grau que um jurista poderia desejar?

– Também o são e talvez em maior escala. Alguns ministros porque, para chegarem àquela posição, comprometeram-se de tal forma, principalmente com o Poder Executivo, que se habituaram à idéia de pagar o favor recebido, numa relação de reciprocidade que começou muitos anos antes de atingirem tal posição e que lhes permitiu, por outro lado, ali chegar. Outros,

porque são gananciosos. Finalmente, alguns, porque são fracos e impressionáveis, mormente por mulheres insinuantes, numa cidade onde se sentem isolados e, na maior parte das vezes, estão longe da família.

– Não estará você sendo severo demais e injusto na avaliação dos Ministros da mais alta Corte do país? Você teme realmente ser vencido?

– Temo, mas lutarei até o fim. Talvez nunca, nas causas anteriores, eu me tenha dedicado tanto a cercar todos os ângulos dos problemas e a impedir que o Poder Judiciário tenha qualquer possibilidade de fugir, com uma evasiva, à necessidade de definir-se. Tenho a convicção absoluta de que, sob o aspecto estritamente jurídico, não há como perder a questão. Se sinto algum temor, é apenas por estar do lado economicamente mais fraco, enquanto os contrários situam-se do lado mais forte.

– E continua com a intenção de abandonar a advocacia, na eventualidade de perder a questão?

– Sim, já que não haverá razões para seguir desempenhando papel em uma farsa.

– Mas já pensou em sua responsabilidade perante a família? Como sustentará e educará seus quatro filhos e manterá a esposa?

– Pensei e nisso reside a minha preocupação maior. A decisão, todavia, é inabalável. A permanência na advocacia, sob um Poder Judiciário transformado em roleta viciada, para o qual nem mesmo a sorte seria a principal conselheira, mas sim o vício que faz ganhar quem der mais lucro ao crupiê, seria tirar da corrupção os meios com que educar a família contra a corrupção. Aliás, o

dilema é seríssimo, já que a permanência iria dar aos meus clientes menores possibilidades de êxito frente aos de outros advogados que adotem o estilo vigente. E, se eu me utilizasse do mesmo estilo, seria também um corrupto.

– Mas, Fábio, você tem exercido a advocacia com sucesso! O que fez então, até agora, para garantir esse sucesso?

– Padre, não se preocupe! Desbravei um ramo do direito e introduzi um novo estilo na advocacia. De tal forma que até bem pouco tempo, no direito tributário forense, conduzia os casos com uma certa vantagem em relação aos meus adversários, advogados do Poder Público, que não demonstravam maior interesse pelo resultado das questões, de vez que com elas nada ganhavam, na maior parte dos casos. Foi apenas quando os diversos Fiscos sentiram, nas suas variadas órbitas de ação, o perigo do estilo introduzido por mim e provado em repetidas vitórias, que passei a enfrentar, não mais os advogados fazendários, mas todo um complexo governamental. Sinto também a pressão de categorias econômicas não interessadas na vitória de outros grupos. Assim, o problema de emprego dos mesmos estilos é atual, é dilema que devo solucionar agora.

– Mas, se já conhece qual seja a situação, por que um caso apenas o levaria ao abandono da profissão?

– Agarro-me à tênue esperança de que eu esteja enganado e a realidade não seja como entendo. Esta é a razão por que luto enquanto posso. Vem ao caso, aqui, a imagem de Gheorghiu em seu livro “A Vigésima Quinta Hora”, na qual compara os homens de maior sensibilidade aos coelhos que morrem seis horas antes do

que os marinheiros, asfixiados quando os submarinos ficam presos debaixo d'água. Ainda não chegou a sexta hora antes da morte e enquanto ela não chegar, lutarei. No entanto, sinto-a perto. E este caso será a prova!

– É claro, Fábio, que respeito o seu problema íntimo e sua luta. É claro, também, que não pretendo influenciá-lo rumo a qualquer decisão. Só o que lhe posso dizer é que rezarei por você.

– Obrigado, padre. Agradeço suas preces, pois preciso delas.

– De qualquer maneira, meu caro Fábio, quero que pondere bem, por causa de sua família e das responsabilidades que assumiu ao constituí-la.

– Não penso em outra coisa, padre. O problema, todavia, é se vou encarar minha família como homem, filho de Deus, ou como crápula, segundo a decisão que tomar.

– Talvez esteja certo, talvez não. Aceito que o problema deva ser solucionado apenas por você. De minha parte confesso estar certo de que, em seu lugar, viveria o mesmo drama, embora pudesse vir a decidir de forma diferente.

– Enfim, padre Márcio, seja qual for a minha decisão, confio na Providência Divina.

– Faz bem, filho, mas lembro-lhe ser uma sentença teológica que a Providência não supre a inteligência dada por Deus. Se Deus não a deu, na medida do necessário, a Providência complementar, mas se Ele o dotou com inteligência suficiente para o equacionamento de certos problemas, a Providência não a suprirá, pois Ela está, exatamente, em lhe ter dado a inteligência necessária. Use-a, portanto, Fábio, da melhor forma possível!

– Certo, padre! Não me esquecerei da lição. Agora, devo ir. Agradeço as suas orações. Pedi a Glória que lhe telefonasse na ocorrência de qualquer problema.

E isto dizendo, levantou-se, no que foi acompanhado pelo padre, dirigindo-se ambos à porta, passando pelas salas de jantar e de visita, pois haviam tomado café na cozinha, como era hábito do padre Márcio.

Após um abraço e um aperto de mão, Fábio deixou o sacerdote amigo, abriu a porta de seu carro, nele entrando de golpe como sempre fazia, e, depois de um último aceno, partiu em direção ao aeroporto.

Fruía calma interior tão profunda, como há muito tempo não sentia. Era como se a missa e a palestra, em vez de suscitar novos problemas e maior angústia, lhe tivessem transmitido a certeza de que trilhava a rota certa, na busca do caminho para melhor servir a Deus, servindo aos seus, pelo exemplo da ação empreendida.



## Segundo Capítulo



Fábio parou o carro dentro da oficina de João, que mal acabara de abri-la.

– Como vai, Doutor Fábio? Algum problema com o carro?

– Não, João! O carro está bem, mas, para que continue assim, vou deixá-lo com você, a fim de que faça a revisão dos dez mil quilômetros, rodízio dos pneus e reparo geral. Gostaria ainda que você retocasse a funilaria. Vou precisar do carro daqui a dois dias.

– OK. Está de viagem, doutor Fábio?

– Sim, vou a Brasília. Se tiver alguma dúvida a respeito do carro, telefone para dona Glória, em casa. Certo, João?

– Certo!

– Até logo, João.

– Até logo, doutor Fábio! Boa viagem!

A oficina ficava em frente ao aeroporto e Fábio habituara-se a servir-se dela, há cinco anos, sempre que viajava.

Tomando as malas, atravessou a rua e, sem se utilizar de carregador, buscou o balcão da VASP. Atendido por uma jovem bonita e de voz educada, profissionalmente, para esse tipo de trabalho, entregou-lhe a passagem que, depois de anotada, lhe foi devolvida acompanhada de uma ficha.

– Embarque dentro de trinta minutos, pelo portão dois A.

– Obrigado! disse Fábio, e, tomando a maleta de mão, já que a maior ficara no balcão, dirigiu-se à livraria do aeroporto.

O Natal aproximava-se e as lojas ali instaladas começavam a preparar-se, comercialmente, para a grande festa cristã, exibindo lembretes destinados a atrair o público.

Esta mercantilização do Natal trouxe a Fábio a lembrança de como, nos dois últimos anos, ele e sua família haviam, pela primeira vez, vivido a festa de Cristo de forma autêntica, simples e profunda, comemorando o aniversário de Jesus na humildade e paz de espírito que Aquele Irmão Eterno desejaria.

Que diferença entre a sua vida conjugal e familiar atual e a dos primeiros anos de casado! Principalmente, daquele quarto ano, quando...

– 2 –

– Doutor Fábio, esse é o meu caso! E isto dizendo, a mulher cruzou as pernas bem modeladas, dando a perceber generosa e propositalmente, mas apenas de relance, que eram pernas bem feitas em toda a sua extensão.

Fábio olhara a cliente bonita e que chegava ao final da faixa dos vinte anos, procurando compreender a sua intenção, já que a história contada fora fácil e legalmente compreendida. Tendo terminado de narrá-la, a cliente postou-se em posição de escuta, aguardando a manifestação de Fábio sobre o problema exposto, o que o obrigou a romper a meditação e dizer:

– Dona Marta, o problema parece simples, do ponto de vista do advogado. A senhora não vive com seu marido, que abandonou o lar há mais de dois anos. Não obstante, ele provê seu sustento. A senhora pretende o desquite e tem fundamentos para obtê-lo, mesmo litigioso. Seu marido, todavia, também deseja o desquite, de maneira que será mais fácil alcançá-lo amigavelmen-

te, podendo inclusive, constituírem ambos o mesmo advogado. O problema resume-se na partilha dos bens, mas a senhora acredita não venha a existir embaraço quanto a isso. Assim sendo, se desejar que me encarregue do caso, não terá senão que me passar a devida procuração e trazer-me a documentação exigida, ou seja, certidão de casamento, relação de títulos imobiliários, relação de bens e outros papéis que lhe indicarei. Se, porém, o que deseja é apenas o conselho jurídico, ele aí está, podendo a senhora contratar os serviços de qualquer profissional habilitado, que procederá, sem maiores dificuldades, ao desquite amigável.

– Doutor Fábio, agradeço a liberdade que me dá, mas desejo que o senhor cuide do caso.

– Então, só terá que trazer os documentos demandados amanhã pela manhã.

Foi quando, sem aparentar ter premeditado a situação, ela propôs:

– Bem, doutor, como é fim de expediente, o senhor se incomodaria de acompanhar-me à casa e apanhar os documentos? Poderia, inclusive, melhor do que eu, relacionar os que sejam necessários.

Era o dia 23 de dezembro e Fábio prometera à família levá-la aquela noite à cidade, a fim de que seus dois filhos vissem as decorações das lojas, as luzes e Papai Noel.

Fábio timbrava em cumprir promessas. A visitante, todavia, estava sugerindo o que ele ansiara desde o início da conversa e que poderia ser melhor sentido em casa da cliente. Afinal, ia para três meses que não vivia uma aventura extra-conjugal, razão pela qual,

talvez valesse a pena não perder tão prometedora oportunidade. Mesmo porque sua esposa recebia toda consideração e ele não deixava faltar nada em casa. Em tal situação – raciocinou, justificando-se – a aventura não constituiria falta grave. Aliás, talvez nem falta fosse, porque, enfim, a esposa não desconfiava e ele se considerava suficientemente inteligente para fazer com que nunca desconfiasse. O único entrave era a promessa do passeio noturno, pois, mesmo em tais circunstâncias, aborrecia-o não cumprir o prometido. Buscou uma evasiva. Havia ainda tantos dias para levar a criançada à cidade! Ficaria para mais tarde!

Vencida a barreira frágil dos escrúpulos, foi com um sorriso que respondeu:

– Não há dúvida, dona Marta!

– Marta, por favor.

– Certo, Marta. Apenas vou telefonar para casa, avisando que chegarei mais tarde. Poderemos sair em seguida!

Ela habitava em pleno Jardim América.

Fábio deteve o carro junto ao portão e, tendo saltado, apressou-se em auxiliar Marta a descer, gesto que ela aceitou e agradeceu.

Entraram, e, depois de Marta haver-se feito anunciar e comunicado à empregada não querer ser incomodada, instalaram-se na sala de estar.

Ela iniciou a conversa com uma frase inócua:

– Fábio, sua vida de advogado parece ser excitante, hein?

Ele decidiu negacear:

– Não muito, Marta, diria mesmo que raramente o é.

– Mas, como? Processos difíceis, testemunhas ardilosas, audiências com grandes juízes, a defesa de pessoas que cometeram

crimes ou são acusadas de tê-los cometido! Tudo isso deve ser tremendamente excitante!

Então Fábio decidiu esclarecê-la:

— Marta, creio que você confunde a advocacia que pratico com a advocacia criminal e esta... com fantasia. A minha advocacia, de fato, é repleta de surpresas e pode ter semelhança em alguns momentos, com os casos criminais mais notáveis. Mas o seu maior teor de excitação é o de fixamente lutar num plano intelectual de teses novas de um ramo do direito que só agora se firma, o direito tributário. Não desejo aborrecê-la, mas poderia resumir a minha profissão no seguinte: o Estado é uma máquina que cresceu muito, desde quando os primeiros grupos do homo sapiens organizaram-se em sociedade. O mundo moderno concedeu tantos poderes ao Estado que o fez onipotente. A manutenção dessa máquina é dispendiosa e necessita da colaboração, voluntária ou não, dos que vivem sob sua tutela. A maneira mais fácil de cobrar tal colaboração é pela coleta de tributos. Assim o Estado recebe impostos de seus tutelados, impostos que são fixados e regulados por leis. Cada vez, entretanto, que o Estado exorbita de suas funções e reclama tributos além do fixado em lei, o que torna a cobrança ilegal ou injusta, o contribuinte pode defender-se e lutar para não pagar o que não deve. Necessita, em tal momento, de um defensor.

Sou um dos defensores especializados de que o contribuinte dispõe. Minha função é, portanto, buscar desfazer, no campo dos tributos, o desequilíbrio provocado pela intervenção do Estado mediante exigências ilegais. Meus adversários são os diversos Fis-

cos. E a repercussão das defesas que faço está limitada a essa área, quase sempre sem o sensacionalismo próprio das grandes questões criminais. Como vê, minha cara Marta, do ângulo profissional eu não poderia satisfazer ao seu desejo de conhecer alguém que leve uma vida continuamente excitante.

Mudando a postura e o tom de voz, ela mostrou o seu jogo:

– Mas quem sabe poderá satisfazer-me, transformando uma vida de solidão em algo excitante, ainda que por alguns momentos!

Fábio decidiu aceitar a jogada e investiu:

– Marta, você é uma menina que não mascara as suas intenções.

Não havia mais o que ocultar:

– E de que valeria mascará-las para você?

– Que quer dizer?

– Que você, um advogado perspicaz e objetivo, não deve apreciar artifícios inúteis e encenações de ingenuidade.

– Bem, confesso que uma atitude assim não é comum. Por exemplo, não a perturba saber que sou casado e pai de dois filhos? Não poderia suceder que a minha vinda à sua casa, longe de significar aceitação a um convite tácito, visasse conhecer melhor a minha cliente, sem outras intenções ou compromissos?

– À primeira pergunta respondo que seu estado civil não me causa nenhum remorso. Presumo que você seja bom marido e bom pai, e ao mesmo tempo um bom caçador de aventuras. Posso insistir em que você é um dos que conseguem harmonizar perfeitamente esses mundos contraditórios. Em relação à segunda, sei que você veio pelos documentos, mas visando também aventura.

Tal cinismo não o chocou, mas ele encontrou atrativo em prolongar um pouco mais o diálogo excitante.

– Parece que eu sou o cliente e você a advogada. E as suas conclusões a meu respeito, dado o conhecimento recente, são corretas a ponto de eu poder supor que algum conhecido comum lhe deu informes sobre o meu modo de ser. Creio que vamos nos dar muito bem, mormente porque agora tenho a comprovação do que presumi no primeiro momento, isto é, que você é uma caçadora de aventuras ainda maior do que eu e que, como eu, conhece e respeita os limites exatos em que estes safáris pelas florestas sentimentais são permitidos.

Com tais palavras estabelecia as condições para o prosseguimento da aventura.

E, tendo-o feito, aproximou-se de Marta para, em um gesto estudado e elegante, abraçá-la e beijá-la longamente. Depois, recostou-se na poltrona ao lado dela, esquecido de que era o dia 23 de dezembro e de que seus filhos, em casa, aguardavam-no para o passeio prometido à cidade iluminada, às vésperas do Natal.

– 3 –

– Fábio?! Quanto tempo?!

– Reinaldo, meu querido! respondeu Fábio, interrompido nas suas meditações, enquanto se voltava para o amigo e o abraçava com a alegria do reencontro – quanto tempo mesmo! Como vai a família?

– Às maravilhas! E a sua, Fábio?

– Bem, graças a Deus!

Depois das expansões iniciais, os dois amigos olharam-se calados, como à procura de um assunto. Reinaldo foi quem interrompeu o silêncio, jovialmente:

– Então, Fábio, é verdade que abandonou a política?

O assunto não era agradável, mas Fábio não fugiu a ele:

– É verdade. Vai para três meses e posso garantir-lhe que não me arrependo de tê-lo feito.

Reinaldo era curioso e insistente.

– E que o levou a esse gesto?! Você ia muito bem, não ia?

Uma série de motivos. Ou, melhor dizendo, falta de motivação para continuar fazendo política nos termos tradicionais e impossibilidade de fazê-la em termos de renovação.

– O que ouvi, entretanto, é que, enquanto dirigia o partido democrata em São Paulo, você conseguiu inovações interessantes e que deverão fazer escola.

– Inovações estas, meu caro, que não terão nenhuma validade se não houver reformulação total de nossa legislação eleitoral.

– Geralmente se considera que a legislação atual é falha. Mas você a considera ruim assim?

– Penso que não poderia ser pior. Uma legislação que permite a analfabetos, trapaceiros, golpistas de toda espécie, milionários mal intencionados e variada sorte de usufrutuários da causa pública exercerem mandatos populares conquistados pela burla, pela fraude e por outros meios, sem que haja qualquer espécie de controle, tem, necessariamente, que ser a pior do mundo.

– Uhn! Alguém poderia dizer que, ao condenar assim as nossas instituições, você estaria dando vazão a recalques!

– Talvez! Se houver recalques será o de, apesar do meu esforço e do esforço do meu grupo, não haveremos podido conformar uma legislação que nos permitisse fazer política decente. Porque, da maneira como as coisas estão, ou o homem se faz indecoroso em política, ou simplesmente não faz política.

– Meu caro, se não o conhecesse bem, eu me declararia ofendido, pois afinal sou deputado no exercício de um mandato popular!

– É claro, interrompeu Fábio – que não me refiro a você, exceção, pelo estilo de probidade, no mar de lama que campeia pelo Brasil afora. Com todo o seu extraordinário amor à causa pública, não consegue fazer algo de útil por não conseguir transpor a muralha erguida pelos corruptos, pelos egoístas e pelos anti-democratas que constituem o nosso governo, isto é, o que restou de nossas instituições.

– Pelo menos, meu caro Fábio, eu não abandono a luta, como você fez! observou Reinaldo, com um sorriso malicioso.

– Nem por isso obtém resultados melhores. O ambiente que cerca os nossos poderes Legislativo e Executivo é de tal ordem que tanto faz lutar contra ou não lutar, que os resultados são igualmente nulos. E o Poder Judiciário, que com todas as suas deficiências é ainda o melhor dos três, transformou-se no grande impotente, incapaz de reagir à derrocada do regime.

A essa altura, foram interrompidos pelo alto-falante do aeroporto, que chamava os passageiros com destino a Brasília. Diri-

giram-se para o portão de embarque. Reinaldo, encontrando-se com os deputados de seu partido, despediu-se de Fábio, que entrou na fila formada segundo os números das fichas.

Uma vez no interior do avião, Fábio acomodou-se na parte dianteira, junto a uma janela, e, com a face quase encostada ao vidro, preparou-se para, até o final da viagem, defender o seu silêncio e o seu raciocínio contra a irremediável futilidade das palestras travadas em tais ocasiões com o desconhecido que vem a ocupar a poltrona ao lado.



## Terceiro Capítulo



– O cavalheiro fuma? – perguntou voz feminina, e Fábio, percebendo interrompidos o silêncio e as meditações, voltou-se, contrariado, para responder. Deparou com formosa loira, de um loiro certamente natural, talvez entre os vinte e cinco e os trinta anos, sofisticada mas sem chegar a ser o tipo de mulher fatal, que lhe estendia o cigarro em atitude de quem espera vê-lo acendido pela pessoa ao lado.

A primeira intenção de Fábio foi a de dizer que não fumava e não trazia fósforos. Mas, lembrando-se de que, provavelmente, iria fumar cachimbo, resolveu apanhar os fósforos e acender o cigarro estendido sem pronunciar palavra.

– Muito obrigada! Murmurou a loira, agradecimento acompanhado por um sorriso que era convite para início de entendimento.

Fábio, entretanto, não estava disposto a conversar e, aceitando o agradecimento com uma inclinação de cabeça, voltou à atitude anterior.

Entretanto, perdera a tranqüilidade. Sentia a presença da loira ao lado, assim como, apesar de haver procurado dar a impressão de desinteresse no acender o cigarro, sentia-se algo inibido.

Tentou, inutilmente, concentrar o pensamento na causa que iria defender, e quando percebeu a impossibilidade de fazê-lo, tomou um livro, disposto a ler a fim de manter o silêncio e o afastamento da loira.

Antes, porém, de executar o planejamento, recuou da idéia, ao pensar que, então, ela poderia perguntar-lhe algo sobre o livro, obrigando-o a entabular a conversação que lhe parecia extremamente constrangedora.

Lembrou-se de que, se abaixasse a poltrona, talvez conseguisse dormir e, dessa forma, evitar a conversa que temia, tão grande era a timidez que o assaltara nos últimos anos em relação a esse tipo de convívio.

“Tímido” – passou a raciocinar Fábio – não era bem a palavra. Melhor seria dizer “destreinado”, já que sua motivação na vida passara a ser outra, que não aventuras. Tornara-se, como ali se dava conta, um homem desatualizado no trato com as moças, mormente as bonitas e ousadas.

Decidido a tentar dormir, baixou a poltrona, recostou-se na almofada cinzenta e buscou o embalo para o sono na serenidade do vôo tranqüilo acima das nuvens.

– 2 –

– Tomei a liberdade de acordá-lo, pois a aeromoça vai servir o lanche! – fez-se ouvir voz feminina a seu lado.

E Fábio, que não conseguira dormir, foi obrigado a abrir os olhos e encarar a loira sorridente que assistia a aeromoça igualmente sorridente, a estender-lhe o lanche.

– Obrigado! murmurou ele, sem conseguir disfarçar o seu desconforto enquanto olhava de soslaio para a senhora ou senhorita ao lado a exhibir um sorriso triunfante, porém amistoso, convidativo, que a seguir o ajudara a arrumar a mesinha correspondente e a colocar ali a bandeja da refeição.

Começaram a comer em silêncio, e Fábio sentiu que o silêncio estava a tornar-se intolerável, criando-lhe a obrigação de dirigir algumas palavras à companheira de travessia, sob o risco de tornar-se indelicado.

Estava quase a fazer um comentário banal quando lhe ocorreu que fora retirado de seu pseudo-sono e que, ao acordá-lo, ela

cometera indelicadeza, não ele. Em decorrência desse raciocínio, não lhe caberia o dever social de puxar uma conversa banal e sem sentido, que, certamente, tomaria o resto da viagem.

Assim pensando, resolveu continuar a comer em silêncio, retomando a sua serenidade anterior e decidido a, após a refeição, voltar à tentativa de dormir.

A mulher pareceu, todavia, ler o seu pensamento e decidiu tomar a iniciativa:

– O senhor vai a Brasília a negócios?

– Sim.

– Permanecerá muito tempo lá?

– Dois a três dias.

– É político, por acaso?

– Não.

– Qual é a sua atividade, se não for indiscreta?

– Advogado!

– Ah! Então vai fazer alguma defesa? Ou estudar algum processo?

– Algo assim, de fato!

– Decididamente, o senhor não gosta de falar. Não continuarei a aborrecê-lo com as minhas perguntas.

Isso dizendo, com o sorriso a que Fábio começara a acostumar-se, concentrou-se na sua bandeja.

Fábio sentiu-se golpeado. Afinal, era um homem educado. E a situação estava a tornar-se insustentável.

Posto no dilema de passar recibo de sua indelicadeza ou de capitular, renunciando ao silêncio, preferiu esta alternativa. Sabia, entretanto, que a vizinha de poltrona, com aquele arrojo armara a armadilha para obrigá-lo a uma conversa cujo remate ele não podia prever, embora o adivinhasse tremendamente

conseqüente. Tudo isso passou por sua mente em uma fração de segundos.

– A senhora não há de desculpar-me, – disse, por fim, – mas não está me aborrecendo. Apenas, sou lacônico por natureza (e sabia estar dizendo uma mentira). Em meu silêncio não há animosidade, contra a senhora, acredite.

– Compreendo perfeitamente, doutor...

– Fábio, ao seu dispor!

– Meu nome é Maristela, sou solteira, psicanalista em férias e em viagem!

O tom de sua voz tinha um toque de ironia sem agressividade.

Fábio riu despreocupadamente, retomando o autocontrole.

E retorquiu:

– E o meu nome é Fábio Carvalho dos Santos, casado, quatro filhos, advogado, ex-político e futuro desempregado.

Feita a inusitada apresentação, riram já no limiar da intimidade.

– Futuro desempregado?!

– Num futuro que nem eu e menos a senhora conhece.

– O senhor é misterioso!

– Não tanto quanto o que nos circunda.

– Lembre-se de que sou psicanalista e costumo interpretar o que recebo como material da psique humana.

– Ah! Então, comentou Fábio em tom galhofeiro, para não ser desumano psiquicamente, empregarei o estratagema de lançar material disperso para que a senhora, tendo que escolher um dos diversos caminhos que lhe apresento, não siga o verdadeiro!

– Com medo de que eu o encontre?

– Não. Movido apenas pelo desejo de poupar-lhe o trabalho de descobrir, é óbvio.

– Não entendo.

– Como psicanalista, deveria facilmente entender-me.

– Como assim?

– Acostumada com o trato de doenças mentais ou neuroses, deve a senhora reconhecer quando alguém está a defender-se, a fugir, ou meramente a testar o interlocutor, ou quando se apresenta tal qual é.

– Se o senhor conhece a psicanálise, sabe que não se deve concluir depressa, com reduzido material de análise, sob o risco de concluir erroneamente.

– Nisso reside a grande diferença entre a psicanalista e o advogado. Este necessita correr esse risco, principalmente porque, não o fazendo, pode pôr a perder os interesses que lhe são confiados.

– O senhor está estendendo uma cortina de fumaça à minha aproximação?

– Ah! Ah! Ah! A senhora está tirando conclusões apressadas, mais próprias de advogado do que de psicanalista!

– Tanto não estou concluindo, que pergunto, não afirmo.

– É que certas perguntas valem como afirmações!

– Tal afirmação quem faz é o senhor. Eu não!

– Ah! Mas foi a senhora que a preparou para que eu a visse dessa forma. Queria que eu concluísse e concluí.

– Talvez, sorri Maristela – mas a sua posição é a de não revelar nada, a não ser quando perguntado diretamente, sem rodeios.

– Revelar o que?

– O que o senhor é, no íntimo!

– A senhora evolui com a rapidez e malícia de um advogado e com bem pouca serenidade de cientista.

– É que estou lidando com um advogado!

– E eu com uma psicanalista que conheci num avião; que me forçou a sair do meu silêncio, quando, pelos padrões mundanos, deveria ter sido eu a fazê-la sair do seu; que de saída buscou analisar-me e que está a julgar cada uma de minhas palavras. Uma psicanalista que, assim procedendo, sabe exatamente por que o faz e o que deseja, ainda que seu desejo momentâneo seja o de um bate-papo. De meu lado, entretanto, levado que fui a uma conversa inteligente, por uma mulher inteligente, não sei ainda o papel que estou desempenhando. Sei apenas que desempenho um papel. Pergunto, pois, por que haveria de revelar o meu íntimo, se é que este íntimo existe, nos termos precisos em que a senhora deseja vê-lo revelado?

E isto dizendo, sorriu, sentindo que se pusera a cavaleiro da situação.

– Puxa, até parece que o senhor está sendo submetido a um interrogatório e busca não comprometer-se.

– E quem diz que não o estou?

– Como é possível encontrar alguém tão decididamente defensivo como o senhor?! Chega a transformar um inocente e inseqüente diálogo em uma batalha de tribunais!

Durante a pausa que se seguiu, Fábio olhou para Maristela, cuja fisionomia não lhe pareceu tão natural quanto no início da conversa. Resolveu encerrar o assunto.

– É que, minha cara, não tenho prática em conversar com mulheres, principalmente quando bonitas e inteligentes. E como estou convencido de não possuir nada que possa despertar o interesse delas, prefiro manter a posição que você decididamente chama de defensiva. Estou habituado com ela e ela me faz bem!



## Quarto Capítulo



A paisagem, em baixo, descerrava, monótona e contínua, o verde-marrom característico do planalto central brasileiro, onde a terra marrom dá o tom de sua presença ao lado da vegetação média, que recobre a vasta extensão daquele território até então pouco explorado.

Após haver encerrado a conversa de forma desconcertante, Fábio voltara-se para a janela e observava o panorama. “Se o tom dominante fosse o branco amarelado, bem poderia passar por uma paisagem africana!” – pensou, obrigando-se a pensar algo.

Depois, fixou-se em que tal semelhança existia de fato, eis que àquela altura a similitude era reforçada pela ausência de vida humana. Não se viam casas ou povoados a assinalar a presença pioneira do brasileiro no sertão.

O progresso que a Nação conhecera após a guerra, derivado mais de um processo de industrialização inusitado do que mérito da administração do país, estava a conhecer um período de crise, que preocupava mesmo aos mais otimistas homens de negócios.

O progresso, entretanto, fora litorâneo, restrito às grandes indústrias na costa de São Paulo, às margens do planalto que se levantava sobre o litoral santista, sem que chegasse a ultrapassar, salvo em raras exceções, a barreira de uma faixa de terra que ligava o norte ao sul do Brasil.

Sempre que viajava para Brasília e que o céu sem nuvens possibilitava a visão das extensões inabitadas, tal sensação de desânimo e de esperança dominava-o. Desânimo pelo muito que se poderia fazer e não se fizera, e esperança pelas imensas possibilidades de conquista do Brasil para os brasileiros.

Todavia, enquanto o espírito dos governantes e da elite empresarial não fosse modificado, seria inútil qualquer tentativa de melhora. Aqueles, preocupados com seus próprios interesses mais do que com os interesses nacionais, e esta concordando e apoiando aqueles, desde que seus privilégios fossem mantidos.

O pequeno número dos que, em ambos os campos, lutavam pela modificação do “statu quo”, não lograra até então resultados dignos de menção, constituindo-se em reduzido pugilo de heróis agredido pelas vagas de corrupção, lutando para não ser levado de vencida.

Era óbvio que tal situação não poderia levar a Nação a melhores destinos. Ao contrário, estava a acelerar processo revolucionário, de conseqüências difíceis de prever.

No panorama político brasileiro, ao lado dos maus governos e da elite omissa, estendiam-se plantas rasteiras de correntes extremistas que visavam, pelo ativamento do processo de decomposição das instituições, a implantação de regimes ditatoriais, de esquerda e de direita, o que levava o caldeirão político nacional a um perigoso ponto de fervura, com risco de entorná-lo sobre o povo sofredor.

Esta sistemática e criminosa utilização do povo como escada apta a fazer alcançar desígnios pouco meritórios, era o que mais preocupava Fábio. Em suas idealizações, via no povo a encarnação do próprio Cristo sofredor e, na sua “Via Crucis”, aquela que o Divino Mestre percorrera havia dois mil anos.

Sentia-se, pois, homem impulsionado a integrar-se mais e mais no espírito do trabalhador humilde, do intelectual mo-

desto, do professor desprezioso, do camponês esquecido, do profissional liberal insuficientemente remunerado, do operário automatizado, do empresário descapitalizado, enfim, de todos os que erguiam a seu Deus, no sofrimento padecido dia-a-dia, o seu contributo de veneração ao Cristo dos desamparados, ao Cristo Verdadeiro, ao Cristo-marceneiro, vivendo embora no século da máquina e da técnica, levadas às últimas conseqüências da desumanização.

Por tal razão, como advogado, abandonara a defesa dos grandes interesses junto a juízes ligados ao comportamento de um governo que se desmoralizava sempre mais. E, em troca desse abandono, modestamente aceitara a causa quase sem esperanças de um grupo de pequenas e médias indústrias do maior Estado da União, na luta contra o Fisco controlado por empresários que haviam elegido o governo e dele participavam. O certo seria dizer – ele costumava afirmar – que tal grupo “teleguiava os destinos de São Paulo”.

Por esta razão a sua luta era autenticamente cristã e a sua vitória deveria ser vitória de Cristo, enquanto sua derrota provaria a necessidade de renunciar a uma profissão que se teria tornado instrumento de poderosos na realização de projetos egoístas e anti-sociais, quando não imorais e criminosos.

A convicção de Fábio sobre o destino de sua causa e a atitude que deveria tomar fosse qual fosse o resultado do julgamento era inabalável. Sabia que seus clientes dependiam de sua atuação tanto quanto ele e a sua sorte estava ligada, definitivamente, à sorte de seus clientes.

Brasília surgiu no horizonte qual parede de edifícios iguais, branquejando no deserto de habitações que, por mais de hora, constituíra a visão dos passageiros.

O avião aproximou-se rapidamente da cidade e, após havê-la ultrapassado, voando já em baixa altura sobre o lago artificial, dirigiu-se para o outro lado da capital, onde pousou tranqüilamente sobre a pista de concreto do Aeroporto Internacional Novacap, como era denominada a recém-construída cidade.

Fernando, advogado que militava em Brasília como correspondente de Fábio, já o esperava junto à cancela que separava o salão de espera da porta de entrada.

Assim que distinguiu Fábio, Fernando acenou e o recém-chegado retribuiu com movimentos de cabeça.

– Bem vindo! Fez boa viagem?

– Boa! Obrigado! E como vai você, meu caro?

– Gozando dos bons ares planaltinos e na expectativa de sua grande sustentação oral.

Fábio respondeu com um sorriso à alusão lisonjeira do amigo e dirigiu-se, precedido por Fernando, para o carro deste.

Recebidas as malas, o Volkswagen azul partiu rumo ao hotel.

– Reservei quarto no Nacional. É o mais tranqüilo e sei que nos próximos dias você necessitará de tranqüilidade. Será também o quartel-general de nossas operações de abordagem aos ministros do Supremo. Hoje, o Hotel-Nacional é o centro político e social desta nossa já imensa, mas ainda pouco humana capital.

– OK! Se acha que é o melhor, estou de acordo. Você, meu caro Fernando, lidera as manobras. A minha função é apenas lutar, operando em um terreno aplainado por você.

Brasília era uma cidade sem problemas de trânsito, já que as ruas não se cruzavam, razão pela qual o carro de Fernando atingiu o centro em poucos minutos, não obstante a grande distância entre o aeroporto e o centro comercial brasiliense.

O Hotel Nacional, recentemente construído, era o melhor da capital, com imponente entrada de pedras e mármore e enorme porta de vidro rayban. Parado o carro, rapidamente um rapaz do hotel aproximou-se do veículo, abrindo a porta e permitindo que Fábio saísse:

– O cavalheiro já reservou apartamento?

– Sim! – respondeu Fernando – em nome do doutor Fábio Carvalho dos Santos.

– Enquanto descarrego as malas, os cavalheiros poderão preencher as formalidades na portaria.

Fábio e Fernando dirigiram-se à recepção, apresentaram-se, Fábio recebeu uma ficha alaranjada para ser preenchida com seus dados pessoais e começou a contemplá-la.

Tendo terminado, entregou-a ao recepcionista, que lhe estendeu a chave e acenou para o rapaz que levava as malas, o qual pediu aos dois que o acompanhassem.

Junto do elevador o carregador apertou o botão de chamada, olhando para o indicador luminoso que indicava a velocidade das descidas e paradas.

A porta abriu-se e Fábio viu sair um cidadão de metro e oitenta de altura aproximadamente, com talvez cem quilos de peso,

aparentando quarenta anos e que o fitou fixamente, por segundos, para depois, sem outra demonstração de reconhecimento, continuar o seu caminho.

Fábio acompanhou-o com o olhar até a portaria, enquanto Fernando, já no elevador chamava:

– Então, Fábio, não sobe?

– Oh! Perdão!

– Você e aquele homem se conhecem?

– Sim.

– Mas não se cumprimentaram!

– Nunca o fazemos.

– Quem é?

– O mais sórdido, inteligente e perigoso adversário que já defrontei.

– Tem alguma relação com a causa que você vai defender?

– E bem grande! É quem controla o truste industrial que levou o Governo do Estado a executar meus clientes, visando com isso eliminar a média e pequena indústria que ainda concorrem com seu império.



## Quinto Capítulo



– Vossa excelência há de nos perdoar perturbá-lo em sua própria casa, mas como a questão é de vital importância para a sobrevivência de uma ponderável parte de um ramo industrial paulista, tomamos esta liberdade.

– Não há incômodo algum! Estou às ordens!

E isto dizendo, o Ministro Haroldo Queiroz cruzou as pernas, na poltrona branca de sua vasta sala de recepção, num dos apartamentos que o Governo Federal colocava à disposição de seus colaboradores mais diretos. E com essa atitude demonstrou compreender que a exposição não seria breve e que deveria ser de real importância.

Fábio expôs a tese jurídica, os fatos pertinentes à mesma, o estrangulamento da parcela industrial atingida, os objetivos suspeitos do Governo Estadual controlado pelo truste interessado em resultado contrário à sua defesa e o fatal desaparecimento do grupo que representava, viesse o Estado a ganhar aquela questão.

Após a exposição, que durou vinte minutos, Fábio terminou:

– E isto, Senhor Ministro, em linhas gerais, resume o problema a ser debatido dentro de dias, no Supremo.

– A questão não é simples e apesar de sua versão ser bastante clara, não tomei conhecimento da outra, a apresentada pela Fazenda.

– Compreendemos que Vossa Excelência só a conhecerá no dia do julgamento, e foi exatamente por acharmos que a matéria merece análise prévia e esclarecimento maior, que viemos. Não

pretendemos obter um pré-julgamento, mas simplesmente fornecer por antecipação uma série de elementos que Vossa Excelência só obteria no momento de julgar, podendo inclusive, então, faltar objetividade aos mesmos, eis que a minha sustentação oral não poderá ultrapassar quinze minutos e estou receoso de que, dentro desse tempo, não consiga resumir o vasto material que constitui o caso “sub judice”.

– Os senhores poderão, todavia, pedir dilatação de prazo para a sustentação.

– E se não no-la concederem?

– Isso eu lhes posso adiantar que obterão. Têm desde já o meu parecer favorável à concessão.

– Agradecemos essa posição de Vossa Excelência, que nos será de muita utilidade.

– Não posso todavia assegurar-lhe mais do que isto.

– Também compreendemos a cautela de Vossa Excelência.

– Eu diria que, mais do que cautela, trata-se de tendência, que considero legítima, de sempre ver na coisa pública maior razão de defesa que na privada. É possível que, depois de dezenas de anos de magistratura, eu me tenha fixado um pouco demais nessa perspectiva. Acho, entretanto, que o poder público tem sempre menor possibilidade de uma boa defesa do que o particular, o qual pode, inclusive, contratar bons advogados, enquanto o Governo utiliza-se de funcionários de carreira, nem sempre tão entusiastas na condução de suas causas quanto os causídicos particulares. Sei que esta opinião corre o risco de uma excessiva generalização. Todavia ela prevalece para a maior parte dos casos, não obstante o

grande número de exceções que poderia indicar situar-se a verdade em outro caminho. Ademais, considero que uma injustiça, acaso cometida contra um pequeno número de particulares, é preferível a uma injustiça feita à coletividade, representada esta pela “res publica”. Não quero que os senhores tomem esta minha posição como um pré-julgamento, mas sim como uma certa orientação geral aplicável em todos os casos, suscetível de modificações particulares em cada caso.

– Vossa Excelência expôs um ponto de vista plenamente justificável, que aliás tenho reconhecido, principalmente através dos votos de Vossa Excelência nas questões sobre diversos Erários e contribuintes rebelados. Gostaria, todavia, de justificar, se Vossa Excelência não julgar impertinente, a razão fundamental por que, hoje, trato apenas de advocacia tributária. Penso que, sob regimes nos quais os governos representam as reais aspirações populares e onde os dinheiros públicos não sejam malbaratados, seria eu por certo um defensor da tese tão bem exposta por vossa excelência. Não posso, no entanto, ser tal defensor neste momento de vida nacional, quando, a par de uma voracidade fiscal inédita em todo o globo, os diversos Fiscos buscam equacionar os problemas da má administração dos dinheiros públicos através de uma crescente tributação, compensando assim os déficits orçamentários com impostos e taxas sempre mais elevados. Dessa forma, o contribuinte vê-se freqüentemente necessitado de recorrer à justiça a fim de defender-se contra essa avalanche tributária, principalmente quando as leis feitas com o açodamento que se tornou rotina, vêm eivadas de inconstitucionalidade. Em que pese o risco da afirma-

ção e a responsabilidade respectiva, Vossa Excelência sabe tão bem quanto eu que a maior parte das leis tributárias são oriundas de dois esforços: o primeiro, dos Governos que, necessitando maiores rendas para cobrir sua incapacidade administrativa, lançam mais impostos; e o segundo, dos grupos particulares poderosos que modificam, inclusive através de pressão sobre legisladores, aqueles dispositivos que mais lhes interessam. As nossas leis tributárias são, portanto, em sua maior parte, para não dizer em sua totalidade, colchas de retalhos repletas de contradições e de erros formais e essenciais de técnica legislativa. A grande maioria dos contribuintes, todavia, que não teve nenhuma participação no processo de elaboração das leis, vem a suportá-las, acrescentando para finalizar que todas as leis fiscais são previstas para uma economia estável e não para vigorarem dentro de um surto inflacionário como o que atravessa o país. Se Vossa Excelência o permitir, citarei um exemplo. Manda a lei do imposto de renda que os lucros anuais superiores a 30% do capital, mais reservas, sejam tributados como lucros extraordinários, com elevado adicional. Admitindo-se que uma firma tenha declarado, no ano passado, 100 milhões de capital e mais 100 milhões de reservas, não poderia seu lucro tributário ultrapassar 60 milhões de cruzeiros. No entanto e na realidade, durante o ano passado o dinheiro desvalorizou 100%. Vale dizer, os 200 milhões de capital da firma e o lucro na base de 30% perderia em substância 70%. Assim sendo, a fábrica que tivesse 100% de lucro não teria ganho nem perdido durante o exercício. Quem, todavia, tivesse 30% de lucro, perderia 70%. A nossa lei, não obstante, entende que 30% é um lucro

enorme e tributa excesso!!! Compreende-se então que, num regime inócuo como este, as empresas vêem-se obrigadas a encontrar soluções outras, descarregando despesas inexistentes a fim de baixar ou eliminar o lucro tributável. E isso porque, se fossem seguir a lei à risca, firma alguma suportaria mais do que uma declaração ou um ano de existência. Seriam obrigadas a declarar: "Falidas por cumprimento da lei". E, para minorar esta situação que é do conhecimento geral, nenhuma providência lúcida é tomada pelo Governo, que segue desmoralizando-se e às instituições que deveria preservar. Esta é a razão, Excelência, por que se reputam legítimas certas posições assumidas pelos contribuintes, mesmo sem querer considerar que representam eles também a coletividade, representação que os governos não exercem, principalmente quando se esmeram na dilapidação do patrimônio público.

O Ministro, que ouvira atentamente a exposição, fez um gesto e opinou:

– A tese do causídico é bem violenta e não sei se poderia ser exposta facilmente em todos os meios. De qualquer forma admire-o pela coragem de tê-la explanado aqui, sabendo que adoto a tese contrária, acrescentando ainda a circunstância de que o senhor não me conhecia até esta data.

– Mas eu conheço Vossa Excelência de há muito, como um dos magistrados mais dignos desta Nação, dotado de suficiente elevação para ouvir as opiniões divergentes sem se indispor contra os que as expõem. Essa notória virtude de Vossa Excelência é que me permitiu dizer o que disse, já que, de antemão, sabia que não está prejudicando a causa que defendo.

– De qualquer forma permanece minha opinião a respeito de sua coragem. Prometo examinar a questão com toda a imparcialidade e atenção que sua importância exige. Qualquer que venha a ser o meu voto, podem estar certos de que só o darei, absolutamente convencido de que a Justiça está sendo feita.

Isso disse o ministro em tom de quem deseja dar a conversação por encerrada.

– Agradecemos a atenção que nos dispensou e escusamos, uma vez mais, do incômodo que lhe trouxemos! disse Fábio e, levantando-se, dirigiu-se, com Fernando, para a porta do apartamento, acompanhado por Sua Excelência o Ministro Haroldo Queiroz, um dos onze julgadores da Suprema Corte Judiciária do País.

– 2 –

– Que coragem a sua, Fábio!, – comentou Fernando, já no carro.

– Como assim?!

– Dizer aquelas coisas ao Ministro, conhecendo a sua posição favorável ao Fisco!!!

Fábio sorriu, tranquilamente. Aprendera, ao longo do tempo, a julgar as pessoas com rapidez. Parte do seu sucesso na profissão, ele a devia a essa faculdade de julgamento, de tal maneira que não teve dificuldades em compreender o Ministro Haroldo Queiroz. Pessoa franca, honesta, decidida, que por hábito admirava as pessoas que não se inibiam ao defrontá-lo. Assim, decidira apresentar à queima-roupa a sua tese, sabendo que o Ministro o respeitaria mais em função desta política franca de expor, sem reservas,

pensamentos que geralmente são guardados e revelados apenas na medida do necessário e apenas em terreno seguro.

Fábio estava convencido de que a coragem que lhe imputara Fernando e o próprio Ministro não existira. Em verdade, jogara no seguro quando resolvera dizer, francamente, o que pensava. E esta convicção de que conseguiria, ao menos, ganhar as simpatias do ministro, firmara-se nele antes mesmo de expor a sua tese sobre a advocacia tributária.

Não que estivesse certo de ter conseguido o voto de seu entrevistado. A impressão que este lhe causara era a de que esse voto seria fruto de um julgamento imparcial e aprofundado, no qual, por certo, haveria de influir a sua formação fiscalista. De qualquer maneira, conseguira mostrar que também o lado oposto, isto é, o lado do contribuinte, levantava o seu clamor partindo de posições defensáveis e justas.

Contava, portanto, com o fato de que a formação fiscalista do Ministro já não seria o principal elemento informador a interferir em sua decisão, o que certamente sucederia, não tivesse ocorrido o contato de há pouco.

Foi por essa razão que Fábio respondeu com um sorriso tranqüilo à observação admirativa de seu colega.

— 3 —

O carro de Fernando deslizava serenamente por umas das Avenidas da Capital, em que o tráfego praticamente inexistia.

Os blocos de apartamentos, todos iguais, um paredão simétrico, branco empoeirado, erguia-se à distância, qual miragem desértica, alheia à paisagem.

Conversavam sobre assuntos mais ou menos banais, não relacionados com a vinda de Fábio a Brasília.

A palestra visava dar-lhe repouso ou servir de preparação para a tensão que seria ocasionada pelo contato com outro Ministro do Supremo.

Esse contato foi programado para o período da tarde, já que se aproximava a hora do almoço e seria imprudente uma visita a essa hora.

Conversando, Fernando não reparou que um jipe, desenvolvendo alta velocidade, aproximava-se de seu pequeno Volks.

À medida que o veículo diminuía a distância, dava a impressão de pretender ultrapassar o carro dos dois amigos pelo lado esquerdo, de acordo com as leis do tráfego.

O carro de Fernando, em velocidade moderada, corria pela margem direita da via, visando dar passagem natural aos veículos que o quisessem ultrapassar.

Quando o jipe começou a manobra de ultrapassagem, principiou ao mesmo tempo a encostar-se no carro de Fernando, que só então percebeu o outro veículo e, por precaução, achegou-se ainda mais à extremidade direita de sua margem.

A manobra durou fração de segundos, porque tão logo o jipe ultrapassou o Volks, esterçou violentamente para a direita e logo em seguida para a esquerda, visando jogar o carro de Fernando fora da pista e ao mesmo tempo fugir ao choque eventual.

Fernando, apanhado de surpresa pela manobra do jipe, e obediente a um reflexo natural, tirou o seu veículo da pista e entrou no gramado em declive ao lado da rodovia.

Felizmente, trafegavam a baixa velocidade e Fernando era motorista hábil, de maneira que, em vez de frear o carro imedia-

tamente, preferiu tirar o pé do acelerador, mudar a marcha do veículo, segurar bem o volante e só então, com marcha reduzida, começou a manobra do freamento.

Estes sucessos ocuparam apenas alguns segundos, os quais foram vividos por um Fábio alheio à realidade, uma vez que o pequeno carro de Fernando, nestes rápidos instantes, jogava violentamente.

Tão logo Fernando conseguiu controlar o veículo, procurou identificar o carro que intencionalmente o colocara à beira de um desastre de conseqüências imprevisíveis.

Sumira-se, todavia, o jipe, resultando inútil qualquer tentativa de alcançá-lo, já que o motorista causador do incidente poderia perfeitamente ter tomado qualquer das vias laterais e em poucos segundos afastar-se do local.

Nem ao menos a chapa do veículo pudera ser anotada, de sorte que Fábio e Fernando ficaram sem qualquer indício que não o tratar-se de um jipe Willys, idêntico em tudo a centenas de outros encontrados no local.

– Que pensa de tudo isto? – perguntou Fernando enquanto trazia o carro para a via principal ainda deserta.

– Que o grupo do William Peter está querendo eliminar-nos da sustentação oral na próxima quarta-feira!

– Poderíamos ter morrido!

– O que seria ainda mais oportuno para eles. Ninguém a não ser nós mesmos conheceria a causa do acidente e a levaríamos para o túmulo. Numa estrada deserta como esta, em que as janelas dos edifícios à distância não podem sequer vislumbrar o que se passa nesta via, o acidente seria atribuído a imperícia e não à conta de atentado criminoso.

– Quem planejou, calculou bem o momento oportuno! – observou filosoficamente Fernando.

– O que significa que os nossos passos estão sendo seguidos.

– E também que não ficarão nesta tentativa!

– Por isso, antes do almoço irei à central telefônica, telefonar a São Paulo para falar com um amigo.

– Sobre o que?

– Lá, você ficará sabendo.

– 4 –

– Geraldo! Fábio falando! Preciso de um grande favor!

– Certo, Fábio! Estou à sua disposição.

– Acabo de sofrer um atentado em Brasília e receio que venha a sofrer outros nestes próximos dois dias. Alguém está tentando impedir uma sustentação oral, que devo fazer na quarta-feira. Meus passos estão sendo vigiados, mas ainda não consegui identificar o pessoal que me segue. Peço-lhe que faça uma ligação de São Paulo para o pessoal da polícia de Brasília, pedindo que me dêem proteção. Esta proteção deverá ser discreta, a fim de que as repercussões que possam ter sobre a questão que vou defender não venham a ser danosas. Vamos evitar, sobretudo, publicidade que possa parecer provocada e que então exerceria efeitos contraproducentes junto aos julgadores. Peço-lhe também para entrar em contato com Glória, instruindo-a para que durante estes dois dias não saia de casa e nem deixe as crianças ir ao colégio.

Se, além disso, você puder colocar um guarda à disposição dela, ficar-lhe-ei profundamente grato. Como detalhe final, acre-

dito que o industrial William Peter, hoje em Brasília, tenha ligação com o atentado.

– OK, Fábio! Farei exatamente como pede, embora me pareça que você está colorindo demais o quadro.

– Meu bom Geraldo, hoje o nosso carro foi atirado deliberadamente por um jipe para fora de uma estrada deserta. Não capotamos, graças a Deus e à habilidade do meu colega que dirigia.

– Conseguiu anotar o número da chapa?

– Quando conseguimos controlar o nosso carro, o jipe já desaparecera.

– Muito bem, Fábio, seu pedido é uma ordem para mim! Será atendido imediatamente.

– Muito obrigado, Geraldo! Até a vista!



## Sexto Capítulo



Àquela hora o restaurante do Hotel Nacional estava ainda repleto de hóspedes. Parlamentares, membros do Executivo, magistrados e personalidades de destaque, que o utilizavam para o almoço prolongado em conversa, geralmente a propósito de política, de negócios ou sem objetivos definidos.

Fábio e Fernando haviam tomado a sua refeição em uma mesa de canto e usufruíam o panorama repousante do pátio interno do hotel, enquanto aguardavam o café.

Pairava entre os dois o silêncio que se costuma seguir a uma conversa prolongada, que com certeza será seguida por outras em breve tempo. Foi quando Fábio reconheceu, no outro lado do restaurante, a figura baixa e gorda de um diretor de importante fábrica de sabões, e seu ex-companheiro de Sindicato. Palestrava animadamente com simpática morena de penteado alto, sentada à sua frente.

Mário Velho, que Fábio não via há anos, não mudara muito. Engordara, perdera mais cabelos, a idade parecia pesar-lhe, mas não se notava diferença acentuada entre o perspicaz Mário Velho de ontem e o atual.

Era o homem que, no passado, fora ao mesmo tempo um dos melhores amigos de Fábio e um de seus mais traiçoeiros companheiros. Paradoxalmente, permitira-lhe reencontrar o caminho que leva a Deus... Ainda se lembrava, como se houvesse sido na véspera, da armadilha que lhe criara.

– 2 –

– Fábio, preciso falar com você.

– Pois não, Mário!

– Estão acontecendo muitas coisas no sindicato que exigem a modificação da diretoria.

– O que está dizendo?! perguntou Fábio, espantado.

– Exatamente o que ouviu! A atual presidência tem dirigido o Sindicato de forma altamente danosa aos interesses de grande parte dos associados e, para dominá-la, necessitarei do seu apoio.

– Não estou conseguindo compreender o que você pretende expor! Por favor, explique-se mais claramente.

– Muito bem, vamos nos sentar.

– Certo, Mário! E isto dizendo, encaminharam-se para o saguão do hotel, no dia posterior à sua defesa pelo Sindicato, assistida por Mário e elogiada por todos os diretores que a assistiram.

– Bem, Fábio, em sua excessiva imparcialidade, Alberto tem procurado dirigir o sindicato em termos exclusivos de número de firmas associadas, não considerando a diferença de capital entre elas. Assim sendo, muitas vezes, decisões tomadas por maioria numérica de membros podem representar graves erros e prejuízos no plano das potências industriais. Decisões são tomadas por dez a quinze por cento da categoria. Imagine você se, por exemplo, a minha firma, a do João, a de Jurandir e a de Carlos perderem uma votação, no setor de saboaria, por 10 votos a 4. Como as nossas quatro firmas representam noventa por cento do mercado nacional, a decisão, majoritariamente numérica, é contrária à verdadeira expressão do mercado nacional. Até há pouco o problema inexistia. Agora, todavia, os dez por cento representados pelos pequenos produtores, começam a nos causar problemas, prejudicando sensivelmente a nossa posição no mercado. E Alberto, como presidente, tem dado apoio a essa incômoda minoria.

Assim, decidimos promover o seu afastamento da presidência. E, sendo você o nosso advogado, gostaríamos que nos auxiliasse.

– De que forma?

– Nós o afastaremos.

– Não será fácil! De que expediente se utilizariam?

Mário sorriu satanicamente:

– Da sua defesa de ontem!

– Como?!

– Isso mesmo! Da sua defesa de ontem!

– Não compreendo!

– Diremos que você obedeceu a instruções específicas de Alberto em assunto que só interessava às nossas quatro firmas e que nós não estávamos de acordo com essa orientação.

– Mas foram vocês a fornecer os elementos para a defesa!

– Você, entretanto, dirá que foi Alberto e nós nos queixaremos à direção do Sindicato, que está sob o nosso controle. Afirmaremos que você nada pôde fazer por ter recebido instruções diversas daquelas que nós lhe daríamos.

– E se eu não me prestar a esse papel?

Mário, muito de propósito, tardou a responder:

– Seremos obrigados a sacrificá-lo, também.

– De que forma?

– Dizendo que, apesar de estarmos presentes e lhe havermos dado instruções precisas, você preferiu seguir as de Alberto e defender a questão da forma como fez. Devo dizer-lhe que já conhecemos a decisão a ser proferida nos próximos dias. Não, não se surpreenda! Fomos nós que preparamos o acórdão, de acordo com a Assessoria do Conselho. A sua defesa, embora brilhante, foi inútil, posto que a decisão será contrária.

- Só posso tomar o que você está dizendo como piada!
- Nunca falei tão sério na vida!
- E o que realmente espera de mim?
- Que fique do nosso lado.

Fábio fitou demoradamente Mário, recusando-se a crer no que ouvira. Parecia-lhe irreal todo o sucedido. Afinal de contas, o grupo estrangeiro que dominava o Sindicato detinha os cargos principais. Por que eliminar a última chance das pequenas firmas, representadas pela figura já veneranda do seu presidente, mais um estadista no campo comercial do que propriamente um capitão da indústria?

Os artigos constitucionais antitrustes pareciam não representar proteção eficaz contra atitudes semelhantes, e por tal razão a indústria nacional continuava a ser absorvida pelo capital alienígena, que a estrangulava em quase todos os campos de operação.

Enquanto raciocinava, Fábio seguia fixando o balofo e falso companheiro de diretoria, que por sua vez também o analisava com os pequenos olhos de animal que já tem sua presa garantida.

- Então, Fábio, o que decide?
- Mandá-lo à puta que o pariu!

– 3 –

– A quem olha tão fixamente, Fábio? perguntou Fernando, acrescentando: – O seu café está esfriando.

– Aquele tipo gordo à nossa frente no fundo da sala. O que está acompanhado pela menina de cabelo alto.

– Quem é?

– O homem que me afastou da diretoria do Sindicato de Perfumarias e Artigos de Toucador.

– Ah! Então tem contas a acertar com ele?!

– Hoje, meu caro Fernando, luto para não querer mal aos meus inimigos, mas ainda cometo o pecado de não saber esquecer o passado e revoltar-me quando me lembro dele.

– Quer dizer que você ainda não o perdoou, cristãmente?

– Sim, inúmeras vezes. Mas em outras inúmeras vezes voltei a odiá-lo, profundamente. Hoje, entretanto, ao vê-lo e lembrar o passado, não chego a querer-lhe mal. É um pobre coitado, separado da mulher, empregado de alta categoria de uma firma estrangeira onde deve lutar contínua e desesperadamente para agradar aos superiores, à custa de sua própria dignidade. Já velho, não se encontrou nem se realizou. Sinto por ele mais piedade do que malquerença e até mesmo, em minhas orações desta noite, pedirei por ele.



## Sétimo Capítulo



O prédio do Supremo Tribunal Federal, na Praça dos Três Poderes, era o mais simples dos grandes edifícios que agasalhavam o Congresso Nacional, o Palácio do Governo e a mais alta corte do País.

Deixando o carro no pátio de estacionamento, Fernando e Fábio dirigiram-se para a ala das salas privativas dos Ministros do Supremo.

Fernando perguntou ao porteiro quais dos Ministros encontravam-se no Tribunal, tendo recebido a resposta de que apenas o Ministro Hervê Laranjeira.

Dirigiram-se, pois, à sala do magistrado citado, onde, após um breve toque, receberam permissão para entrar.

O alto dignitário trabalhava sobre alguns autos e recebeu-os com a expressão de quem é subtraído às suas meditações, mas permanece ciente de que deve receber, com a cortesia inerente à sua posição, os que o procuram.

Fernando fez a apresentação e disse:

– Permita, Vossa Excelência, que ele exponha o que tem a apresentar.

– Pois não! concedeu Sua Excelência, num tom de quem se sabe irremediavelmente obrigado a ouvir uma exposição que não lhe interessa.

Fábio procurou ser breve, pois compreendera tal resignação e conseguiu, em dez minutos aproximadamente, apresentar um panorama geral sobre a matéria.

– O assunto é bastante complexo e estranho para que pudesse ser objeto de mandado de segurança, principiou o Ministro, após a exposição de Fábio.

– Mas de direito líquido e certo, facilmente vislumbrável.

– Por que então a necessidade de tantos elementos para a comprovação desse direito líquido e certo?

– Apesar de simples o direito violado, as circunstâncias que levaram a essa violação, provocada pelo Fisco e por um grupo financeiro interessado, não poderiam ser ignoradas. São circunstâncias, entretanto, que, corretamente interpretadas, apenas evidenciam a liquidez e o direito dos meus constituintes, assim como a extrema gravidade da violação.

– Em sua exposição, o senhor deixou entrever que o próprio governador do Estado estaria envolvido no caso. Terei entendido bem?

– Se não por ação expressa, por negligente ou propositada omissão.

– O senhor sabe que privo com o governador?

– Sei, não só da amizade de Vossa Excelência, como também do trabalho desenvolvido pelo partido do governador a fim de conseguir, no Senado Federal, a aprovação do nome de Vossa Excelência para Ministro do Supremo. Nem por isso desconheço o espírito de independência de Vossa Excelência, capaz de examinar uma questão desta envergadura, sem qualquer influência de ordem sentimental.

O Ministro Hervê Laranjeira apenas sorriu à observação e concluiu imediatamente:

– Correto, doutor Fábio. Já tenho os elementos e estudarei os autos com o relator a fim de poder votar de maneira que a justiça seja feita.

– Agradeço a cordial recepção e espero encontrar Vossa Excelência na Sessão de Julgamento, dentro de dois dias.

– Quanto a isso não haja dúvida – retorquiu, enigmaticamente, o entrevistado.

– O que achou da entrevista, Fernando?

– Não sei se foi boa ou má.

– Nem eu.

– Este ministro vota sempre com o Governo Federal, por acreditar ter uma dívida permanente para com o Presidente da República, que o indicou para o cargo. É claro que, a prevalecer tal critério, votará a favor do Governador do Estado, o qual, indiretamente, tem ligação com o caso “sub judice”.

– Fosse entretanto a sua intenção proceder de tal forma, por que evidenciaria sua relação de amizade com o Governador?

– Bem, pelo menos uma segunda visita foi feita. Já conversei com um Ministro fiscalista por formação, e com outro sentimentalista por obrigação.

– E ambos apóiam-se em duas nobres justificativas para serem fiscalistas.

– Outro dado positivo é que tanto um quanto o outro, quase entraram em confidências depois da exposição. Sem pretender interpretar realmente o que houve, diria que algum avanço foi feito em relação aos dois.

– Você tem razão quanto a isso, embora eu receie que não guarde nenhuma significação para o nosso caso.

– Enfim, o resultado efetivo destas visitas, só o poderemos conhecer no dia do julgamento.

– É mesmo!

– Vamos, então, para a terceira visita, não sem antes dar um pulo ao Senado, onde necessito falar com o vice-líder da minoria.

– OK, Fábio!

– 3 –

– Fábio! Prazer em ver-te!

– Da mesma forma, Senador.

– Como vai a esposa? E os filhinhos?

– Tudo bem! E dona Carmen?

– Ótima, obrigado! Mas, o que te traz ao Senado?

– Apenas as saudades do amigo.

– Estás a passeio ou a negócios?

– Vim especialmente para defender uma causa junto ao Supremo, na quarta-feira.

– E por que tamanha antecedência?

– Para conversar com os Ministros e expor-lhes a tese em particular.

– Receias que não a compreendam, na hora do julgamento?

– Receio, sim, que não a compreendam deliberadamente.

– A questão é assim importante?

– Tanto, que o grupo adversário já aqui está e mesmo tentou liquidar-nos, a mim e ao Fernando.

– Hôô-lá-lá!!! Exclamou o velho senador, de cabelos raros e olhos brilhantes. Nesse caso preciso repetir que estou às tuas ordens. Posso ser útil em alguma coisa?

– Se tiver relações de intimidade com os Ministros, poderá apresentar-me a eles.

– A rigor só me dou com dois. Os demais vivem o seu próprio mundo, aqui em Brasília. Mas dar-te-ei as apresentações, com muito gosto. Espere um minuto que vou prepará-las.

Enquanto o senador se dirigia à sua sala, Fernando confidenciou a Fábio:

– Que simpatia de político! E esta maneira sulina de chamar todo mundo por “tu”, dá-lhe uma abertura maior para os que não o conhecem.

– Trata-se realmente de uma figura notável do nosso Congresso.

Minutos passados, regressou o velho senador com dois envelopes dirigidos a cada um dos ministros seus amigos.

– Muito obrigado, Senador!

– Não há de que! Uma pergunta, Fábio, por que abandonaste a política?

– Desencantos e a sensação da inutilidade de minha atuação!

– Confesso que a tua atitude me parece fuga!

– Pode parecer, Senador, mas em realidade trata-se da sensação de ser mais útil em outro campo.

– Enquanto os bons como tu fogem, procurando ação mais fácil, os aventureiros de toda espécie tomam de assalto a Nação.

– As coisas andam tão mal assim, Senador? Perguntou Fábio, procurando fugir ao assunto.

– Sabes tão bem quanto eu que vão de mal a pior. Nunca se viu tanta corrupção pelos corredores e pelas ante-salas dos Três Poderes, ou pelo menos, certamente, de dois deles: o nosso e o Executivo.

– Aí está a razão principal de minha retirada da política!

– E a razão do meu protesto face a essa retirada, porque as nossas fileiras enfraqueceram-se.

Fábio não retorquiu porque o problema continuava vivo e candente para ele. Abandonara a política por convicção e em busca da autenticidade. Mas abandonara também o Sindicato, por convicção. Na faculdade, abandonara, em protesto, seu cargo na Academia de Letras. E estava psiquicamente preparado para abandonar a profissão em caso de fracasso na próxima defesa. A sua busca de autenticidade não estaria sendo uma forma de fuga contínua? Não teria padre Márcio razão ao dizer que a providência não supre a inteligência e a sua inteligência não estaria sendo mal utilizada nessa fuga sistemática? Não estaria havendo um lucro emocional representado pela procura de Deus, nestas contínuas desistências? Não seria esse caminho uma forma de abandono da inteligência que Deus lhe dera e que, em conseqüência, cada vez menos ele aplicava aos justos fins? A forma correta de servir a Deus não seria lutar, autenticamente, mesmo entre corruptos e imorais, entre gangsteres e materialistas, no afã de firmar, nos antros do mal, a bandeira do Bem? A fuga contínua não seria uma espécie de capitulação ante o inimigo e não deveria ele enfrentar o adversário em todos os momentos, sem recuo? Talvez a razão estivesse com o Senador! Era o momento de decidir, de uma vez por todas, a sua posição de lutador ou de retirante fantasiado de santo. Fábio refletiu sobre tudo isto em uma fração de segundo. Aquela angústia que sentira pela manhã, antes da missa, invadiu-o novamente, e com ela toda a problemática que o atormentara durante as últimas noites.

– Meu caro Senador, talvez tenha razão. Prometo meditar sobre suas palavras mais do que o senhor mesmo imagina.

– Medita, filho. O problema me parece estar dentro de ti, de forma que só tu poderás solucioná-lo.

– Certo. Obrigado pelas apresentações e pela rude e necessária franqueza.

– Não há de que. Ainda te verei antes do julgamento.

– 4 –

– Fernando, repara naquele tipo encostado ao parapeito da escada!

– Já o vi. Que há com ele?

– Não lhe parece conhecido?

– Não.

– Pois bem. Eu o vi, há pouco, no Supremo, quando fomos conversar com o Ministro Hervé Laranjeira.

– E agora está aqui conosco no Senado!

– Poderá ser coincidência. De qualquer forma, vou conferir.

Isso dizendo, começou a descer a escada em direção ao homem citado.

Tão logo este percebeu a intenção de Fábio, afastou-se discretamente, de tal maneira que não foi possível a Fábio abordá-lo, apesar de segui-lo a passo acelerado no “hall” da entrada principal da Casa Alta do Parlamento.

– Pelo menos, disse Fábio ao desistir da perseguição, ficamos com alguns dados concretos: trata-se de um indivíduo alto, magro, displicente no andar, moreno, de cabelos pretos.

– E se for o agente da polícia que nos está protegendo?

– Nesse caso, não teria fugido, de vez que, certamente, saberia estar à nossa disposição, por expresse pedido nosso.

– Poderia, porém, ter raciocinado que a nossa aproximação o teria revelado ao grupo que nos persegue, se este estivesse nos vigiando, ficando assim a sua missão dificultada. Entendo que o agente que estiver nos protegendo deve ser tão discreto, que mesmo nós dois não demos conta dele.

– É uma hipótese plausível!

– Seja como for, julgo de bom alvitre nos comunicarmos com seu amigo em São Paulo, dando-lhe os traços do cidadão que se esquivou ao nosso encontro. Ele saberá se era seu agente ou não.

– Bem pensado. Tão logo chegemos ao hotel, farei uma ligação telefônica. Ou melhor, o aparelho do hotel pode estar interceptado. Será melhor irmos até a central telefônica.

– OK, Fábio, em marcha!



## Oitavo Capítulo



– O Ministro Lauro Guimarães está?

– Não, – respondeu a simpática senhora que nos atendeu – mas não deve demorar.

– Somos advogados de São Paulo e necessitamos falar com o Ministro – adiantou Fábio. – Haveria mal em entrarmos para esperar?

– De maneira alguma! Por favor, entrem e fiquem à vontade!

A sala de estar do apartamento do Ministro Lauro Guimarães tinha um toque acolhedor, graças às flores espalhadas por três vasos de cristal e dois quadros, um representando uma cena bucólica e outro uma natureza morta.

Fábio e Fernando sentaram-se, a convite da esposa do Ministro, a qual, com seu ar de fidalga delicadeza e hospitalidade, acomodou-se em outra poltrona.

– A senhora acostumou-se à vida de Brasília?

– Para mim, estando ao lado de Lauro, todos os lugares são bons.

– Tem filhos, Dona...?

– Henriqueta. Sim, mas já estão todos casados e vivem na Guanabara.

– Quer dizer, dona Henriqueta, que a senhora já está gozando as delícias de ser vovó.

– Já. Pena é que somente nas férias de Lauro possamos ficar com os netinhos. E o senhor, já é casado? Tem filhos?

– Sim. Quatro criaturinhas que são a razão de minha vida. Além de Glória, minha esposa.

– Tão moço e já com quatro filhos?!

– E não pretendemos parar nos quatro – disse rindo Fábio.

– O senhor é católico, doutor...?

– Fábio. Sim, e se não somos, eu e minha mulher, bons católicos, fazemos pelo menos esforço por vir a sê-lo.

– Muito bem! Lauro e eu também somos católicos que buscam sair da rotina da religião, fazendo algo mais em nome de Cristo. Não sei se o senhor já ouviu falar do movimento das Equipes de Nossa Senhora.

– Sim senhora. Glória e eu pertencemos ao Movimento em São Paulo.

– Não diga! Folgo com isso! Lauro e eu pertencemos à única equipe existente em Brasília.

– Mas que satisfação, D. Henriqueta! Nunca pensei vir encontrar em Brasília uma equipe e um Ministro do Supremo e sua esposa integrados nela! Que beleza!

– E eu em ter o prazer de receber um equipista de São Paulo, de forma tão inesperada. Há quanto tempo está no movimento?

– Há três anos, e nos integramos de tal modo nele que somos, hoje, responsáveis pela equipe. No momento, estamos dando um Curso de Preparação para o Casamento e pilotamos nova equipe.

– O movimento em São Paulo deve estar bem adiantado. Aqui, em Brasília, nós não temos a mesma felicidade que vocês. Mas fazemos o que podemos. Vocês têm tido, em São Paulo, casos de reconciliação de casais em razão deste tipo de apostolado?

– Inúmeros, dona Henriqueta. Ainda na semana passada conseguimos reunir um casal que já estava com ação de desqui-

te em andamento, com a primeira audiência marcada. E o casal entusiasmou-se tanto com o trabalho do nosso grupo, que vai ingressar no Movimento. Aliás, dona Henriqueta, o apostolado do nosso Movimento reside em dar maior espiritualidade à vida do casal. Na minha opinião, é o trabalho da época, porque permite apresentarmos nova perspectiva para os dois, unindo a família, que é a célula mater da sociedade.

– Também estou convencida desse ponto de vista.

– E, na verdade, conseguir mudar a perspectiva do casamento é fácil. É como se alguém estivesse utilizando lentes que só permitam ver o mundo branco e preto e, de repente, alguém lhe desse outras lentes e a possibilidade de ver o mundo em technicolor. A diferença é brutal! É por esta razão que Glória e eu, em nosso Curso de Preparação para o Casamento, damos muita importância à correta perspectiva do matrimônio. Tudo, na verdade, hoje em dia, é colocado pela falsa perspectiva, desde o namoro. É o rapaz que pensa na moça em termos de encontrar o tipo físico que o agrada. É a moça que pensa no rapaz em termos idênticos. Assim, desde o namoro, são dois egoísmos que se chocam e não duas compreensões que se reúnem. Raramente o moço pensa: “Será que sou o tipo que fará feliz a minha noiva?” e raramente a moça tem o mesmo raciocínio. Assim, os dois correm para o casamento esperando receber muito e pensando que tudo quanto dêem ao cônjuge deverá merecer uma justa recompensa. Após o casamento, quando a dádiva e a paga não resultam iguais, marido e mulher começam mutuamente a esfriar o entusiasmo, decepcionando-se com o casamento em vez de decepcionarem-se consigo.

Desta forma, insistem ambos em hostilizarem-se como resultado de sua incapacidade de bem compreender o casamento, que antes de tudo é uma dádiva contínua, sem exigência de recompensa por parte de ambos os cônjuges. O amor não pode dar campo ao egoísmo, pois este elimina o amor. Por outro lado, quantas vezes o dinamismo do século não auxilia a separação de um casal mal preparado. O marido, trabalhando o dia inteiro, regressa ao lar cansado e deseja repouso. Falou muito durante o dia. Não quer falar à noite. A esposa, por outro lado, não falou nada durante o dia. Falou sim, com o verdureiro, com o homem do armazém, com os filhos pequenos, com a empregada. Mas falou sem nenhum sentido superior. Desse modo está ávida por uma conversa inteligente. A esperança é palestrar com o marido. O marido, aspirando todavia ao silêncio, irrita-se com a loquacidade de sua esposa e esta termina irritando-se com o silêncio do marido. Enquanto os dois se irritam, o problema ainda existe e é passível de uma solução mais fácil. Mas, quando à fase do silêncio segue-se a do desinteresse, isto é, do desencanto, quando um cônjuge não mais cuida de agradar ao outro, o casamento entra realmente em perigo porque passam a ser dois estranhos a viver na mesma casa. E que dizer dos outros fatores que também podem ser causas do desajuste, tais como a intervenção de terceiros, o hábito, o des-nível intelectual, sexual e religioso? Enfim, todo um mundo de pequenos conflitos que, se considerados a tempo, podem ser solucionados sem terminar na separação de mais um casal.

– Doutor Fábio, eu gostaria muito que o senhor assistisse a uma de nossas reuniões de equipe e repetisse exatamente isto a to-

dos. Esta é uma mensagem que temos que espalhar, e nada como um equipista para fazê-lo.

– Estou de acordo com você, Henriqueta! – apartou o Ministro Lauro Guimarães, que, havendo entrado discretamente por outra porta, ouvira toda a exposição de Fábio sem ser presenciado.

Assim que Fábio e Fernando aperceberam-se da presença do Ministro, levantaram-se.

– Por favor, sentem-se, disse cordialmente o Ministro, sentando-se ele mesmo em uma das poltronas.

– Lauro, o doutor Fábio e o colega vieram procurá-lo e como você não estava, pusemo-nos a conversar e descobri que é um equipista de Nossa Senhora.

– Muito bem! Ouvi sua interpretação do casamento, que aliás é nossa também, e fiquei satisfeito. Adivinhei, de início, que se tratava de um equipista, porque só um equipista falaria dessa forma.

– Ora! Exclamou Fábio, meio surpreendido pelos elogios – bondade de Vossa Excelência!

– Vamos eliminar o tratamento cerimonioso e tratarmo-nos por você. Como nas equipes. Está certo, Fábio?

– Sim... Lauro – aceitou, inibido, o advogado.

– Muito bem. Você se acostumará, Fábio. Qual é o nome do seu colega?

– Fernando.

– Muito prazer, Fernando! A que devo a visita dos prezados amigos?

Fábio aproveitou a deixa e explicou a razão da visita, expondo minuciosamente a sua tese, sem deixar de mencionar os incidentes laterais, como o atentado sofrido àquela manhã e o fato de estarem sob a proteção da polícia. O Ministro sugeriu que esses dados fossem mantidos em segredo e que, nos seus contatos com os outros ministros, não os revelasse, dado que poderiam parecer fantasiosos. Ao finalizar, Fábio acrescentou que não viera pedir o voto por antecipação, mas apenas, face à importância da questão, permitia-se solicitar a atenção de Sua Excelência para o julgamento e para a sustentação oral que pretendia fazer.

– Meu caro Fábio, o assunto é realmente apaixonante. Prometo-lhe a minha melhor atenção para ele. Eu me permitirei, todavia, algumas sugestões.

– Pois não, Lauro!

– Inicialmente, cuidado consigo mesmo! Conheço o grupo que está enfrentando, pois já decidi em outro caso onde entrevistaram e durante o qual ocorreu a morte de um funcionário de uma das firmas, pouco antes do seu depoimento.

– Foi o célebre caso de apreensão de mercadoria contrabandada, não é?

– Exatamente! Sendo assim, trata-se de gente que não tem escrúpulos, e poderá repetir a façanha de maneira tão hábil quanto daquela feita, sem que se possa, depois, provar coisa alguma. Por outro lado, sabe você que, infelizmente, nem todos os meus companheiros do Excelso Pretório guardam aquela imparcialidade que seria de desejar no exercício de suas altas funções. Desse modo, saiba que estes colegas já terão certamente os seus votos preparados e... contra você. São três colegas nestas circunstâncias.

Daí você partir com uma desvantagem inicial apreciável. Penso que este seu plano de visita a cada um dos Ministros é bom e, portanto, deve levá-lo avante. E é tudo, meu caro. Não lhe estou prometendo o meu voto, mas sim a minha imparcialidade.

– Lauro, você já está fazendo demais! Não sei como agradecer-lhe e à Henriqueta. Somente Cristo sabe como me sinto, por este contato. Ele, melhor do que eu, saberá recompensá-lo, por esta ajuda.

– Você faria o mesmo por mim, se a situação fosse inversa.

– Isso é verdade!

– Então, nada tem que agradecer! E, mudando de assunto, você gostaria de conhecer o nosso assistente de equipe?

– Muito! Mesmo porque é a minha intenção comungar, no dia do julgamento, na intenção de minha causa e até lá é possível que, também, necessite confessar-me.

– Vamos, então, combinar assistir à missa que ele celebra, na Catedral, às sete horas da manhã!

– Combinado! Estarei lá! Isto dizendo, Fábio levantou-se, seguido de Fernando.

– Muito obrigado, Henriqueta e Lauro, uma vez mais, pela acolhida.

– Boa sorte no seu trabalho, Fábio – disse Henriqueta – e que Deus o ilumine!

– 2 –

– Menino, que entrevista boa!!!, bradou Fernando à saída do apartamento.

– E que satisfação enorme encontrar irmãos em Cristo conscientes de sua missão na terra!

– Eu não o sabia católico fervoroso, Fábio. Pelo menos você não o era, quatro anos atrás.

– Realmente! Graças a Deus o sou agora! E a partir de então, a vida passou a ter outro encanto para mim.

– O que vejo de encantador em tudo isso, Fábio, é que este voto parece certo.

– Contrabalançando três que já nos são contrários e dois de nossas visitas de hoje que são incertos.

– O saldo final, porém, resultou positivo. Creio que você impressionou bem nas três visitas e isto é o que importa, em última análise.

– Também é minha impressão!

– Que tal se fôssemos jantar, agora? E antes, tomar um aperitivo no salão nobre do hotel?

– Boa sugestão. Vamos a ela!



## Nonno Capítulo



Eram dezenove horas e o bar do Hotel Nacional estava repleto de gente que aperititava, esperando o momento do jantar.

Com dificuldade, Fernando e Fábio conseguiram pequena mesa ao fundo da sala, na penumbra.

– Impressionante, Fernando, como este bar fica cheio a esta hora! Vê-se de tudo, parlamentares, magistrados, mulheres bonitas, industriais! Só não se vê gente pobre!

– E você não imagina quantas vezes o destino desta Nação é decidido em uma dessas conversas aparentemente despreziosas.

– Posso imaginar!

Fitavam o público, detendo-se em um ou outro tipo, quando Fábio exclamou:

– Olhe, Fernando! Aquele não é o homem que nos acompanhou hoje, no Senado e no Supremo?!

– Creio que sim! Sim, agora estou certo, é ele!

– Não o deixarei escapar, desta vez.

E Fábio levantou-se para ir ao encontro do homem, pedindo licenças e escusas enquanto avançava com rapidez pelo salão lotado.

– Ei?! Não vê onde pisa?! Protestou uma voz possante, enquanto Fábio lutava para atingir a saída do bar. Mas foi agarrado por trás e detido. Voltando-se, pediu desculpas, e estava para retomar o avanço quando o homem que o detivera, sem o largar, continuou a encará-lo.

– Já lhe pedi desculpas! Faça o favor de largar-me!

– Ninguém me dá ordens! – respondeu, alto, o forte interlocutor.

– Não sei se ninguém lhe dá ordens ou não! Quero apenas que me largue o ombro!

– Não o largarei enquanto não me pedir desculpas uma segunda vez – disse o outro, agora rindo chacoteiramente e passando a apertar com mais força o ombro de Fábio.

A essa altura a atenção de todos, no bar, voltara-se para aquele ponto, e Fábio sentiu-se na necessidade de sair do episódio sem uma “capitis diminutio”. Por outro lado, já perdera o controle dos nervos e com a demora, certamente, perdera também a possibilidade de alcançar o misterioso perseguidor.

Daí que, sem mais palavras, tomou a mão do seu adversário com a sua mão direita e a prendeu contra seu ombro, ergueu o braço esquerdo o mais alto possível e desceu-o com violência, fazendo uma alavanca do braço de seu adversário. Tudo isso com rapidez tamanha que se ouviu apenas o estalo de osso quebrado e um uivo de dor.

Um segundo indivíduo avançou sobre Fábio e desferiu-lhe um soco também com violência, mas Fábio desviou-se para um lado sem recuar e enviou a mão aberta contra a boca do segundo adversário com tal potência, que um dente saltou e o sangue correu entre os lábios do homem, que tombou desmaiado.

O pugilato duplo foi tão rápido que os circunstantes nem puderam mover-se, eletrizados pelo espetáculo de rapidez e violência desenrolado à sua frente.

Fábio, acautelando-se contra um possível terceiro agressor, postou-se na posição de defesa do “karatê”, que era a sua técnica de defesa pessoal. Assim permaneceu, as pontas dos pés voltadas para dentro a fim de evitar qualquer novo impacto, as mãos abertas com o dedo polegar para dentro, quase unidas à cintura.

Ninguém mais avançou, ouvindo-se, a cortar o silêncio que se seguiu e dominou o ambiente por segundos, somente os gemidos do primeiro adversário ferido.

Após breve pausa, funcionários do hotel, o gerente e uma parte da assistência movimentaram-se, aproximando-se dos três protagonistas do rápido e inusitado episódio.

Fábio foi o primeiro a falar:

– Senhor gerente, lamento o sucedido, mas fui obrigado a agir em legítima defesa. Os que estavam neste bar são testemunhas de como fui provocado e agarrado!

– Não presenciei o sucedido, mas serei obrigado a levar o caso à polícia.

– Para mim não há problema! Exijo, entretanto, que todos os presentes sejam arrolados como testemunhas.

– Mas isso é um absurdo!

– Se eu for à polícia, senhor gerente, quero que seja tomado depoimento de todas as pessoas aqui presentes, e não acredito que a publicidade venha a ser boa para o hotel.

– Ele não teve culpa! fez-se ouvir uma voz feminina, como primeira defesa de Fábio.

– É verdade! Foi provocado! Defendeu-se apenas! afirmaram outras vozes.

Um silêncio prolongado seguiu-se a essas observações, sem que alguém se movesse de seu lugar.

– Acredito que os agressores, apesar de feridos, não desejarão que a notícia saia do hotel! – e isto dizendo, Fábio soergueu a cabeça de seu primeiro desafiador que gemia a um canto – não é mesmo?

– Não quero nada com a polícia! – grunhiu o homem.

– O outro agressor não está em condições de responder – continuou Fábio sorrindo – mas garanto que pensa como este!

– Então, que fazer? – perguntou o gerente, meio desconcertado.

– Esquecer o fato, como estou certo de que todos aqui esquecerão, e tratar dos feridos.

– Isso mesmo! Insistiu a voz feminina: – o cavalheiro não teve culpa!

– Todos os senhores estão de acordo? perguntou o gerente.

O silêncio afirmativo e geral foi a resposta.

– Então vou cuidar dos feridos!

E ato contínuo, auxiliado pelos funcionários, o gerente passou a cuidar dos indivíduos que, desenvolvendo manobra de cobertura ao cúmplice que fugia, haviam tido a infeliz idéia de obstar os passos de Fábio.

– 2 –

– Fábio... Estupenda a sua ação!!! – exclamou Fernando, admirado.

Já senhor de sua calma habitual, Fábio explicou:

– Na academia que frequento, qualquer faixa verde faria o mesmo sem ser considerado excepcional, tanto mais que eu sabia o que poderia fazer se tomasse a iniciativa, e o meu adversário não sabia o que eu poderia fazer.

– Aposto que todo mundo ficou espantado! Confesso que eu mesmo, quando você foi agarrado, pensei vê-lo esartejado por aquele monstro.

– Mas eu antevi a ação tal como ela decorreu, pois tinha certeza de que o monstro não esperava reação.

– Só temos a lamentar o havermos perdido novamente de vista o misterioso acompanhador.

– Ao contrário, também aí ganhamos!

– Como assim?

– Pelo seguinte: você bem definiu a situação. Esse perseguidor poderia pertencer ao grupo que atentou contra a nossa vida, ou ser o policial encarregado de proteger-nos. Agora, temos a certeza de que pertence ao grupo de facínoras, porque, quando o procurei alcançar, fui obstado propositalmente pelos seus cúmplices. Certamente, o meu perseguidor convencera-se, já no Senado, de que o havia identificado e à sua tarefa. Assim, tão logo foi reconhecido aqui, deliberou fugir. O esquema estava bem traçado. A interpelação do meu primeiro adversário foi calculada para cobrir a fuga daquele. Isso, de tal maneira, que o incidente pareceria normal e o tipo soltar-me-ia depois das minhas desculpas, dando tempo a que seu companheiro fugisse.

Depois de percorrer o ambiente com um olhar, Fábio prosseguiu:

– Acontece, porém, que o esquema apresentou duas falhas. Primeira: estou seguro de não ter pisado tal homem, de sorte que, ao ter a passagem impedida, adquiri a certeza de estar enfrentando um outro membro da quadrilha. A segunda falha? É que apresentei desculpas tão rapidamente que ele se viu obrigado a forjar outro argumento a fim de deter-me por mais algum tempo. Foi quando cometeu o seu segundo erro.

Ante o olhar estupefato do amigo, prosseguiu:

– Não era minha intenção quebrar-lhe o braço. Ocorreu-me, todavia, a idéia de que seria mais fácil para o agente colocado por Geraldo à nossa disposição localizar um inimigo ferido do que um inimigo são. Por essa razão, decidi fraturar-lhe o braço em vez de apenas desvencilhar-me com um golpe menos violento. A esta altura o pessoal do Geraldo já tem as coordenadas do grupo que nos vem perseguindo e, portanto, estaremos mais protegidos até o julgamento, a não ser que os adversários contratem novo bando de facínoras, o que também é possível.

E antes que o amigo perguntasse, ele mesmo esclareceu:

– Finalmente, Fernando, julguei que a publicidade do incidente poderia ser má para a nossa causa. Embora não guardasse dúvidas de que o problema seria facilmente solucionado na polícia, já que a polícia deve estar inteirada do caso, o noticiário poderia nos ser desvantajoso. Por esta razão lancei mão do estratagema de pedir todo mundo como testemunhas e, portanto, obrigar o gerente do hotel a abrir mão da queixa à polícia. O incidente serviu, por outro lado, para confirmar pertencerem todos os três a um grupo de marginais que não desejam nenhum contato com a polícia.

E terminou:

– Meu caro Fernando, eis a razão pela qual não necessitamos mais do meu perseguidor. A esta altura a polícia já dispõe dos elementos necessários ao esclarecimento do caso!

– Você não está confiando demasiado no seu amigo Geraldo?

– Jamais confio demais. Aprendi, todavia, a conhecer os meus amigos e sei que Geraldo, em São Paulo, dentro de meia hora deverá ter tudo solucionado.

– Aposto nisso?

– Vamos colocar o problema nestes termos: depois do jantar estaremos livres do grupo que nos perseguiu.

– Mesmo assim, aposta?!

– Aposto!

– O que apostamos?

– O jantar de logo mais!

– Feito!

– 3 –

– Geraldo? É Fábio falando!

– Bravos, menino! Ação magnífica a sua, no bar do Nacional! Já foram detidos os três que atentaram contra você. Dois, bem feridos pela arma que é o seu braço. O jipe também foi apreendido. Pena não conhecerem quem os contratou. Afirmam ter sido contratados por um mascarado que lhes deu um milhão de cruzeiros para o início do trabalho, prometendo outro milhão se você não fizesse a sustentação oral, na quarta-feira. Acredito nos rapazes porque o pessoal de Brasília é firme no interrogatório.

– Obrigado, Geraldo! Mas já não há problema! Quem os contratou, eu conheço bem! O que desejo, agora, é que não tenham tempo hábil para colocar, até quarta-feira, outro grupo atrás deste seu alvo cristão! – comentou Fábio, rindo.

– Tal não sucederá, meu caro. Já telefonei ao pessoal de Brasília, que a esta altura colocou pessoal dobrado na vigilância de seus passos.

– Muito obrigado, Geraldo!

– Até logo, Fábio! Que a sorte o auxilie quarta-feira!

– Até logo, Geraldo! – Fábio desligou o telefone que lhe fora trazido pelo garçom à mesa do restaurante.

– Ganhou a aposta, Fábio! Pago o jantar com satisfação.

– Eu comi com satisfação, pois tinha certeza de que não pagaria! – disse, brincando, o jovem advogado.

– 4 –

– Doutor Fábio? Perguntou a voz feminina ao telefone.

– Sim! Atendeu ele, já em seu quarto.

– Sabe quem está falando?

– Não!

– É pessoa relacionada com o ministro Arnaldo Fragoso.

– Pois não!?

– Gostaria de conversar com o senhor sobre assunto de seu interesse.

– À disposição!

– Poderíamos conversar ainda esta noite?

– Não é muito tarde, dona...?!

– Myriam. Nunca é tarde para mim.

– Nem para mim, – repôs Fábio. – Onde a senhora prefere encontrar-se comigo?

– Estou hospedada aqui no Hotel Nacional.

– Então, encontramos-nos no salão de recepção?

– O senhor objetaria vir ao meu quarto?

Fábio não respondeu de imediato, surpreendido pela sugestão do local. Receou nova armadilha e esteve para responder negativamente. Resolveu, entretanto, aceitar:

– Perfeito. Qual é o número?

– No apartamento fronteiro ao seu.

– Em cinco minutos estarei aí.

– Até já!

Fábio desligou e, enquanto se preparava, já que se despira para deitar, principiou a cogitar do estranho e inesperado convite.

Não lhe era desconhecido o fato de que o Ministro Arnaldo Fragoso possuía amante de nome Myriam, jovem de vinte e cinco anos, insinuante e bastante conhecida nos meios forenses, onde era chamada de “o décimo segundo ministro”, já que influenciava as decisões de Fragoso e vendia a terceiros esta influência.

Assim, fosse verdadeira a Myriam que lhe telefonara, iria encontrar-se com a amante de Sua Excelência, que, a essa altura, conhecia o plano de Fábio de visitar ministro por ministro.

Decidiu, entretanto, correr o risco apenas em parte e telefonou a Fernando:

– Fábio? Quais as novas?!

– Vou encontrar-me com uma certa Myriam, amante do Ministro Fragoso, isto em cinco minutos, no apartamento fronteiro ao meu. Não sei o que pretende. Poderá também ser armadilha do William Peter. Ponha a polícia de alerta no meu andar. Se não lhe telefonar dentro de hora, entrem no quarto desta senhora. Entendido?

– Perfeito, Fábio, mas cuidado, hein?

– Terei a maior cautela. Até!

– Até já.

– 5 –

A porta lhe foi aberta por uma ruiva estonteante, vestindo um “peignoir” rosa transparente sobre um “baby-doll” da mesma cor.

Apesar de reconhecê-la, Fábio entrou no quarto discretamente, empurrando a porta até encostá-la à parede, certificando-se de que não havia ninguém atrás e logo, com os olhos, deu rápida vis-  
toria por toda a sala de espera, garantindo-se de que, pelo menos naquele aposento, ele e Myriam estavam a sós.

Embora tivesse sido discreto na busca, Myriam apercebeu-se dela e foi com um sorriso que observou:

– Com medo de algum fantasma, Fábio?

Ele respondeu apenas com um sorriso.

Ela voltou a falar:

– Não se opõe a que o chame de Fábio?

– Nem um pouco.

– Chame-me Myriam, se quiser.

– Certo.

– Com medo do meu nome, Fábio?

– Por que haveria de ter?!

– E então, por que não me chama assim?

Novamente Fábio apenas sorriu, como a dizer que assim faria quando julgasse oportuno.

A jovem pareceu não haver apreciado muito o sorriso de Fábio, porque mudou de técnica, anunciando:

- Eu estava no bar, hoje à noite.
  - Eu também, disse Fábio.
  - Sei muito bem.
  - Somos dois então, eu e você.
  - Bravo! Pelo menos, você me chamou de você.
- Fábio sorriu mais uma vez e não respondeu.
- Chiii! Que sujeito estranho é você, Fábio!

Mas ele continuou sorrindo, divertindo-se com o embaraço que Myriam começava a demonstrar. Estava seguro de que ela estivera convencida de vê-lo diluir-se à sua frente e de que sua posição serena começava a desarmá-la.

– Você é horrível, Fábio – dizendo tal, apresentou uma cara fechada e coquete, enquanto cruzava as pernas, que foram descobertas, rapidamente, pelo transparente “peignoir”.

Fábio passou à ofensiva, apanhando-a de surpresa:

- O que deseja de mim, Myriam?
- Nada de especial!
- Então, não há razão para eu permanecer aqui!

Levantou-se e dirigiu-se à porta, mas, quando se preparava para abrir, foi tocado no ombro pela mão de Myriam.

- Por favor, Fábio!
- Pois não! – acedeu Fábio, voltando-se e encarando-a.

Myriam aproveitou-se da oportunidade para alcançar o pescoço de Fábio e beijar-lhe os lábios ardentemente, sem que ele movesse um só músculo. Permaneceu imóvel até que Myriam, desconcertada, o largasse e gritasse, passando a chorar:

– Vá-se embora, monstro!!!

– Agora, fico! Afirmou Fábio e voltou para a sua poltrona, enquanto Myriam atirou-se em outra, agitada pelo pranto que foi o único som audível por largo tempo.

Assim que se acalmou, Myriam já não aparentava ser a mulher segura de pouco antes e foi com o rosto entre as mãos que suplicou:

– Por favor Fábio, vá-se embora! Não quero que me veja tal como estou!

– Agora é que eu a quero ver, Myriam! Só assim poderei conversar com a verdadeira Myriam e não com a Myriam artificial que me recebeu.

– Você é estranho, Fábio! – exclamou ela, ainda com o rosto oculto entre as mãos.

– Estranhos, Myriam, são os que em sua artificialidade buscam impressionar. Considere que não fiz senão responder, sem artifícios, às suas perguntas e proceder como homem que ama a sua esposa e apenas a ela.

– Mas você me humilhou o tempo todo!

– Às vezes isso é bom, pois nos auxilia a conhecermo-nos exatamente como somos. Eu lhe garanto, Myriam, que gosto mais de você humilhada. Nesse estado, você é mais formosa do que a boneca artificial rescendendo ao irreal, que me recebeu.

Tais palavras foram ditas em tom tranqüilo, enquanto preparava o seu cachimbo e acendia.

– Importa-se de que eu fume?

Myriam tirou as mãos do rosto, arrumou-se e sentou-se corretamente. De súbito, ergueu-se e foi para o seu quarto, regressando

pouco depois com o rosto lavado e vestindo um novo “peignoir”, este não transparente.

– Desculpe-me, Fábio! – disse, pela primeira vez com voz natural, mas nunca senti sensação assim horrível, como a de há poucos minutos, quando me pareceu estar despida junto a você. Agora, sinto-me bem melhor.

Fábio sorriu um sorriso fraternal e bom, dizendo:

– Myriam, estou gostando de você! Penso que poderemos conversar. Acho, mais, que a partir de agora nos tornaremos bons amigos. Também pensa assim?

– Penso, concordou Myriam, rindo. E o seu sorriso natural era mais belo do que aquele sofisticado com que recebera Fábio.

– Se é assim, já lhe posso perguntar o que pretendia de mim?

– Se eu lhe contar você me considerará a última das mulheres!

– Tranqüilize-se Myriam. Não esperava nada de bom de nosso encontro, e, para a minha surpresa, ele resultou melhor do que esperava.

– Você diz as coisas de tal forma simples, que eu me sinto pequena e abrigada como nunca me senti antes.

– Isso me alegra!

Houve uma pausa e ela principiou:

– Fábio, não sei se você sabe, mas vivo com o Ministro Arnaldo Frágoso. E, para que você conheça o tipo de mulher que sou, apesar de mantida por ele, sustento aventuras com muitos de seus amigos, inimigos, e até mesmo com desconhecidos. Enfim, tenho o que tenho graças a haver obtido a paixão do velho jurista e ter utilizado o meu corpo como instrumento para ganhar e manter situações!

E como Fábio não se mostrasse alarmado, prosseguiu:

– É interessante, Fábio, como lhe estou contando isso. Até parece que, pela primeira vez na vida, eu me sinto fora de mim mesma e me vejo como realmente sou!

– Não, Myriam! Pela primeira vez você se encontra dentro de você, vendo o que você não era, isto é, a personagem que você representava.

– É possível! acedeu Myriam. Bem, o importante é que, face a esta minha notória e explorada posição em Brasília, fui convidada por um grupo de industriais para tentar duas coisas. Primeiramente, conseguir que o voto do meu amante fosse contrário aos seus clientes, no caso que você defenderá na quarta-feira. Segundo: encontrar uma fórmula para afastá-lo dessa sustentação oral.

Calou-se, mas, vendo que ele não se mostrava surpreso, continuou:

– Aceitei a tarefa com gosto, certa de obter a primeira parte sem problemas e sem haver planejado como realizar a segunda. Já conseguira a promessa do Frágoso de que votaria contra de você, quando, hoje à tardinha, no bar, assisti sua demonstração de força e de inteligência, ao bater fulminantemente dois rapazes fortes, e impedir, com brilhante estratégia, que a polícia tomasse conhecimento do sucedido. Decidi, naquele momento, conhecer o homem que realizara tal façanha, dobrá-lo aos meus pés, viver uma aventura com ele e depois encontrar a fórmula de impedir a sua atuação na defesa. Você vê, Fábio, que tudo saiu errado e quem tem o outro aos pés, é você. Sinto vergonha de tudo quanto aconteceu!

– Obrigado, Myriam, por revelar-me o que haviam preparado! Você não pode imaginar quanto lhe sou grato e quanto subiu

no meu conceito! Agora, gostaria de fazer um acordo com você! Quer?

– Vejamos!

– Para principiar, que me considere seu amigo, afim de que possamos conversar um pouco sobre você. Sei o que era até há pouco. Sei o que é agora, mas não sei se amanhã será o que é agora ou o que foi ontem.

– Não vá dizer que espera ver-me mudar de vida!

– Não! Apenas queria lhe dizer que hoje, amanhã ou daqui a vinte anos, você enfrentará a sua própria consciência. Será um instante difícil e, nesse momento, eu gostaria de estar ao seu lado.

– Mas por que tal interesse, Fábio?! Não entendo! Eu lhe queria fazer mal, traí-lo, perdê-lo!

– Porque, no fundo e na verdade, você é alma mais pura do que imagina! Seu corpo, muito bonito, é que tem abafado a sua alma! No dia em que esta conseguir abafar o corpo, garanto que você será uma Myriam muito melhor, mais feliz do que agora, em que você é mais sentidos do que alma!

– Acredita mesmo no que diz?

– Tanto quanto acredito em que amo minha mulher e meus filhos!

– E julga que a vida reserva oportunidade decente para uma mulher como eu?

– Desde que você queira tal oportunidade.

– Sou conhecida demais como prostituta de luxo para ter uma oportunidade dessas, Fábio!

– Mas basta ter a firme decisão de mudar de vida para não mais ser prostituta de luxo.

– O que você é, Fábio? Um bom samaritano? Nunca pensei conhecer em um só homem tantas facetas, o herói da arena, o hábil advogado, o frio conquistador e o bom pastor.

– É que, na verdade, Myriam, só me interessa a última faceta, que ainda não sei exercer integralmente. E se eu lhe lembro o texto evangélico: “Eu sou o bom pastor, eu dou a vida pelas minhas ovelhas. Eu conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem”, você, minha cara Myriam, é uma ovelha desgarrada e, como no Evangelho, deixo as minhas outras noventa e nove para consolar a ovelha perdida – você!

– Como é lindo isso, dito por você, Fábio! Nunca pensei ouvir este trecho dito de forma tão significativa! Começo a sentir vontade de chorar. Mas, desta vez, de alegria!

– É porque você, Myriam, é a ovelha que reconhece o Senhor. E o Senhor me colocou aqui, neste momento, para chamá-la a Seu rebanho!

– Crê nisso, de verdade?!

– Tanto quanto acredito em Deus. E a minha crença n’Ele é inabalável.

– E de que forma eu poderia começar?

– Como está começando, agora. Você teria coragem bastante para chegar ao Ministro e dizer que não será mais sua amante, pois deseja principiar vida nova?

– Não sei, Fábio. Tenho medo de enfrentar a vida.

– Quer meditar sobre isso e voltarmos a conversar amanhã?

– OK!

– Almoçamos juntos?

– Sim! Onde?

– Aqui mesmo, no hotel.

– É lugar muito público!

– Por isso mesmo.

– Eu lhe garanto, Fábio, que sua mulher imediatamente viria a saber, o que seria ruim para você. Sei quem lhe causaria esse problema com grande prazer.

– Por esse lado nada receio. Minha mulher me conhece e eu a conheço e você a conhecerá um dia, espero que em breve, e verá quem é e quanto vale!

– Então, está combinado. É preferível começar de uma vez!

– Vou indo, Myriam. Até amanhã. – E Fábio encaminhou-se para a porta.

Quando saía, Myriam chamou:

– Fábio?!

– Pois não, Myriam.

– Queria dizer-lhe uma coisa.

– Pois diga!

– Nunca senti inveja de mulher alguma. Mas hoje invejo a sua!

Disse e fechou a porta com um sorriso amigo.



## Décimo Capítulo



Fábio levantara-se com a firme disposição de visitar os sete ministros restantes, de vez que não tinha intenção de procurar o Ministro Arnaldo Fragoso. Alguma coisa lhe dizia que isso não seria necessário, embora a sua intuição não fosse ao ponto de esperar o voto favorável do Ministro. Entendia, contudo, não dever mais efetuar esse contato.

Depois de haver-se banhado e enquanto esperava o café, o telefone tocou.

– Sim?

– Quem fala?

– Fábio.

– Aqui é Emílio.

– Emílio! Há quanto tempo! Como vai?

– Bem, e você?

– Tudo correndo normalmente. A que devo este telefonema?

– Necessito muito falar consigo e, se possível, ainda esta manhã.

– Muito bem. Dentro de quinze minutos no “hall” do Hotel.

– De acordo, Fábio. Até já!

– Até já!

Enquanto desligava o telefone, Fábio lembrava o passado. Quem diria que o seu grande amigo viria um dia a abandoná-lo e só depois de tanto tempo voltar a procurá-lo?! Como o mundo dá voltas...

– 2 –

– Mas, Fábio, já lhe disse que à minha firma pouco importam os métodos que você utilizar. A nós, interessam os métodos que dêem resultados.

– Emílio, não posso realizar milagres, e de algum tempo para cá tenho tido problemas de consciência no admitir que os seus clientes possam solucionar problemas pelas vias mais fáceis.

– A mim, Fábio, pouco importa que eu pague honorários a você ou dê propinas aos fiscais. Eles, porém, garantem um processo de forma mais segura, de maneira que pretendo equacionar os meus problemas com eles.

– Fará um péssimo negócio. Primeiro, porque não estará livre de outra fiscalização; segundo, porque porá em movimento uma bola de neve. Esses fiscais saberão que você “dá bola” aos agentes e o dirão a outros colegas, de outras órbitas, os quais o visitarão na sua missão específica, de tal sorte que você terá que suborná-los a todos. Por outro lado, se resolver discutir, uma decisão destas arrastar-se-á por anos, vale dizer, você se verá livre de outras fiscalizações. Fiscais que “comem bola”, não gostam de firmas que discutem e não perderão tempo com a sua.

– Mas você não me garante o resultado!?

– E como lhe poderia garantir, Emílio?! Sou advogado e não juiz! E mesmo que o fosse, a minha decisão seria sujeita a recurso. O que lhe posso garantir é que a matéria é perfeitamente defensável e que dispomos de POSSIBILIDADES REAIS de êxito.

– Mas não podemos perder, não é?

– Podemos.

– Então é preferível pagar aos fiscais.

– Meu caro Emílio, faça como desejar. É maior de idade e senhor de seu nariz. Não me interessa a sua causa. Se lhe estou a dar estes conselhos, é em função de nossa amizade. O que não posso é obrigá-lo a seguir tais conselhos!

– Você está se queimando! – exclamou Emílio, espantado.

– Não, Emílio! Estou tomando uma decisão definitiva para minha vida. Não mais defenderei firmas que prefiram subornar fiscais a pagar honorários a advogados, isto é, que optem por recursos ilegítimos! A posição é irreversível, vale dizer, se o que lhe interessa são apenas os resultados, não mais serei seu advogado. Já há algum tempo alimentava problemas de consciência ao defender interesses de firmas sonegadas. Daqui para a frente, só defenderei firmas que aceitam a discussão legal e prefiram os riscos de uma demanda legítima à facilidade de um suborno. Sei que tal decisão virá dificultar a minha vida. Mas prefiro viver com menor largueza e maior tranqüilidade.

– Você está é louco, Fábio!

– Pense o que quiser!

– Isto significa que está pondo-me fora de seu escritório?

– Não, significa que estou lhe dando uma opção.

– Uma opção de louco!

– Sempre é uma opção.

– É claro que não aceito. Ou melhor, Fábio, você já me decidiu! Comprarei os fiscais!

– 3 –

Agora, passado o incidente, Fábio compreendia Emílio – símbolo de uma mentalidade que se generalizara. Emílio não era um

corrupto frio e desonesto, mas sim um homem tido e admirado como de sucesso em seu círculo social, e que empregava o método de todos os outros homens de igual círculo e sucesso. A distinção e a honestidade, nos termos presentes, não eram abaladas pelo ato de lesar ao Fisco, mas sim pelo não pagamento de títulos, duplicatas e papéis do gênero. Fruto de uma situação, Emílio não sentia vergonha ou remorso, mas antes orgulho, por ser como os demais. A consciência coletiva agia desta forma e Emílio representava essa consciência!

Fábio, sim, perdera a exata noção da realidade. Ou melhor, avançara demais na purificação desta realidade. A sua busca de autenticidade levava-o ao extremo de um tipo de enfoque do problema altamente preocupante, pois colocara em jogo o seu destino.

O importante, no entanto, era que se decidira por um caminho e insistia em segui-lo.

O dia, lá fora, anunciava-se magnífico e em seu apartamento Fábio tomava o desjejum, meditando na decisão tomada em relação a Emílio e que custara a ruptura de relações entre velhos amigos.

– 4 –

Fábio esperava o elevador que o conduziria ao salão do hotel, quando, da extremidade esquerda, surgiu um vulto feminino no qual reconheceu Maristela, a companheira do avião.

Maristela não o reconheceu de pronto, mas, ao aproximar-se, viu-o. Então hesitou, e, como se houvesse esquecido algo no quarto, levou a mão à cabeça e voltou.

Fábio percebeu que ela se esquivara ao encontro e perguntou-se pela razão. Teria sido apenas represália à sua grosseria no avião? Teria Maristela alguma coisa a ver com o grupo de William Peter? Seria mera coincidência este encontro e o fato de estarem os dois no mesmo andar? Se é que ela estava hospedada no mesmo andar...

O elevador chegou e Fábio não mais se ocupou com tais perguntas.

– 5 –

– Sempre pontual, hein, Fábio!

– Não menos do que você!

– Fábio, não quero tomar muito de seu tempo, pois sei que está ocupado e conheço a sua vida tão bem quanto você.

– Não acredito! Disse Fábio, sorrindo.

– Apenas para dar-lhe uma amostra: você, ontem, visitou três ministros, a amante de um outro, um senador e entrou em contato com a polícia.

– Como soube de tudo?

– Fui procurado pelo William Peter, nosso colega de sindicato.

– Você se dá bem com esse crápula?

– Sou obrigado a tolerá-lo, já que fomos eleitos para a mesma diretoria.

– É uma nódoa em seu Sindicato.

– Também acho.

– O que você pretende, meu caro Emílio? Conversar comigo depois de se haver entendido com o William?!

– Apenas cuidar de sua vida.

– Foi tão trágica assim a conversa?

– Fábio! Não é convite para brincar que eu trago. Realmente penso em você, apenas!

– De que se trata afinal, Emílio?!

– O William quer que você volte hoje para São Paulo e não faça a sustentação oral.

– Não quererá também que eu lhe mande um presente de Natal?

– Estou falando sério! Ele também!

– E eu também!

– Não me parece, Fábio. Você tem família para a qual sua vida é muito importante.

– Também o é para os meus clientes.

– A ponto de merecerem que se sacrifique por eles?

– Se em defesa de interesses que me foram confiados, sim!

– Você já fez tudo o que poderia fazer. A sustentação oral não é obrigatória. Em noventa por cento dos mandados de segurança que se conhece, os advogados não fazem sustentação oral.

– Eu sei, Emílio. Os outros dez por cento são exatamente os casos difíceis, nos quais os advogados fazem a sustentação. E o meu caso presente é um caso difícil!

– Mas, você é louco, Fábio?! William pretende eliminá-lo antes da sustentação.

– É possível que a polícia o elimine antes de ele conseguir eliminar-me.

– Acredita mesmo nessa possibilidade?

– Tanto quanto você acredita no William.

– Fábio, o William compra tudo neste país e, certamente, comprará a polícia se necessário.

– É possível! Mas certamente não comprará os policiais que estão a proteger-me, porque nestes eu confio. E confio porque conheço a pessoa que lhes dá ordens. E esta é tão incorruptível quanto eu.

– Mas há outro aspecto. Se eu fosse você, pensaria mais nos filhos!

– É o que faço, Emílio! Não penso em outra coisa. Pois não quero que meus filhos, um dia, se envergonhem de um pai coarde.

– Mas ninguém saberá por que você não fez a defesa oral!

– Ora, nem você acredita no que diz!

– Em seu lugar, ir-me-ia embora, já!

– Mas não vou! Mesmo que tenha de perder a vida! E se perdê-la, é porque Deus assim o desejou e Ele sabe melhor do que eu o que fazer comigo.

– E a sua família?

– A Providência Divina se encarregará dela, porque nunca falta a quem confia.

– Fábio, você está blefando, hein?!

– Nunca falei tão sério em minha vida, Emílio.

– Ainda crê em Deus?

– Acho que você colocou mal o problema, Emílio. Deveria perguntar: “Já acredita em Deus”? O problema, aliás, é seu e não meu, já que você ainda não acredita em Deus e, por não acreditar, é obrigado a esforçar-se por crer em você mesmo, com todas as suas fraquezas e erros. E como você não pode acreditar em você,

não acredita em nada, nem em ninguém. Portanto, é criatura desconcertada e desnorteada, vivendo as aparências de sua sociedade a ponto de sentir-se bem em companhia de um crápula, assassino e ladrão!

Como Emílio não objetasse, Fábio continuou:

– O meu problema, todavia, é mais fácil de solucionar. Não acredito em mim, mas em Deus, e, enquanto crer em Deus, a responsabilidade sobre o meu destino é d'Ele. Por tal razão, posso enfrentar sem receio os riscos de lutar contra um salafário respeitado por uma sociedade corrupta, porque Deus estará ao meu lado. Você não tem coragem de enfrentá-lo porque não tem ninguém de seu lado! E nisto, meu caro Emílio, reside a grande e única diferença entre nós. E ela me põe calmo no enfrentar o perigo e o mantém intranquilo apenas com o pensar na sua existência!

– Você não foi muito delicado ao dizer isso, Fábio!

– Mas não tive nenhuma intenção de feri-lo. Ao contrário, respeito-o muito, meu caro Emílio. Apenas considero que falta Deus em sua vida, e, por tal razão, apesar de rico, você ainda não chegou a ser feliz.

– Quer dizer, afinal, que a resposta é negativa?

– É. Diga ao William que, além da negativa, eu lhe envio um presente especial, que nem o seu melhor amigo jamais lhe deu: as minhas preces para que ele melhore sua vida. As minhas preces para que seja feliz e possa ter a consciência tranqüila.

– Transmitirei ao William a nossa conversa. Que você não venha a se arrepender de sua decisão, Fábio. Apesar de considerá-lo doido, eu o admiro!

– É o que também penso a seu respeito, Emílio: um louco para ser admirado.

Na manhã ensolarada, o carro de Fernando corria por uma das ruas bem pavimentadas de Brasília, quando os dois advogados notaram um Impala 62 parado a um canto da rua, capô levantado.

A chapa de licença mostrava ser aquele veículo particular, mas Fernando reconheceu o carro do Ministro Bento Batista, o qual, em pessoa, tentava descobrir o defeito mecânico.

Enquanto estacionavam junto ao carro do ministro, Fernando dizia:

– Fábio, pode ser a nossa sorte! Vamos tentar um voto difícil em troca de um favor. É o carro do Ministro Bento Batista. O carro oficial deve estar ocupado por sua esposa.

– OK! Vamos!

Aproximaram-se do ministro, que em mangas de camisas visoriava o interior do motor.

– Vossa Excelência precisa de auxílio? perguntou Fernando.

O ministro ergueu a cabeça, surpreso pela chegada insuspeitada dos dois, e respondeu com voz ofegante, de quem está satisfeito com a ajuda inesperada:

– Sim, por favor! O carro parou e não entendo nada de mecânica.

– Verificou a gasolina?

– Sim. Ainda tenho meio tanque.

– As velas, a corrente elétrica, a bateria, o carburador?

– Não, nada disso.

– Então, se permitir, vamos verificar! – e isso dizendo, Fábio despiu o paletó, mergulhou a cabeça debaixo do capô e percebeu

solto o fio da corrente elétrica. Foi-lhe fácil, portanto, localizar o defeito.

– Vossa Excelência tem fita isolante no carro?

– Não sei, mas posso verificar.

Encontrada a fita isolante, Fábio aplicou-a ao fio solto, fazendo com que a corrente circulasse novamente e o motor voltou a funcionar.

– Muito obrigado, doutor...

– Fábio, à sua disposição, Excelência!

– O doutor Fábio livrou-me de uma dificuldade grande, já que esta rua é deserta, não esperava encontrar auxílio, e não via nenhum táxi que me pudesse levar à oficina mais próxima!

– Não foi nada, Ministro Batista!

– O senhor me conhece?!

– Quem não conhece o autor das mais importantes obras sobre processo civil em nosso moderno direito?!

– E o senhor já leu alguma delas?

– Quase todas! O “Código Civil Comentado”, a “Reconvenção do Brasil e nos Países de Origem Jurídica Romana”, a “Ação Anulatória do débito Fiscal”, “O mandado de segurança” e outras.

– Satisfação em encontrar um leitor-mecânico, que me socorreu.

– Mais que um leitor, um admirador!

– Isto já me soa a exagero!

– Se Vossa Excelência lesse a monografia que escrevi a respeito de um problema tributário da legislação paulista, veria, pelas citações de suas obras, que a admiração é real.

– Fica o senhor, então, a dever-me a sua monografia!

– Eu a enviarei ainda esta semana.

– Agradeço a atenção, assim como o favor de me ter arrumado o carro.

– Não há de quê, Excelência!

Depois de trocarem um aperto de mão, o ministro partiu, acenando despedida aos dois amigos.

– Por que não se apresentou como o advogado que fará a sustentação oral, amanhã?

– O momento não era oportuno.

– Nunca vi um momento mais oportuno para abordar um ministro.

– A abordagem foi feita, meu caro Fernando, e deverá surtir efeitos melhores do que se eu tivesse falado sobre o caso.

– Não entendo!

– O ministro saiu lisonjeado com o fato de ser conhecido e agradecido por havermos resolvido um problema que desconhecia. Ainda hoje mandarei à sua casa a minha monografia, na qual suas obras são citadas, de tal maneira que se lembrará do incidente. Amanhã, ao me encontrar fazendo a sustentação oral, ficará surpreendido de que eu não tenha procurado obter vantagem com o auxílio prestado. Deverá, assim, dedicar especial atenção à minha defesa e atenção com simpatia, o que é ainda melhor. O mesmo não aconteceria se eu tivesse procurado valorizar agora o favor prestado, porque daria a nítida impressão de estar fazendo o obséquio em troca de sua atenção.

– Isto quer dizer que você não pretende contatá-lo?

– Isso mesmo!

– E se ele tiver sido contatado pelo William?

– Então, sucederia uma das duas coisas: ou ele já terá sido comprado ou convencido pelo meu adversário e então meu contato de nada adiantaria, ou estará em dúvida e a minha defesa oral poderá decidi-lo. O que considero positivo na situação atual, é que consegui a sua simpatia e isto é um ponto importante contado a nosso favor.

– Você tem razão!

– Com isto, meu caro Fernando, totalizamos cinco julgadores. Faltam-nos ainda seis e dispomos de apenas um dia!



## Décimo Primeiro Capítulo



A ante-sala dos gabinetes privativos dos julgadores do Supremo Tribunal Federal estava vazia àquela hora matinal, e o silêncio que a envolvia era convite sedutor à reflexão.

Fábio e Fernando haviam sido anunciados e aguardavam ser recebidos pelo Ministro Carlos Mourão Filho.

Fernando foi o primeiro a enunciar em que pensava:

– Fábio, parece-me que as démarches, até aqui, não estão sendo más.

– Até pelo contrário! Estão melhores do que esperávamos. É bem verdade que apenas do ponto de vista psicológico. Isto porque, como os interesses em causa são grandes, só conheceremos as nossas chances reais no momento em que cada julgador der o seu voto.

– Também é minha impressão!

Nesse momento, o contínuo convidou-os a entrar, pois o Ministro ia recebê-los.

Percorreram outra vez o corredor das onze salas, nas portas das quais podia-se ler o nome dos responsáveis pela orientação do poder Judiciário no país.

A porta do Ministro Carlos Mourão Filho estava aberta para a entrada dos dois jovens causídicos.

– Bom dia, Excelência! – saudou-o Fábio.

– Bom dia doutor. Fábio ou Fernando?

– Fábio. Fernando é o meu colega!

Com um aceno de cabeça Fernando cumprimentou o Ministro.

– Façam o favor de sentar-se!

– Obrigado, Excelência!

– A que devo a visita dos prezados advogados?

Fábio principiou escusando-se por tomar o tempo de Sua Excelência, narrou o mais rapidamente que pôde o seu caso e terminou por afirmar não ter ido pedir antecipação do critério do ministro, mas apenas possibilitar que o douto julgador conhecesse, em toda a sua extensão, o problema que seria julgado no dia seguinte.

– O caso, doutor Fábio, segundo posso deduzir, não é pouco complexo. Diria mesmo ser dos mais difíceis com que nos temos defrontado, nos últimos tempos.

– Essa é a razão pela qual tomei a liberdade desta aproximação, Excelência. E também pela impossibilidade de, em apenas quinze minutos, expor corretamente os interesses que me foram entregues a representar.

– Pois lhe prometo, doutor Fábio, a melhor atenção possível!

– Desde logo sou grato a Vossa Excelência! Vejo que, no Ministro, o grande romancista e o poeta unem-se perfeitamente ao brilhante jurista e ao cavalheiro autêntico!

– O senhor conhece, por acaso, minhas obras literárias?!

– Sim! E dentre elas destaco o romance “O Jangadeiro”, que, apresentando a realidade trágica e heróica dos pescadores do nordeste é, certamente, obra-prima no gênero.

– Não acredito que seja de fato obra-prima, porém guardo a convicção de ter realizado um trabalho que busca despertar a consciência nacional para a parte subdesenvolvida de nossa sociedade.

– É interessante, Excelência, observar que a moderna literatura brasileira trata quase que exclusivamente de problemas sociais.

– Em meu entender, deve-se isso ao fato de que, na verdade, o maior problema brasileiro da atualidade é o subdesenvolvimento. Justo, portanto, que os nossos autores se preocupem com a radiografia dessa realidade.

– Convém notar, porém, que a nota lírica peculiar a brasileiros e portugueses não está ausente dos nossos romances.

– Correto. Em verdade, dessa união entre o lirismo próprio de nossa formação e a rudeza do nosso panorama social é que emerge o atual romance brasileiro, guardando uma forma talvez inédita em todo o mundo, eis que aos grandes temas sociais que apaixonam a humanidade hodierna, consegue o brasileiro juntar a presença do indivíduo vivendo o seu mundo interior. Assim, o romance brasileiro é uma simbiose de dois mundos, o da consciência coletiva pressionando a realidade nacional e o da consciência individual com a sua problemática própria, buscando situar-se em relação a si e à sociedade que a circunda.

– Vossa Excelência está a dar-nos verdadeira aula de literatura contemporânea.

– A observação inicial foi sua, doutor Fábio. Apenas desenvolvo um ponto de vista que, sendo seu, é meu também.

– E o desenvolve com a autoridade de quem conhece profundamente todos os detalhes da literatura nacional moderna.

– Bondade, meu caro doutor Fábio!

Seguiu-se a esta frase do Ministro Carlos Mourão Filho uma pausa.

– Creio que já tomamos demasiadamente o tempo de Vossa Excelência esta manhã. Vamos indo, portanto.

– Ao contrário, meu caro doutor Fábio, foi um raro prazer discorrer assim sobre direito e literatura! Até amanhã no tribunal.

– Até amanhã! responderam Fernando e Fábio, retirando-se.

– 2 –

– Cheguei atrasada, Fábio?

– Não, Myriam! Também estou apenas chegando.

O salão do restaurante estava repleto e Fábio conseguira mesa de quatro lugares junto à parede frontal à porta de entrada, e também com excelente vista para o florido pátio central do hotel.

– Como passou de ontem, Myriam?

– Melhor do que esperava.

– Anda com receios sobre a nova fase de sua vida?

– Sim e não poucos.

– Contudo, apesar de tais receios, estou certo de que há algo novo em você.

– O quê?

– Um alívio excepcional em relação ao passado.

– É verdade! Não sei explicar tal sensação, mas sinto-me bem mais leve e é realmente agradável!

– Myriam, você permitiria a um advogado, meu amigo, almoçar conosco?

– Claro que sim, se você desejar.

Fábio levantou-se, foi até o bar e voltou acompanhado de Fernando, que se sentou ao lado de Myriam.

– Já se conhecem? perguntou Fábio.

– Não! Respondeu Fernando.

Myriam repetiu a negativa através do silêncio.

– Então eu os apresento: Myriam, Fernando. Fernando, Myriam.

Os apresentados sorriram, mas nada disseram. Fábio manteve a iniciativa da conversa:

– Então, Myriam, pretende continuar em Brasília ou pretende mudar-se?

– Ainda não cogitei disso, Fábio! – E, depois de pensar um pouco, com ar decidido e corajoso acrescentou: – O que certamente farei, é mudar de vida.

Fábio ficou surpreso com a resposta. Tencionava manter a esse respeito uma palestra apenas velada, mas a atitude audaz tomada por Myriam o desconcertou, embora a admirasse mais por isso!

– Sobre tal ponto não tenho dúvidas, Myriam! Mas diga-me, se deixasse Brasília, iria para São Paulo ou para o Rio?

– Talvez fique em Brasília, a fim de enfrentar o mundo social que me conheceu como amante do Ministro Frágoso e que agora deverá conhecer-me como outra mulher. Aqui devo ganhar a minha batalha. Portanto, nem Rio e nem São Paulo.

Fábio e Fernando desconcertaram-se inteiramente face a essa disposição e franqueza, mas sentiram admiração crescente pela companheira de almoço. Fernando disse:

– Myriam, menti ao dizer que não a conhecia. Eu a conhecia muito, de nome e de vista. Surpreende-me, todavia, com a sua coragem e a sua decisão. Ignoro a que se deva tal atitude, mas, sinceramente, já que estamos sendo francos, pergunto se a decisão é para valer ou você está brincando conosco?

– Em outros tempos, certamente teria prazer em brincar à custa de vocês. Não agora, depois da conversa de ontem com Fábio.

– E essa conversa foi assim tão importante?

– A ponto de mudar toda a minha vida.

– Não entendo!

– Jamais pensei encontrar homem como Fábio, capaz de, pela via da bondade e não da paixão, mudar o destino de uma mulher. Conseguiu ele, com apenas algumas palavras, fazer com que eu despisse o passado e enfrentasse com confiança e o futuro. É o que estou fazendo, Fernando, acredite ou não.

Fábio interveio:

– Fernando, creio na disposição de Myriam, porque a mudança que ela está sentindo é a mesma que senti anos atrás!

– Ah!

Myriam prosseguiu:

– Para que vocês percebam até que ponto aquela conversa foi importante, vou lhes acrescentar algo: já hoje anunciei ao Fragoso que tomara a deliberação de deixá-lo. Expliquei-lhe, todavia, que o deixava para mudar de vida. Conte-lhe o ocorrido ontem, relatei o meu passado, como utilizara seu nome repetidas vezes, como lamentava ter assim agido e como, no fundo, era grata por tudo quanto ele fizera por mim. Acrescentei estar decidida a devolver-lhe tudo quanto me dera. O Fragoso ficou surpreso e, enquanto eu narrava o acontecido, percebi, francamente, que ele experimentava ao mesmo tempo a tristeza de perder a amante, o interesse face a algo inusitado e o entusiasmo ante uma decisão de tal espécie. Quando terminei, permaneceu silencioso durante alguns minutos, para afinal dizer que eu procedia bem, que perdoava o que eu fizera utilizando seu nome e que esperava ser perdoado pelo que fizera a mim. Mostrou especial interesse em conhecer

você, Fábio, e eu lhe disse que o conheceria, na sessão de amanhã do Tribunal. Despedimo-nos como bons amigos.

– Maravilhoso! Disse Fábio. Custo a crer que seja verdade!

– Também eu custaria, não tivesse participado! – disse Myriam, sorridente e calma, com um sorriso que ressaltava sua formosura.

– Myriam! – interrompeu Fernando – que mulher extraordinária você é! Diga-me o que pretende fazer, continuando em Brasília!

– Trabalhar como datilógrafa e estenógrafa, que foi, aliás, como principiei a vida!

– Gostaria de trabalhar em meu escritório? A minha secretária deixou-me para casar, a semana passada. Teria prazer em recebê-la.

– Você é sócio de Fábio?

– Não chego a ser sócio, mas represento seus interesses em Brasília.

– O que é suficiente para indicar ser você pessoa de sua inteira confiança.

– Tenho a impressão que sim.

– Então, começarei a trabalhar consigo quando quiser, Fernando. E, para que não se acanhe, desejo ganhar exatamente o mesmo que sua antiga secretária ganhava.

– Mas é que ela não ganhava muito, embora para o seu padrão recebesse o melhor salário de Brasília.

– Esse será, portanto, o meu padrão.

Fábio, que ouvia o diálogo em silêncio e apreciava os acontecimentos sucederem-se de forma tão rápida e incontrolável, tendendo para um “happy end”, interveio:

– Myriam e Fernando, às vezes fico surpreso ao constatar como as coisas acontecem de forma inesperada. E quando se tem fé, elas acontecem de maneira agradável. Ainda ontem, as minhas preces foram oferecidas principalmente em intenção de Myriam. Hoje, vejo que Deus atendeu aos meus apelos e que Myriam é mulher diferente, com todas as possibilidades para tornar-se excelente secretária, esposa e mãe amantíssima, fazendo a felicidade daquele que tiver a sorte de com ela se casar. Fernando, não só eu me sinto feliz por havê-lo convidado para o nosso almoço, como também por ver que os fatos escaparam ao meu controle e tomaram os rumos em que os vemos. Que dia admirável este, Myriam e Fernando. Além do que...

Nesse instante, Fábio foi interrompido por um cavalheiro bem apessoado que se aproximou de sua mesa e anunciou:

– Doutor Fábio? Sou oficial de gabinete do Presidente da República. Sua Excelência deseja encontrar-se com Vossa Senhoria, no Palácio do Planalto, hoje, às quinze horas!

Fábio fixou espantado o seu interlocutor e disse:

– É uma honra para mim! Lá estarei, às quinze horas!

– Deseja que o mande buscar de carro?

– Não é necessário. Estarei lá à hora marcada.

– Muito obrigado! Até logo, senhora e senhores!

Houve um silêncio de estupefação após a saída do mensageiro presidencial.

– Que acham? Perguntou Fábio.

– Estranho! – observou Myriam.

– Muito estranho! Repetiu Fernando.

– De qualquer forma, não aceitei a condução! Com isso, se se tratar de uma armadilha, terá que me raptar no Palácio.

– É, parece-me que você agiu prudentemente, Fábio – interrompeu Myriam. De qualquer forma, acho muito estranho o convite, mormente levando-se em conta que o William Peter é sócio do Presidente em alguns empreendimentos.

– O quê? Quer repetir? Não entendi bem! – exclamou Fábio.

– É isso mesmo! confirmou Myriam. Não obstante estar o Governo imprimindo nota eminentemente esquerdista à sua forma de conduzir a Nação, está vinculado a altos interesses econômicos. Em alguns casos, diretamente ao William Peter.

– O que significa que devo tomar maior cuidado na entrevista com o Presidente!

– Exatamente, Fábio!

– Myriam, se eu ganhar esta questão, deverei grande parte do sucesso a você.

– Como brincadeira, aceito o que diz, Fábio.



## Décimo Segundo Capítulo



O Palácio do Planalto era a casa de despachos do Presidente da República, já que sua moradia oficial chamava-se Palácio da Alvorada.

Uma longa avenida, terminada de construir apenas do lado direito de quem se dirigia para a Praça dos 3 Poderes, com os edifícios correspondentes aos diversos Ministérios, ao Poder Judiciário e ao Tribunal Federal de Recursos, desembocava numa bifurcação, na famosa praça. A Câmara dos Deputados situava-se no centro daquela artéria.

Uma rampa conduzia o pedestre ao nível do primeiro andar do Palácio do Planalto, que era, em verdade, o seu andar térreo.

Fernando parou o carro no estacionamento da lateral do edifício.

– Vou entrar e peço que você, Fernando, fique alerta. Se, por acaso, demorar-me mais de duas horas, avise Geraldo, em São Paulo. Acho que não poderá fazer muita coisa, mas, de qualquer forma, avise-o. Certo?

– Sim, Fábio! Cuidado!

Fábio despediu-se, dirigiu-se ao portal de acesso do Palácio, fez-se anunciar ao oficial do Gabinete. Foi rapidamente introduzido em uma sala de espera e logo depois convidado a entrar na sala de despachos do Presidente.

A sala estava vazia e a Fábio foi indicada uma poltrona. Avisaram-no de que ali deveria aguardar o Presidente, que deveria chegar a qualquer momento.

A mesa de despacho estava tão vazia quanto a sala, no silêncio de sua grande estrutura.

O ambiente era reconfortante.

Passados dez minutos o Presidente entrou, acompanhado por três idosos cavalheiros, nos quais Fábio reconheceu ministros do Supremo Tribunal Federal.

Fábio levantou-se e o Presidente dirigiu-se com um andar claudicante para onde Fábio se encontrava. Era de baixa estatura, de peso proporcional à sua altura e puxava por uma das pernas.

Os ministros o seguiram.

– Doutor Fábio, prazer em conhecê-lo!

– O mesmo digo eu, Excelência!

– Certamente já conhece os ministros Newton Homem, Eraldo Lima e Rafael dos Santos.

– Não os conhecia pessoalmente, mas sim pela leitura de suas obras, seus votos e por fotografias. Muito prazer em conhecê-los, Excelências!

Os ministros acenaram com a cabeça.

– Doutor Fábio – continuou o Presidente – somos todos homens ocupados, sem tempo para delongas. Vou ao assunto. Já o conhecia de nome, pela sua atuação no caso do Porto de Ilhéus, quando fez com que a minha tese a respeito dos direitos dos arrumadores de portos fosse vencida no Tribunal Federal de Recursos. Tivesse o meu Ministro do Trabalho enviado profissional de sua envergadura para defrontá-lo e, certamente, a estas horas, a minha tese seria vitoriosa e os pobres arrumadores dos portos teriam melhores condições de vida.

– Em detrimento, se Vossa Excelência mo permitir, de toda a população de qualquer porto litorâneo. Não foi contra as melho-

res condições dos arrumadores que me bati, mas sim contra a outorga a eles de um privilégio concedido à custa de todo e qualquer trabalhador empregado em outra atividade, na faixa portuária.

– Enfim, doutor Fábio, temos pontos de vista diferentes e não vamos discuti-los agora – interrompeu o Presidente. O que vamos discutir é a sua defesa de amanhã. Vou direto ao caso. A tese que o senhor defende pode ter fundamentos jurídicos, porém criará, se vitoriosa, um perigoso precedente para o Governo de seu Estado e para a Nação. No momento, atravessando o país uma séria crise financeira, não poderia suportar os mandados de segurança que se seguiriam ao seu, contra toda forma de tributação indireta lançada pela União. O país vive momentos difíceis e a causa pública deve ser colocada acima de todas as vestimentas jurídicas, dos direitos individuais que se oponham aos interesses de coletividade. Assim, eu e os três ministros que me acompanham, vimos fazer um apelo ao seu patriotismo e ao patriotismo dos clientes que o senhor representa, para que desistam da causa antes de a mesma entrar em pauta, na sessão de amanhã.

Fábio ouviu em silêncio ao Presidente e admirou-se da forma como Sua Excelência procurava conduzir e liquidar o assunto. Sentiu que enfrentava adversário com experiência muito maior do que a sua no manejo de tais questões, procurando, de início, por exemplo, tirar todas as vantagens possíveis de uma posição idealista. Foi, portanto, com cuidado que respondeu:

– Compreendo, Excelência, a preocupação oficial com o precedente que uma vitória minha, amanhã, poderia criar. Mas de meu lado também apelo para o patriotismo dos presentes, quan-

do analiso o outro ângulo da questão. A minha derrota, amanhã, significará a eliminação definitiva de todas as garantias individuais. Se, quando o cidadão defender seus direitos contra o Estado, não prevalecer a lei, tal qual foi escrita, estaremos vivendo sob o estado de força e não de direito. Vale dizer, tornar-se-á inútil todo princípio jurídico e todas as normas positivas estarão reduzidas à impotência. O direito será considerado existente apenas para tertúlias acadêmicas e não para ser aplicado. Passaremos a viver sob a opressão em que vive o mundo oriental, que mantém normas de direito para os ocidentais verem, sem nenhuma utilidade, todavia, contra o Estado. Defendo, Excelência, princípios que estão acima das contingências passageiras e de crises temporárias, pois tratam da própria essência da dignidade individual. Acreditando no patriotismo de Vossa Excelência, espero compreensão para esse ponto de transcendental importância e que não haja insistência no pedido que me foi feito para desistir da defesa.

Compreendeu o Presidente que não defrontava um adversário vulgar. Mudou, pois, de tática, imediatamente:

– Às vezes, doutor Fábio, penso que, em certos momentos da História, o estado de força se justifica. Como é possível governar uma nação demasiadamente jungida a tecnicismos jurídicos elevados à posição de diretos inalienáveis?

– Se Vossa Excelência me permitir, responderia ser possível governar essa nação, apenas buscando respeitar esses tecnicismos e não os ignorando, para a dupla garantia do Estado e do Povo. Enquanto os representantes do povo, simbolizando o Estado, por desídia, negligência ou intenção criminosa, não buscarem gover-

nar dentro desses padrões, o resultado será constituir-se esse tecnicismo na única garantia do povo.

– O senhor está se referindo, concretamente, ao atual governo?

– Não. Estou discorrendo, hipoteticamente, sobre a dúvida levantada por Vossa Excelência, respondeu Fábio, sorrindo.

– Mesmo assim, o senhor dá a nítida impressão de que não conhece os problemas de um governo por dentro.

– Tanto quanto Vossa Excelência de não conhecer os problemas do cidadão médio!

– Tenho a impressão de que o senhor é um insolente, doutor Fábio.

– Apenas por acreditar no parágrafo 1º do artigo 141 da Constituição Federal, que afirma serem todos iguais perante a lei e responder suas perguntas à altura?

– O que viu o senhor de insolência nas minhas perguntas?

– O mesmo que Vossa Excelência nas minhas respostas.

Seguiu-se um silêncio prolongado. O Presidente mirou Fábio longamente, como se tentando encontrar a brecha por onde dominá-lo e convencê-lo. Foi ainda quem tomou a iniciativa:

– Doutor Fábio, quer-me parecer que o senhor assumiu uma posição e não admite nem mesmo que se discuta a validade da tese contrária.

– Tanto não é exato que vim para dialogar a esse respeito.

– Então, vamos conversar.

– Perfeitamente!

– Admitindo que o senhor tenha razão quanto a terem ocorrido nos últimos tempos algumas negligências da União, nem por

isso o erro a bem do país justificaria o seu erro em abrir precedente tão perigoso que poderia sacrificar a União.

– Admitiria, para argumentar, ser válida a tese de Vossa Excelência caso o sacrifício de meus clientes pelo bem da nacionalidade fosse acompanhado de outros sacrifícios por parte dos dirigentes.

– Como por exemplo?!

– Sabemos que a nação encontra-se em dificuldades financeiras. Por que, então, cogitam os deputados e senadores do aumento dos seus subsídios, de forma indecorosa e ostensiva? Se a nação não tem dinheiro, por que pagar os subsídios aumentados e acrescidos de uma injustificável verba pessoal?

– Concordo com o senhor, doutor Fábio. O problema é que o Poder Legislativo está fora de minha alçada.

– Mas Vossa Excelência dispõe de maioria no Congresso. Por que não utilizar tal dispositivo para impedir tamanha imoralidade?

– Porque, então, talvez ficasse em minoria politicamente. Não posso correr esse risco, a bem da Nação!

– Então, simplifico o problema, Excelência. Por que a admissão semanal de milhares de funcionários, onerando o Erário Federal? Este problema é da alçada presidencial, não é, excelência?

– Em parte, apenas. Há muitas forças políticas que devo equilibrar e certas nomeações são o preço da segurança nacional.

– Esse preço da segurança nacional – permita-me observá-lo – está custando a segurança nacional. Como explicar ao povo que este preço faz com que a COSPAM, siderúrgica de economia mista sob controle do Estado, tenha 268 engenheiros em Santos ganhando mais de um milhão de cruzeiros mensais e sem traba-

lho a realizar? São barganhas de política, ou há algo de podre no reino da Dinamarca? Como se explica que a Petrobras seja a única firma de petróleo do mundo que registra prejuízos e que a Ferrovia Nacional, companhia estatal, afunde a Nação, enquanto congêneres em mãos de particulares distribuem lucros polpudos?

– São problemas muito complexos, e que demonstram estar a Nação necessitando de reformas de base.

– Quais seriam os executores das reformas, Presidente? O mesmos homens que fazem a maioria no Congresso e que depauperaram a nossa máquina administrativa à custa de toda a nacionalidade?

– Não, doutor Fábio! – respondeu secamente o Presidente. Os homens viriam das massas e fariam as mesmas reformas que Fidel Castro realizou em Cuba.

– E quais foram elas, Excelência? Mais fome, mais mortes, mais polícia, em detrimento dos direitos humanos? Não. Excelência, há algo de podre neste país, mas há algo de muito mais podre na ilha de Fidel, onde, inclusive, uma conversa como esta não poderia realizar-se, sem que me custasse a vida. E é exatamente por isto, Excelência, que não posso atender ao apelo que me dirigiu. Porque ainda acredito nos direitos que tenho a defender e não esqueci meu juramento de dar tudo na defesa dos interesses que represento. Não tenho a certeza da vitória, amanhã. Pode ser que perca. Uma coisa, entretanto, me tranqüiliza, Excelência. Apesar de assediado, desde que cheguei aqui, por todos os lados, não desisti de enfrentar o Supremo, amanhã. Hei de dar o que tenho de melhor e se perder terá sido por ser essa a intenção de Deus e Ele sabe melhor do que eu o que fazer comigo. Mas terei desenvolvido todos os esforços que as minhas limitações permitirem.

– Parece-me, doutor Fábio, realmente inútil prosseguirmos com esta conversa! retorquiu friamente o Presidente. Fá-lo-ei acompanhar à porta. Até uma próxima oportunidade!

– Até algum dia, Excelência. Doucos julgadores, até amanhã.

– 2 –

– Como foi a conversa, Fábio?

– Em termos altos. O Presidente impressionou-me pela inteligência. Não sei exatamente o que pensou de minhas palavras. É possível que Myriam estivesse enganada a seu respeito ou, se estiver certa, é ele político bastante hábil. Fique sabendo que também estavam presentes três ministros do Supremo.

– E que parte tomaram na entrevista?

– Nenhuma!

– E desse silêncio você tira algum significado?

– Sim! São três votos certos contra mim, amanhã!

– Será que você não os sensibilizou?

– Nem Rui Barbosa os teria sensibilizado!

– Por que pensa assim, Fábio?

– Porque são subordinados intelectuais do Presidente e farão o que o Presidente mandar. E, certamente, o Presidente não os mandará votar comigo.

– Isso é mau, Fábio.

– Mas houve coisas boas, hoje, Fernando.



## Décimo Terceiro Capítulo



– Meu caro Fábio, aqui estou com Carmem e os dois ministros, meus amigos, aceitando teu convite para jantar.

– Muito obrigado, Senador! Como passa, dona Carmem? Sinto-me honrado por haverem aceitado, e também Vossas Exce-lências, ao convite de um modesto advogado paulistano.

Fábio, que, acompanhado por Fernando, levantara-se à aproximação dos convidados, depois das saudações fez as apresentações, e, após haver auxiliado dona Carmem a sentar-se, acomodou-se por sua vez, após terem os Ministros também ocupado seus lugares.

O garção aproximou-se, estendeu o cardápio a cada um dos seis convivas, esperou que escolhessem, anotou os pedidos de alimentos e de bebidas e retirou-se para cumprí-los.

– Fábio, aqui estamos para ouvir o que você tem de tão urgente para nos contar!

– Eu me escuso, Senador e dignos Ministros, de tê-los incomodado, perturbando o repouso da noite para narrar-lhes a minha história... Não estivesse eu, entretanto, perplexo com a sucessão dos fatos que me têm envolvido nas últimas quarenta e oito horas e, certamente, não os teria chamado. Meu caro Senador, dona Carmem, senhores Ministros, preciso da ajuda de todos para interpretar os fatos e concluir se eu e meus clientes corremos riscos amanhã, caso eu faça a sustentação oral no S.T.F. Os fatos são os seguintes...

Fábio explicou então a sua tese, a razão da sua vinda a Brasília, os contatos com os seis ministros, o incidente com o carro de Fernando, o episódio do bar do hotel, as entrevistas com Myriam, os

segredos por ela revelados, o contato com Emílio e, finalmente, a conversa com o Presidente. Informou ainda as medidas de segurança que tomara junto à polícia. Concluiu:

– E, como vêem, estou mais decidido do que nunca a fazer a sustentação, sem saber quais as conseqüências que dela advirão e receoso de que o remédio que pretendo alcançar venha a ser pior do que a doença. Os senhores, que conhecem Brasília melhor do que eu e principalmente os corredores dos diversos Poderes, que acham de tudo isso?

Um silêncio prolongado seguiu-se à longa exposição de Fábio. O jantar já havia sido servido e os diversos convivas terminavam o primeiro prato quando dona Carmem quebrou o constrangimento reinante:

– Fábio, eu já tivera conhecimento, hoje à tarde, de sua conversa com Myriam e de que você parecia ter conseguido o milagre de mudar os destinos e a conduta dessa moça. Amigas minhas e as esposas do Viriato Nogueira e do Cantídio Munhoz, aqui presentes, haviam comentado o encontro de Myriam com o Arnaldo, hoje pela manhã, em que ela se separou dele, definitivamente. Como vê, as notícias correm com rapidez maior do que se poderia supor, se é que não existem pessoas interessadas em que estas notícias corram mais rápido do que se poderia esperar. A sua visita a Brasília está sendo comentada em termos tais, que eu mesma não poderia imaginar fosse tão importante a questão que defende. Em minha opinião, acho que você deve ir até o fim, seja qual for o risco que encontre.

– É minha opinião também, dona Carmem, salvo melhor juízo a respeito.

– O que eu não compreendo, Fábio – interpôs o Senador –, é que, sendo a questão estadual, tivesse o Presidente da República interferido.

– Parece que ele é sócio do principal acionista do grupo industrial interessado na minha derrota. Esta derrota seria o fim da média empresa no seu ramo. Vale dizer, esse grupo assumirá o controle total do mercado no país.

– Mesmo assim, Fábio, o Presidente é riquíssimo e sócio de um número enorme de grupos industriais.

– Meu caro Senador, o grupo de William Peter é um dos mais poderosos do país, e os interesses em jogo são superiores, em potência financeira, a algumas dezenas de bilhões de cruzeiros. Se eu perder a questão, o campo ficará livre para os produtos do grupo William Peter, porque os meus clientes não poderão pagar os impostos e a multa de mais de dez anos de aproveitamento desta quantia, e fatalmente terão que encerrar as suas atividades.

– Ainda não é tudo, Fábio. Para que o Presidente tenha entrado na questão pessoalmente, há no problema algo mais importante do que uma sociedade industrial, e acho que sei qual é esse algo assim tão importante.

– Sim?!

– Se, por acaso, um grupo como o do William Peter toma conta do mercado, será criado mais um monopólio em um determinado ramo de atividade. Alguns parlamentares do Governo, da linha extremista, farão alusões a estar o país caindo nas mãos dos imperialistas ocidentais. Certamente este grupo não apresentará ao povo melhores condições que as firmas que vão desaparecer, e contribuirão para o processo inflacionário e o aumento do custo

brasileiros, o que seria caminho aberto para a ditadura, já que teria o Brasil preso e condicionado ao manejo de seus portos importadores e exportadores. A greve no porto de Ilhéus durava mais de um mês, com as portas do Judiciário fechadas à solução de primeira instância, quando o Presidente cometeu o seu primeiro erro. Irritado com a resistência dos exportadores, baixou, por intermédio do Ministro do Trabalho, instruções de represálias cambiais contra os mesmos. Cabendo mandado de segurança junto ao Tribunal Federal de Recursos contra o ato do Ministro do Estado, ingressei com um mandado direto junto àquele órgão judiciário colegiado, obtendo medida liminar que solucionasse o problema daquele porto. Não houvesse, todavia, o Governo Federal cometido aquele erro de estratégia, e as estas horas teria conseguido dobrar os exportadores e obtido o controle de todos os portos. Por tal razão, embora desejando alimentar as mesmas esperanças que Vossa Excelência, guardo receios em relação às reais possibilidades das Forças Armadas.

– Evidentemente, ninguém conhece o futuro do país. O importante, porém, é lutar para melhorá-lo e eu penso, Fábio, que um dos meios de luta é tu ires até o fim na questão que te trouxe à Capital! disse o Senador.

– Eu também, muito embora esta minha afirmativa não contenha nenhum pré-julgamento em relação à sua defesa de amanhã. Poderei mesmo vir a ser contra a sua tese, se me convencer, no decorrer dos debates, de que esse deva ser o meu voto! retorquiu o Ministro Viriato Nogueira.

– Adoto as mesmas idéias do meu colega. O que lhe prometo, doutor Fábio, é que amanhã lá estarei para votar.

– Ronaldo, interveio dona Carmem – irei assistir à defesa de Fábio, amanhã. Por que você não vem?!

– Se não houver nada de especial no Senado, irei!

A conversa tomou outros rumos e os convivas terminaram o jantar em ambiente de grande cordialidade.

– 2 –

– O que achou do contato, Fernando?

– Muito bom, Fábio! Com isto você cercou os onze ministros e sabe de antemão que terá três votos contrários, embora desconhecendo quantos votos desfavoráveis terá. O pior é que o relator da matéria é um dos três votos contrários.

– De qualquer forma, acredito que esta fase preliminar da minha defesa não poderia ter sido melhor. Agora vou para o hotel descansar, e amanhã de manhã prepararei o esquema da sustentação, com base nos elementos somados nos diversos contatos.

– Ótimo! A que horas deseja que o apanhe no hotel para almoçarmos?

– Às onze e trinta está bem?

– Correto! Até amanhã, Fábio!

– Até amanhã, Fernando!

Fábio deixou o elevador do hotel e pelo corredor vazio dirigiu-se para o seu apartamento.

Abriu-o, acendeu a luz do pequeno corredor que dava para o dormitório e para o banheiro e despiu o paletó, que pendurou no cabide lá colocado.

Entrando, foi surpreendido pela presença de Maristela, sentada numa poltrona, pernas cruzadas, mirando-o com um olhar entre provocante e brincalhão.

– Que surpresa, Fábio, encontrá-lo em seu próprio quarto – foi como ela o saudou em tom jocoso.

Fábio não respondeu. Abriu as portas do armário, foi até o banheiro, certificou-se de que Maristela estava só e então voltou a fitá-la.

– Ainda com medo de mim, Fábio? Estou sozinha e sem armas. Pode olhar em minha bolsa! – e isto dizendo, abriu-a e mostrou-a.

– OK, Maristela, o que deseja?

– Conversar, Fábio. Duas criaturas não podem querer conversar?

– Perguntou se eu desejaria conversar consigo?

– Que grosseiro! casquilhou ela com um sorriso natural.

Fábio manteve-se calado, de pé, a fixá-la.

– Você não se senta, Fábio?

– Obrigado!

– Se quiser a minha poltrona, eu me sentarei na cama!

Fábio ouviu, de pé. Sentiu haver sido infeliz na primeira intervenção e que Maristela conseguira aproveitar a sua objetividade

grosseira para colocar-se em vantagem. Decidiu, portanto, mudar de tática. Encostou-se à parede do armário, de maneira que pudesse controlá-la e deliberou insistir no silêncio.

– Não quer mesmo sentar-se? Repetiu Maristela. O silêncio continuou.

– Vamos brincar de mudos, Fábio? E como o silêncio dele prosseguisse, ela insistiu: Ora, Fábio, vamos deixar de ser crianças! Diga algo!

Mas como nem assim o silêncio dele foi quebrado, Maristela compreendeu que perdera terreno. Também manobrou para nova tática.

– Estará interessado em saber por que vim ao seu quarto? Pois vou dizer-lhe. Assisti, ontem, à sua exibição no bar e resolvi conhecê-lo mais de perto. Tentei ontem e hoje entrar em contato consigo e não me foi possível. Resolvi, portanto, seguir o caminho mais fácil e consegui entrar aqui, graças à cooperação da camareira.

– Por que então, esquivou-se de mim no elevador, hoje pela manhã? Isso contradiz o que acaba de dizer.

– Não queria que nos vissem juntos.

– E por quê?

– Afinal de contas, você é um homem casado e, estando no mesmo andar, poderiam desconfiar...

– Mas a camareira já não sabe que você veio ao meu quarto?

– Mas ela foi paga pelo silêncio!

– E quem pode garantir que silenciará de fato?

– Ninguém! De qualquer forma, o processo é mais sigiloso se apenas a camareira souber!

– A que processo se refere, Maristela?

– Ora, Fábio! Nunca nenhuma menina o admirou pelo que você é como homem?

– Não de forma tão cínica, sem que houvesse um interesse maior do que a curiosidade da mulher pelo homem.

– Esta curiosidade, realmente eu sinto, Fábio!

– Qual?

– Passar alguns momentos agradáveis com você.

– Fazendo o que, Maristela?

– Deixe de ser chato, Fábio! Afinal eu não o impressionei como mulher?

– Impressiona sim, e por isso é que me preocupo especialmente!

– Por quê?

– Porque mulheres bonitas como você não procuram nunca seus homens. Deixam-se ser procuradas. Assim, não vejo razão de você me procurar.

– Mulheres como eu, nem sempre são procuradas por homens verdadeiros como você. A sua exibição de ontem, Fábio, fez com que muitas moças deste hotel desejassem estar no meu lugar.

– Pensa que eu acredito nisso como razão de sua invasão?

– Vamos continuar neste diálogo bobo, ou vamos fazer o que dois adultos fariam nesta situação?

– Se você pensa que esta sua conversa me convence, está muito enganada. Em primeiro lugar, não pretendo ter relações com você, já que sou casado e dou valor à fidelidade conjugal. Em segundo lugar, porque não acredito que tenha vindo apenas para isso. Ou melhor, acredito que tenha vindo para fazer, de um contato romântico, instrumento para fins ainda não esclarecidos.

– Fábio, você é o homem mais desconfiado que conheço! É assim com todas as mulheres?

– Eu não conheço senão a minha mulher. E com ela não sou assim. Agora pergunto: você é assim com todos os homens?

– Não conheci muitos homens, Fábio!

– Isso quer dizer que dos poucos que conheceu sou o mais desconfiado?

– A ponto de tornar-se intolerável!

– Por que então não se retira?

– Porque você excita cada vez mais o meu desejo de curvá-lo.

– Curvar-me para quê? Até que ponto?

– A vaidade e o prazer de ter uma aventura como um verdadeiro homem!

– Perca as esperanças!

– Fábio, não é possível que você não me queira! Quantos homens não gostariam de estar em seu lugar?!

– Procure-os, então, em vez de perder o seu tempo comigo.

– Isto já está começando a ficar aborrecido, Fábio.

– À vontade, Maristela. Pode retirar-se.

– Não quero.

– Então vou me deitar.

– Já?!

– Preciso descansar e você parece desejar que eu não o faça.

– Então façamos isto: você age como quiser e eu passarei a noite aqui, mas na outra cama.

– Mas por que, Maristela? Se veio para uma aventura amorosa, não há razão para ficar aqui, sem ela. Por que não se retira?

– É que ainda tenho esperanças de convencê-lo.

– Qual!... já percebeu que está mendigando amor? Desrespeitando-se, diminuindo-se, humilhando-se apenas para poder ficar ao meu lado. Valerá a pena?

Maristela não respondeu, mas, pela primeira vez naquela noite, Fábio teve a sensação de que ela sentira o golpe. Ficou, pois, esperando a possível reação.

Maristela levantou-se e, com um rosto muito sério, os gestos bem estudados, tentou desabotoar o vestido nos ombros, no que foi impedida por Fábio.

– Por que isso, Maristela? Se já lhe disse que...

– Para mostrar a você, Fábio, a que ponto posso chegar, na minha humilhação e no meu despudoramento.

– E para você mesma, o que está tentando provar?

Maristela não respondeu, mas não se moveu. Fábio entendeu que ela jogara o último trunfo e agora estava sem saber como agir. Percebeu também que, embora humilhada, Maristela não era formada da mesma estrutura de Myriam, e que, ao menor indício de fraqueza de sua parte, ela voltaria a controlar a situação. Por isso, apesar de ter pena de Maristela, não quis arriscar-se, concedendo-lhe uma saída honrosa para o amor próprio.

– Acho melhor ir-se embora. Sei por que você veio ao meu apartamento: veio enviada por William Peter, a fim de tentar, de alguma forma, demover-me da defesa, amanhã. Pode ir-se e dizer ao William que farei a defesa. Diga, também, que usou o máximo de sua habilidade, mas que não estava em você conseguir a minha desistência.

O sangue subiu ao rosto de Maristela, que se aproximou de Fábio e, repentinamente, desferiu-lhe uma bofetada. Os reflexos

de Fábio, todavia, eram rápidos e ele conseguiu aparar o golpe sem ser atingido.

Enquanto segurava a mão de Maristela, cujos olhos estavam congestionados pela cólera, Fábio disse:

– Maristela, por que não procura mudar de vida? De nada lhe adiantam estes repentis!

–Cão!

– Vou soltá-la, mas não tente novamente agredir-me. Peço que saia de meu quarto.

– Você ainda há de me pagar, Fábio!

– É uma pena, Maristela. Eu não lhe quero mal! Ainda hoje, rezarei por você.

– À merda com sua reza!

Os seios de Maristela arfaram e, quando Fábio libertou-a, ela pôs-se a chorar convulsivamente e retirou-se do seu quarto.

Fábio acompanhou-a até a porta, que trancou em seguida.

Dirigiu-se ao telefone e discou.

– Fernando?!

– Sim. Quem fala?

– Fábio.

– Que há de novo?

– O William fez nova tentativa para desviar-me do caminho. Salvei-me, porém desta vez criei um inimigo que poderá revelar-se, nestas próximas horas, pior do que o seu chefe. Quero, portanto, combinar alguns detalhes a esse respeito.

– Vá dizendo!

– Em vez de onze e trinta, venha buscar-me às dez horas. Se por qualquer motivo eu desaparecer, é fundamental que você faça a sustentação.

– Por que você teme desaparecer, Fábio?

– Porque o William está fechando o cerco e faz-se cada vez mais perigoso.

– Mas o seu desaparecimento seria notado. Afinal, a polícia não o está vigiando?

– Está, Fernando, mas prefiro garantir-me me por todos os ângulos, para a defesa de amanhã.

– Acredita em nova tentativa do William?

– Sim, Fernando. E pela primeira vez tenho a sensação de que, na próxima tentativa, ele não falhará.

– OK, Fábio! Amanhã passarei pelo seu apartamento. Se alguma coisa acontecer a você, farei a sustentação oral. Pode ficar tranqüilo.

– Certo, Fernando! Até amanhã!

– Até amanhã!

Desligou o telefone, preparou-se para dormir, bebeu um copo d'água, como todas as noites fazia, fez suas orações noturnas, apagou as luzes do apartamento e caiu num sono profundo e reparador.



## Décimo Quinto Capítulo



Na manhã seguinte Fábio abriu os olhos, depois de um longo e repousante sono. Conheceu a sensação inicial de não saber onde se encontrava.

Fechou os olhos novamente, e procurou concatenar as idéias. Quando os reabriu, reconheceu o quarto do Hotel Nacional, mas pareceu-lhe ver algo de diferente na parede branca, fronteira à sua cama.

Ao tentar mover-se, percebeu que tinha os braços atados à cama. Da mesma forma as pernas. Conseguia, apenas, levantar a cabeça.

Uma crescente lassidão percorreu-lhe os membros desejosos de encontrar outra posição. A sensação de repouso foi seguida por outra – a de um grande cansaço, depois de encontrada outra posição para o corpo.

– Bom dia, Fábio!

Reconheceu a voz de Maristela. Não respondeu, nem levantou a cabeça. Ela aproximou-se da cama e continuou:

– Como está passando hoje, Fábio?

Vestia um costume branco de mangas japonesas, que, bem colado ao corpo, ressaltava a beleza de suas formas.

– Bem, Maristela! disse Fábio, em tom calmo. Procurava não dar demonstração de aborrecimento. – É este o seu quarto?

– É, Fábio! O que acha dele?

– Bonito! Igual ao meu.

– Bem-vindo a ele.

– Obrigado! Os três cidadãos sentados ao seu lado são irmãos, amantes ou simplesmente marginais? – perguntou, desafiadamente.

Nenhum dos rapazes se moveu.

– Tchi! Tchi! Tchi!, fez Maristela com a cabeça, respondendo brincalhona e negativamente à pergunta de Fábio. – São amigos que estão aqui para lhe fazer companhia até à tarde.

– E por que só até à tarde?

– Porque depois você será solto.

– Quanta generosidade, Maristela.

Ela aceitou a ironia, respondendo:

– Você a deve à sua amiga aqui, que interveio junto ao chefão, para que fosse poupado.

– Comovido, Maristela! É desta forma que você está preparando o seu próximo coito?

Maristela gargalhou:

– Não adianta, Fábio! Não conseguirá irritar-me, como ontem. Aliás, Fábio, diga-se de passagem que fingi todo o tempo para dar autenticidade à cena. Na verdade, fui ao seu quarto colocar uma pílula de dormir em sua água e você surpreendeu-me ali. Não tive alternativa senão sentar-me e criar aquela história. Se você não tivesse demorado tanto para tirar o paletó e colocá-lo no cabide, ainda me teria encontrado de pé. Enfim, meu caro Fábio, você acreditou na minha história e, hoje, é meu hóspede.

Fábio fixou Maristela, que sorria tranqüilamente, de pé ao seu lado. Era forçoso reconhecer a sua derrota. Resolveu, portanto, aceitar a situação até encontrar saída.

– Parabéns, Maristela. Vou, então, reivindicar os direitos do hóspede. Gostaria que amarrassem minhas mãos atrás das costas, permitindo-me ficar sentado.

– Não posso correr esse risco, Fábio! Você é muito hábil na luta corporal.

– Tenho uma sugestão. Solte-me as mãos, enlace-as atrás das costas e depois faça o mesmo com os pés. Assim me manterão preso e estarei em posição melhor e mais confortável, devendo reconhecer que você é uma garota hospitaleira. E, afinal de contas, Maristela, vocês são quatro contra um homem só e desarmado.

– Está bem, Fábio, concordou Maristela, sorrindo. Vamos oferecer-lhe uma posição melhor e mais confortável!

Os três capangas aproximaram-se e Fábio foi solto e novamente preso sem oferecer a mínima resistência.

– Fábio, esqueci-me de dizer-lhe algo que vai tranquilizá-lo. Como sei que você está sendo protegido pela polícia, tão logo caiu no sono, ontem à noite, nós o transferimos para o nosso apartamento. Então, um dos moços do meu grupo, que tem a sua altura e aparência, vestiu a sua roupa, desceu até o “hall” do hotel, entregou a chave ao porteiro, agindo como é de seu feitio, e tomou um táxi, que o esperava. Com isso o agente policial seguiu-o como se estivesse seguindo a você, e perdeu-o de vista. Desta maneira, a estas horas, a polícia acredita que você tenha sido raptado, já que não voltou ao hotel. Devem estar à sua procura, mas o último lugar onde o procurarão será aqui! O que acha de tudo isto?

Fábio sabia quando estava liquidado e admitiu isso, então. A polícia nunca o descobriria até o começo da tarde e ele não faria a sustentação.

Fernando prometera fazê-la, mas não dominava a matéria como ele. Por maior que fosse sua boa vontade, a causa estava perigando.

William venceria, a menos que Fábio encontrasse uma fórmula hábil para escapar, até o começo da tarde.

De sua habilidade em encontrar tal fórmula para fugir ou da fortuna de uma ajuda externa inesperada, dependia o destino da média empresa no país e, quem sabe, do próprio país.

– Maristela, reconheço-me derrotado! Quero cumprimentá-la pelo plano de captura. Muito engenhoso. Prefiro-a, neste retrato, que no de ontem.

– Não vai me dizer que pretende usar o mesmo esquema que tentei contra você, ontem!

– Não, Maristela. Confesso que, ainda quando você me atraísse como mulher, nada neste mundo far-me-ia tentar conquistá-la. Apenas expressei minha admiração por um plano inteligente, que eu não consegui prever. Se o plano foi seu, cumprimento-a.

– OK, Fábio, seus cumprimentos estão aceitos!

Silêncio prolongado seguiu-se à resposta de Maristela. E foi ainda ela quem o interrompeu:

– Fábio, qual a sensação de quem se admite derrotado?

– A mesma que sentiria, vitorioso. Cumpri o meu dever.

– Mas foi derrotado, cumpriu-o mal!

– Não. Cumpri-o bem! A derrota e a vitória são contingências da vida, e, na maior parte das vezes, independem de nós. O esforço para realizar determinada obra, este sim, depende da gente. Se a pessoa tiver a consciência tranqüila quanto ao fato de que buscou com o máximo de seus esforços a realização de uma obra, o resultado não lhe pode importar. É o que sucede comigo. Dei tudo pela causa que me foi entregue. Não poderia fazer mais. A vitória ou a derrota, agora, está fora e acima de minha ação e deverá ser determinada por fatores externos, como por exemplo o rapto que você idealizou e que não me ocorreu prever.

– Ao menos você é filósofo no encarar a situação! Que lhe sirva de consolo.

– Sou humano, Maristela! Tudo, na vida, é um problema de valores. Se você valoriza o que busca, em termos humanos, como o fim de sua existência, dará grande valor à derrota ou à vitória. Se, ao contrário, tudo que almejar em termos humanos for mero instrumento para um fim maior que se encontra além do conhecimento pessoal, então a vitória e a derrota terão para você o mesmo sentido que têm para mim, isto é, nada valem!

– Não compreendo bem o seu ponto de vista!

– Não compreende porque não crê em Deus e, não crendo, sente-se obrigada a considerar especialmente os valores mundanos.

– E você crê?

– Com toda minha alma!

– Não é um ardil que está preparando?

– Se for para salvar a sua alma, pode-se dizer que estou.

– Está tudo muito bem conforme está agora.

– OK, Maristela, então é inútil o nosso diálogo.

– É, talvez seja, Fábio! Apenas, há algo de estranho na sua pessoa. Algo que não encontro nos outros homens.

– Tudo é normal em mim, Maristela. O que você vê de estranho é o fato de eu não procurar ser artificial, como os outros sempre são quando ao seu lado.

– É possível. Por essa razão apelei por sua vida ao chefe até que ele concordasse.

– Só posso agradecer-lhe a gentileza, Maristela. Afinal de contas você tem qualidades que me fazem esperançoso em relação à sua alma.

– Obrigado, Fábio! Mas não precisa mais preocupar-se com ela. Vou sair por alguns minutos, durante os quais você ficará na companhia agradável de seus amigos.

– Bom passeio, Maristela!

– 2 –

– Myriam?!

– Quem fala?

– Fernando.

– Como vai, Fernando?

– Preocupado.

– Que houve?

– Fábio desapareceu! E a polícia não sabe onde encontrá-lo!

– Como sucedeu?

– Ele saiu do hotel ontem, altas horas, e depois o detetive encarregado de segui-lo, perdeu-o de vista. Até agora não voltou ao hotel. Acho que foi raptado.

– Quem lhe disse tudo isso?

– A polícia!

– E o que está fazendo a polícia para solucionar o caso?

– Procurando Fábio.

– Mas que coisa, Fernando! Se ele não chegar a tempo ou não for encontrado, quem fará a sustentação oral marcada para logo mais?

– Eu, Myriam! Mas confesso que não estou tão preparado quanto Fábio.

– Fernando, vamos nos encontrar no “hall” do meu hotel, em

dez minutos. Examinaremos um plano para encontrar o Fábio. Está me ocorrendo algo.

Myriam desceu quinze minutos após a conversa e já encontrou Fernando a esperá-la. Estava vestida com saia e blusa e seu aspecto era magnífico.

– Você está linda, Myriam!

– Obrigada, Fernando! Alguma notícia sobre Fábio?

– Nenhuma!

– Fernando, conheço William Peter e parte do seu grupo. Vou localizar alguns dos seus capangas. Quem sabe por aí obtemos uma boa pista.

– Mas isso é perigoso! Hoje, todos em Brasília sabem que você mudou de vida e, certamente, William não foi dos que mais admirou sua mudança!

– E que me importa, Fernando! Foi Fábio quem me possibilitou ver a vida por um novo prisma e ao mesmo tempo, conhecer você. E você me permitiu, de início, encontrar uma nova e honesta posição. Por vocês dois, faria tudo!

– Você é uma brava menina, Myriam!

– Os elogios ficam para outra oportunidade. Eu me encarrego de procurar Fábio. A polícia também. Enquanto isso prepare-se para a defesa, afim de que, na eventualidade de não encontrarmos Fábio, possam os interesses que ele veio representar ser defendidos à altura por você.

– OK, Myriam! Tem razão. Até logo mais, no Supremo!

– Até, Fernando!

– Myriam dirigiu-se ao seu quarto no hotel, enquanto o advogado a observava e admirava a coragem revelada por aquela mulher, que a cada momento subia em seu conceito.

Na verdade, Myriam estava demonstrando, em poucas horas, qualidades tão excepcionais que Fernando convencia-se ser impossível encontrá-las em outra mulher.

E Fernando sentiu uma sensação de prazer ao lembrar-se de que Myriam referira-se a ele e a Fábio, colocando-os em um mesmo nível, como se os dois fossem as duas mais importantes pessoas em sua vida.

E com essa sensação de bem estar, Fernando saiu do hotel para sua casa, a fim de preparar-se para a defesa.



## Décimo Sexto Capítulo



A sala de julgamento do Supremo Tribunal Federal estava lotada, à abertura da sessão, vendo-se inúmeros parlamentares, advogados e curiosos atraídos pelo noticiário das rádios sobre o sensacional julgamento e o desaparecimento misterioso do advogado que deveria fazer a sustentação oral. A totalidade dos assistentes esperava que o “suspense” criado viesse a proporcionar lances dignos de uma peça teatral.

A sala era ampla, com poltronas cômodas para toda a assistência e com um aspecto de serena austeridade a criar atmosfera de confiança no Poder Judiciário.

O Presidente do Tribunal, Ministro Arnaldo Fragoso, entrou seguido por seus pares que tomaram lugar nas poltronas respectivas, cinco de cada lado do Presidente, o qual abafou o rumor da ansiada expectativa, anunciando:

– Está aberta a sessão! O primeiro processo a ser julgado é o de número 8412, recurso ordinário da Fábrica de Artefatos de Madeira Bom-Tom S/A, e outras, contra a Fazenda do Estado de São Paulo!

Imediatamente, o porteiro do auditório repetiu para a Assistência o enunciado pelo Ministro e perguntou se havia advogados presentes.

Apontaram-se Fernando e o advogado da Fazenda.

– Estando presentes ambos os advogados, podemos iniciar o julgamento, continuou o Presidente.

– Senhor Presidente, se Vossa Excelência o permitir, eu pediria que esse processo fosse julgado em último lugar nesta pauta, argumentou Fernando.

– Impugno o pedido! – retorquiu o advogado da Fazenda.

– Qual a razão do pedido do advogado? Quis saber o presidente.

– É que, Excelência, esta sustentação deveria ser feita por outro advogado, que foi raptado por grupos desconhecidos, a fim de que não pudesse fazer a defesa.

– O colega pode provar o que alega? Perguntou o advogado da Fazenda.

– Posso! respondeu firmemente Fernando.

– Senhores, por favor! Quero informar que, no processo de julgamento de mandado de segurança, em grau de recursos, não é possível o debate que se está processando contrariamente às normas regimentais e processuais vigentes. Peço, portanto, que procurem ater-se ao respeito a estas normas, a fim de que possamos, com maior tranqüilidade, decidir sobre esta matéria preliminar. O advogado das recorrentes diz que o causídico que sustentaria os clientes foi raptado! Que provas poderia apresentar, de imediato?

– Depoimentos de policiais encarregados de sua proteção, e que estão presentes.

– Hum! Este processo começa a fugir a todas as regras de um recurso ordinário. Mas, a bem da Justiça, se os outros Ministros concordarem, ouviremos os policiais, de maneira informal. Por favor, faça com que se aproximem.

Fernando chamou três policiais, dois deles à paisana, que se aproximaram e se qualificaram perante a mesa da Secretaria.

– Os senhores poderiam dizer-me por que admitem que o advogado que sustentaria a causa em julgamento foi raptado?

– Porque vem sendo perseguido desde anteontem, quando chegou a Brasília, por um grupo que não deseja que ele faça tal defesa! – Respondeu o mais idoso.

– Como os senhores tomaram conhecimento de tal perseguição!

– Porque estávamos encarregados de vigiá-lo e garanti-lo.

– A pedido de quem?

– Do próprio advogado.

– E tiveram os senhores algum indício de que tal grupo planejava raptá-lo?

– De raptá-lo, somente hoje! De afastá-lo do julgamento, na própria segunda-feira, quando prendemos três facínoras que confessaram a intenção do grupo!

– Os senhores dispõem de provas comprobatórias do que alegam?

– Sim. O depoimento lavrado em Cartório dos mesmos! – e isto dizendo, o policial mais idoso retirou do bolso algumas laudas de papel e estendeu-as ao Presidente, que as manuseou com cuidado e depois passou-as a seus pares.

A agitação cresceu no cenário, obrigando o Presidente a impor silêncio.

– E como perderam os senhores o controle sobre a pessoa e os passos do advogado?

– Ontem à noite ele saiu altas horas do hotel, seguido por meu companheiro, que o perdeu, entretanto, de vista. Até agora não voltou ao hotel nem foi localizado, não tendo saído da cidade, ao que tudo indica.

– Senhor Presidente, parece-nos absurdo continuar este depoimento – interrompeu, exasperado, o representante da Fazenda. Se o advogado das recorrentes não está presente, está seu companheiro de escritório, que poderá fazer a sustentação.

– Não tão bem quanto ele, que conhece a matéria. Eu não a conheço e seria obrigado a estudá-la para fazer a sustentação.

– Senhores advogados, peço a fineza de controlarem-se. Peço que não me interrompam até que eu e meus pares formemos idéia precisa do acontecido.

– Perdão, Senhor Presidente! – apressou-se em dizer Fernando.

– A polícia está procurando o desaparecido?

– Sim, mas não dispõe ainda de indícios!

– Agradeço o depoimento dos senhores. Podem retirar-se.

Um silêncio enervado seguiu-se ao depoimento dos policiais. O Presidente do Tribunal meditou algum tempo antes de dirigir-se aos seus pares:

– Senhores Ministros: estamos frente a um caso bem singular em que há um pedido de adiamento por não estar presente o advogado de uma das partes, o qual teria sido raptado exatamente para que não funcionasse como advogado. Seu colega o representa no pedido. Qual é a opinião de Vossas Excelências?

– Sou pela denegação do pedido! apressou-se em opinar um dos ministros que se encontrava com o Presidente da República, quando da audiência concedida a Fábio.

No mesmo sentido, manifestaram-se os outros ministros, alegando que a presença de Fernando, munido de procuração bastante para representar as recorrentes, tornava desnecessária a presença de Fábio. Apenas dois votaram acatando o pedido.

– Tendo meus ilustres pares denegado o pedido de inversão da pauta, vamos continuar o julgamento.

Um sussurro de desaprovação percorreu o auditório, que a essa altura se colocara, em maioria, a favor de Fernando e Fábio.

Fingindo ignorar a platéia, o Ministro Fragoso continuou:

– Cedo a palavra ao senhor relator, Ministro...

Neste momento, ouviram-se ruídos crescentes vindos do salão exterior e a porta foi aberta com violência.

– 2 –

– Meu caro Fábio, está a iniciar-se o julgamento de sua causa, no Supremo! Que pena você não poder assisti-la, hein?!

Fábio não respondeu a Maristela. Estava desgostoso com a impossibilidade de encontrar uma saída e, à medida que se aproximava o minuto fatal do julgamento, mais ficava nervoso face à sua impotência.

Ao soarem as treze horas e trinta, Fábio perdeu as esperanças de que ainda pudesse vir a atuar no processo, e mergulhou em um estado de profunda depressão.

Sempre pensara ser capaz de enfrentar a derrota com serenidade, mas nesta derrota havia algo que não chegava a compreender e que o fazia sentir-se profundamente humano e fraco ao considerá-la.

Começou buscar Deus como lenitivo, a fim de fortalecer-se com o Seu consolo. Instintivamente, começou a orar.

A oração silenciosa serviu-lhe logo de bálsamo. Cerrou os olhos, não podendo sequer, depois de quinze minutos, acompanhar a conversa de Maristela com os seus capangas.

Estava Fábio mergulhado nesse estado de torpor quando a porta foi violentamente aberta.

Sacudido pelo ruído e abrindo os olhos, Fábio reconheceu Myriam, que entrava acompanhada de alguns guardas.

A entrada do grupo foi tão inesperada e célere que Maristela e os homens não se haviam ainda apercebido da situação e já se encontravam presos, sendo os homens algemados.

– Soltem imediatamente a Fábio! gritou Myriam, acrescentando: – Precisamos correr para o tribunal!

– Myriam, como você descobriu onde me encontrava?

– Utilizando-me de velhas amizades! Vamos correndo, Fábio! Depois falaremos!

Fábio desvencilhou-se das cordas que o prendiam e partiu.

Parou, entretanto, à porta, olhou para Maristela com um sorriso e sentenciou:

– Maristela, a vitória e a derrota têm o mesmo valor, não se esqueça disso!

– Bruuu!... grunhiu Maristela.

Já no corredor, Fábio disse a Myriam:

– Preciso passar pelo meu quarto para vestir um terno, pelo menos. Não irei fazer a sustentação oral em pijamas!

– Ora, tenho sua roupa no carro! Sabia que o encontraria de pijama ou sem roupa alguma. Você se vestirá durante o trajeto!

– Boa, menina!

O elevador esperava-os e levou-os para o andar térreo sem nenhuma parada.

No carro, enquanto Fábio se vestia, Myriam contou-lhe como o descobrira:

– Procurei um velho amigo que trabalhava com William Peter. Ele ainda não sabia da mudança que se operou comigo! Perguntei-lhe se sabia quais pessoas do bando estavam em Brasília. Foi quando me contou que Maristela encontrava-se em seu hotel e no mesmo andar que você. Compreendi a história facilmente, o ardil de que ela se utilizara e a razão pela qual você não era encontrado. O resto foi apenas comunicar-me com a polícia, garantir o pessoal para o assalto ao quarto e libertar o advogado.

– Myriam, você é um anjo! – e dizendo-o, tomou sua cabeça entre as mãos e beijou-a na testa.



## Décimo Sétimo Capítulo



Fábio entrou triunfante no salão de julgamento e ao vê-lo, Fernando gritou:

– Ei-lo chegado, senhor Presidente!

Um frêmito de entusiasmo e euforia percorreu a assistência, tendo havido mesmo algumas palmas. A custo, o Presidente do Tribunal susteve a manifestação da assistência!

– Doutro Fábio, o senhor representará as recorrentes no recurso ordinário n. 8.412?

– Sim!

– Procede a informação de que o senhor teria sido raptado?

– Sim, mas, graças à polícia, fui solto a tempo.

– E os raptadores?

– Estão presos!

– Ótimo! Disse o Ministro, com um sorriso enigmático. Poderemos começar o julgamento. Com a palavra o senhor relator, Ministro Newton Homem!

– Senhores Ministros! O caso dos presentes autos versa matéria fiscal de âmbito estadual. As recorrentes legitimaram recuperação de imposto de vendas em consignações pagas sobre o imposto de Consumo, mediante estorno em seu livro de registro de vendas, sem autorização fiscal e foram autuadas por entender a Fiscalização ser indevido o processo. Tendo impetrado mandado de Segurança em primeira instância, obtiveram liminar e segurança, que veio a ser cassada pelo Tribunal de Justiça Estadual, de cuja decisão é o presente recurso. Estando presentes os advogados das partes, não farei relatório maior, dado que ambos encarregar-se-ão de apresentar seus pontos de vista. É o relatório, senhor presidente.

— Com a palavra, o advogado das recorrentes.

— Excelentíssimo Senhor Presidente, Excelentíssimos Senhores Ministros! A questão contida nos presentes autos apresenta duas matérias intercaladas: uma, de ordem jurídica, e outra de ordem social, que não podem deixar de ser devidamente analisadas para a decisão final. Com efeito, as quase quinhentas firmas que recorrem a este Excelso Tribunal, são contribuintes do imposto de vendas e consignações paulista, representando o que poderíamos chamar de média e pequena indústria no setor de cigarros, calçados, perfumarias, bebidas, alimentos, móveis e outros. Há dez anos atrás, aproximadamente, foi levantada pelo grupo empresarial do Sr. William Peter, que representa mais de metade da produção nacional, a tese de que o imposto de vendas e consignações não seria devido sobre o imposto de consumo, tendo esta tese obtido decisões favoráveis em todas as instâncias, inclusive perante este Egrégio Tribunal. Durante o tempo em que esta firma usufruiu dos benefícios da segurança, e ainda enquanto as demais não gozavam tal benefício, sempre vendeu suas mercadorias ao preço das concorrentes, de tal maneira que passou a ganhar mais do que estas e, portanto, criou melhores condições para elevar o seu poderio econômico contra as expressas disposições dos artigos 145 e 148 da Constituição Federal. A prova do alegado encontra-se nos autos, folhas 42/48. Quando as minhas constituíntes procuraram usar do mesmo benefício, por motivos inexplicáveis perderam os seus pedidos de segurança em primeira e segunda Instâncias, só os vendo confirmados por este colendo Tribunal, depois de três anos do pedido interposto. Durante esse tempo, o seu principal concorrente vendeu os produtos em igual-

dade de condições e, como fizesse baixar os preços de venda propositadamente, foram as minhas clientes obrigadas a vender seus produtos abaixo do preço de custo para não perderem a clientela, mesmo sem gozarem dos benefícios que a “holding” mencionada nos autos usufruía. Assim sendo, quando obtiveram, finalmente, a segurança, encontravam-se as minhas constituintes em posição financeira tão delicada que foram obrigadas a apelar ao Estado para que equacionasse os seus problemas de imediato, pois, à falta desse auxílio, seriam obrigadas a fechar. Encontrou o Estado de São Paulo, quando outro seu Governo, a forma legal que vieram as suplicantes a adotar. O Poder Judiciário não cria direito. Apenas reconhece o que existe. Ora, a decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a matéria reconhecia que o imposto de vendas e consignações nunca fora devido ao Estado, razão pela qual nunca poderia ter sido cobrado. Como o pagamento do imposto é feito por aquisição de verba, que é posteriormente deduzida por operação tributada no livro “Registro de Pagamento por Verba”, decidiu o Governo de São Paulo permitir que as recorrentes estornassem o imposto indevidamente escriturado, de tal maneira que usufruiriam do privilégio que a firma maior usufruía, sozinha, durante longos anos. Respondeu assim a Secretaria da Fazenda à consulta formulada pelas recorrentes, permitindo o estorno independente da autorização fiscal, tendo as recorrentes assim procedido e recuperado dinheiro que lhes possibilitou reestabilizar sua situação. O processo engenhoso fora sugerido pela Secretaria face à tese vitoriosa junto a este Tribunal Excelso, de que os impostos indiretos são irrecuperáveis, de tal maneira que, administrativamente, se contornou o problema.

O Governo anterior, todavia, foi sucedido pelo atual, que, não obstante a expressa garantia dada pelo próprio Estado, autuou todas as firmas, impondo-lhes multa pesada a ponto tal que, em sendo obrigadas a pagá-las, terão elas que encerrar suas atividades. Óbvio é que procedeu o atual Governo ilegalmente, eis que, revogando expressa garantia dada pelo Estado, fez com que a revogação tivesse efeito retroativo, o que é proibido pela Constituição. Fez mais, condenou as firmas que seguiram a sua própria orientação, na mais pesada multa existente no Código de Taxas Estadual, ou seja, dez vezes o valor do imposto, e passou a considerar legítima a cobrança do tributo que foi sempre considerado indevido por este Tribunal.

Seguiu-se uma pausa a esta última frase, permitindo ao público perceber que o final da defesa se aproximava.

– Senhores Ministros! Foi ilegal a cobrança do tributo. Foi legal o conserto sugerido pela Fazenda. Foi ilegal a sua revogação e mais a retroatividade, aplicada à revogação. Foi absurda a multa imposta, sem precedentes na história daquele Estado. E será o fim das minhas constituintes se vitoriosa a Fazenda, pois que a média e a pequena indústria, nos ramos atingidos, desaparecerá, ficando apenas a firma pioneira na defesa de seus direitos, a mais poderosa firma dessas categorias, da qual é um dos principais acionistas o próprio Governador do Estado de São Paulo.

Um sussurro de perplexidade perpassou a Assembléia e Fábio percebeu haver tocado o ponto nevrálgico da sensibilidade da platéia.

– Senhores Ministros, o meu tempo está a esgotar-se. Peço apenas que seja feita justiça e que do bom julgamento de Vossas

Excelências decida-se a sobrevivência de ponderável parcela das classes produtoras nacionais!

Aplausos prolongados fizeram-se ouvir, impossíveis de serem controlados pelos insistentes apelos do Presidente. Quando por fim a sala voltou ao silêncio, o Presidente fez-se ouvir novamente:

– Com a palavra o advogado da Fazenda.

– Excelentíssimo Senhor Presidente, Excelentíssimos Senhores Ministros! Serei breve. A matéria exposta nos presentes autos é de âmbito eminentemente jurídico e a mim causou espécie que meu nobre colega tivesse buscado levá-la para os campos político e social. O problema crucial é saber-se se é possível ou não a compensação das dívidas públicas. A lei é clara ao dizer que os créditos públicos não se compensam. Não poderia, portanto, a Secretaria da Fazenda violar a lei, permitindo a compensação defendida pelo nobre colega. Quando o atual governo percebeu que o anterior violara a lei civil, por mera consulta, revogou-a. Ou melhor, confirmou a sua nulidade, por contrária à lei. Não podem, portanto, as recorrentes invocar a mesma, porque nula de pleno direito. Ora, como a compensação foi feita e esta é proibida por lei, devem as recorrentes pagar pelo erro, não lhe valendo a alegação de estarem protegidas por decisão administrativa com validade jurídica. Por esta razão, houve por bem o tribunal denegar a segurança impetrada pelas recorrentes, por carente de fundamento jurídico, pedindo a Fazenda do Estado que seja mantida por este Excelso Tribunal a decisão recorrida. É o que tinha a dizer!

Um silêncio prolongado seguiu-se à exposição sucinta e clara feita pela Fazenda do Estado.

– Com a palavra o Ministro relator! Anunciou o Presidente perfeitamente audível em toda a sala.

O Ministro relator era um dos três acompanhantes do Presidente da República no encontro deste com Fábio. Com a voz pausada e profunda, depois de longas considerações sobre atos nulos, anuláveis, retroatividade da lei e a teoria administrativa do “ato do príncipe”, concluiu:

– Senhor Presidente! Sem embargos da magnífica defesa apresentada pelo advogado das recorrentes, teríamos criado um perigoso precedente quase a violar o texto expresso no Código Civil, que não permite que dívidas fiscais sejam compensadas. Assim, fico com a tese claramente esposada pela Fazenda e denego provimento ao recurso.

– Com a palavra o Ministro Eraldo Lima. O nomeado era outro dos acólitos do Presidente da República. Fábio sabia não poder contar com o seu voto.

– Senhor Presidente, voto com o Ministro relator, fazendo meus os seus fundamentos.

Uma onda de desaprovação passou pelo auditório e Fábio sentiu que os dois votos contrários, proferidos logo de início, poderiam vir a custar-lhe a causa.

– Com a palavra o Ministro Haroldo Queiroz.

Fora este o primeiro Ministro que Fábio visitara. Confiava em que tal voto lhe fosse favorável.

– Senhor Presidente; prezados companheiros de magistratura! O problema exposto nos presentes autos é bastante complexo e de solução difícil. Confesso que, até há pouco, não havia formado

opinião a respeito. Formei-a, após ouvir as duas brilhantes defesas e o sucinto, mas preciso voto do Ministro Newton Homem. O precedente que a questão viria a trazer é de tal forma que sou pela denegação do recurso.

A audiência explodiu num protesto contra este terceiro voto consecutivo contra Fábio, mas foi silenciada pelo Presidente.

Três ministros, três votos contrários – Fábio sentiu crescer o temor quanto ao resultado.

– Com a palavra, o Ministro Gabriel dos Santos!

Era o terceiro Ministro encontrado na sala do Presidente da República. Portanto, com certeza, daria outro voto contrário.

– Senhor Presidente, acompanho o voto dos meus colegas!

No auditório ocorreu um princípio de vaia, mas seus autores foram prontamente retirados por um guarda.

Fábio já não acreditava na vitória. Sua face, todavia continuava impassível.

– Com a palavra, o Ministro Viriato Nogueira.

Era um dos Ministros que jantara com ele e o Senador.

– Senhor Presidente, parece que serei voto vencido e que estou em esmagadora minoria. Não concordo, porém, com a tese fazendária. O princípio seria válido, se as recorrentes tivessem feito a compensação “ex spontanea sua”, mas o que ocorreu foi que as recorrentes fizeram a compensação por expressa deliberação da Fazenda, que agora pretende beneficiar-se de orientação que dera e revogara. O ato administrativo, mesmo que nulo, se criar direitos subjetivos é válido em relação às pessoas para quem os criou e o caso presente é típico. Sou, portanto, pelo provimento do recurso.

Aplausos estouraram pela platéia a este primeiro voto favorável.

– Com a palavra, o Ministro Hervê Laranjeira.

Era o segundo Ministro visitado por Fábio.

– Senhor Presidente, não obstante o brilho da defesa do advogado das recorrentes, sou pela denegação do recurso!

Um profundo e pesaroso silêncio abateu-se sobre a platéia. Com cinco votos contra um a causa estava praticamente perdida.

– Com a palavra o Ministro Bento Batista.

– Senhor Presidente, sou pelo provimento do Recurso, segundo os fundamentos expostos pela defesa.

Uma onda de esperança animou de novo a platéia. Eram cinco votos contra dois.

– Com a palavra, o Ministro Cláudio Munhoz.

O segundo Ministro que jantara com Fábio votou:

– Senhor Presidente, acompanho o voto de meu colega e sou pelo provimento ao recurso. Mesmos fundamentos.

Aplausos voltaram a se ouvir no auditório a tal ponto que o Presidente advertiu:

– Se houver outra manifestação semelhante, farei evacuar a sala e a sessão prosseguirá sem assistência. Com a palavra o Ministro Lauro Guimarães.

Ao levantar-se o Ministro equipista, Fábio sentiu renascer as esperanças.

– Pelo provimento do recurso!

Uma movimentação incontida fez-se sentir no auditório, que recebia este quarto voto favorável com indisfarçável satisfação.

– Com a palavra o Ministro Carlos Mourão Filho.

O Ministro romancista foi pronto:

– Senhor Presidente, acompanho os votos de meus colegas que deram provimento ao recurso.

A contagem estava empatada. Cinco votos contrários, cinco a favor. Caberia ao Presidente decidir. Fábio e a platéia estavam em suspense. Nenhum ruído era ouvido na sala. Myriam aproximou-se de Fábio e olhava o Ministro Presidente, seu ex-amante, fixamente. O Ministro viu-a, reconheceu-a e foi com a voz cansada que começou a proferir o voto de Minerva:

– Prezados colegas, Vossas Excelências deixaram a mim o difícil encargo de decidir em duas teses igualmente defensáveis, em duas situações de fato, de reflexos incalculáveis. Tanto a tese jurídica do advogado das recorrentes, quanto a exposta pelo representante da Fazenda são perfeitas juridicamente, podendo ser aceitas conforme a importância do fato a que se referem.

Mediu o efeito de suas palavras e prosseguiu:

– No caso presente, todavia, ao perigoso precedente de ordem nacional equipara-se, em importância, a injustiça que se faria a ponderável parcela da média e pequena indústria do mais industrializado Estado da Federação. Entre uma e outra prefiro ficar com a tese que possa permitir correção. Se casos futuros vierem a ser debatidos sobre o perigoso precedente que se poderia abrir com esta questão, tal precedente poderia ser modificado. Não viria a suceder o mesmo com as indústrias que viessem a ser irremediavelmente prejudicadas com esta decisão. Assim, sou pelo provimento do recurso!

Ovação jamais vista naquele recinto seguiu-se ao voto do Presidente. Fábio, emocionado, tinha os olhos marejados de lágrima.

mas, ao ser abraçado pelos amigos e fotografado pelos repórteres.

Myriam chorava ao seu lado.

O barulho era tão grande que o Presidente foi obrigado a suspender a sessão por uma hora.

O Ministro Arnaldo Fragoso desceu da mesa da Presidência e veio para junto de Myriam, perguntando:

– Gostou do meu voto?

– Magnífico! Foi a coisa mais linda que já ouvi! exclamou, soluçante. Cumprimento-o por isso!

– O melhor cumprimento que me pode fazer é seguir a nova vida a que se referiu ontem.

– Isso já está prometido, desde ontem, Arnaldo. Nesse instante, Fernando veio abraçar Myriam comovidamente, dizendo:

– Foi você, então, quem encontrou Fábio?!

– Graças a Deus, Fernando!

– Myriam, você é... você é...

– Uma criatura adorável! aparteou, rindo, o Ministro Arnaldo. E se você for inteligente, Fernando – disse, com um ar de quem compreende as coisas no ar – será uma criatura adorável somente para você!

Fernando e Myriam olharam-se, confusos, mas a troca de olhares foi a demonstração de que algo de muito sério estava começando na vida de ambos.

Compreendendo a situação, o Ministro afastou-se, deixando os dois jovens a dialogarem com a viva eloquência dos olhos.



## Décimo Oitavo Capítulo



– Glória?!

– Fábio?! Como foi a defesa?

– Bem, querida! Ganhei por seis a cinco! Regresso hoje, de avião. Como vão todos?

– Tudo bem, Fábio! Tudo bem! Como estou contente! Vou telefonar agora para o padre Márcio. Vamos dar um jantar em sua homenagem.

– E em homenagem à fuga do William Peter, do Brasil. Alugou um avião em Brasília e foi para o Paraguai. Querida, voltarei para a tranqüilidade do lar e dos filhos. Até o jantar!

– Até o jantar, meu bem!

FIM.



## Um Advogado em Brasília

Novela breve, esta *Um Advogado em Brasília*, como o Autor a nomeou, pois pelas dimensões é mais que um conto, menos que um romance e, pergunta-se: por fundo e formas, enquadra-se nas exigências dos fazedores de regras para modalidades literárias, conformando-se aos cânones maupassantianos de, no princípio-impacto, no final – o imprevisto? E, ainda, quanto ao meio?

— Talento narrativo, capaz de bem conduzir o leitor?

Distinguiu-nos Ives Gandra Martins, confrade pratiano, na Academia Paulista, para que escrevêssemos algumas linhas de apresentação à obra referida, escrita na década de 60, porém inédita, deixando-nos à vontade para escusar-nos.

Aceitamos de pronto, pois não haveria como não fazê-lo, conhecedores que somos e admiradores da personalidade múltipla e de seus talentos, também no campo literário, marcadamente na poética, com postura de quem: "... ainda sonha flores e descobre estrelas".

A novela, por seu entrecho, alterna-se entre ficção e realidade, prevalecendo, na quantidade, esta última, em forma expressa ou suposta.

O leitor encontra-se, no primeiro degrau, com Fábio, ao soar do despertador, às 5 horas de certa manhã de fim de primavera. A partir daí estará envolvido na trama e até, o final da urdidura, sempre com a palavra tema: julgamento!

Feita a hábil armadilha Autor-leitor, este último estará preso às astúcias do personagem central, consciente de realizar sua tarefa de causídico, dentro do melhor padrão ético.

E é patente que Fábio veste pele de lobo, disfarçado de cordeiro, para enfrentar as artimanhas de inescrupulosos inimigos.

A certa altura surgem episódios quase sherloquinianos ou agathacristinianos, quando as vinte quatro horas de que dispõe o personagem se esgotam e o leitor, habilmente conduzido, aspira conceder-lhe a vigésima quinta, de Virgil.

**Francisco Marins,**  
**Ex-Presidente da Academia Paulista de Letras**



9788578980054

## Outros livros de Ives Gandra editados pela MP:

(Obras em que participou como autor e coordenador)

Imposto sobre a Renda e Proventos de Qualquer Natureza  
Ives Gandra da Silva Martins e Marcelo Magalhães Peixoto (Coords.)

Coisa Julgada Tributária  
Ives Gandra da Silva Martins, Marcelo Magalhães Peixoto e André Elali (Coords.)

Medida Cautelar Fiscal  
Ives Gandra da Silva Martins, Rogério Gandra Martins e André Elali (Coords.)

Principais Aspectos da Lei 11.196/05, a "MP do Bem"  
Ives Gandra da Silva Martins, Marcelo Magalhães Peixoto e André Elali (Coords.)

ISS: Lei Complementar 116/03 (2ª edição, revista e ampliada)  
Ives Gandra da Silva Martins e Marcelo Magalhães Peixoto (Coords.)

Incentivos Fiscais: Questões Pontuais nas Esferas Federal, Estadual e Municipal  
Ives Gandra da Silva Martins, André Elali e Marcelo Magalhães Peixoto (Coords.)

Tributação na Zona Franca de Manaus  
Ives Gandra da Silva Martins, Carlos Alberto de Moraes Ramos Filho e Marcelo Magalhães Peixoto

(Obras às quais contribuiu com artigos)

Planejamento Tributário  
Marcelo Magalhães Peixoto e José Maria Arruda de Andrade (Coords.)

Fundamentos do PIS e da COFINS e o Regime da Não-Cumulatividade  
Samuel Carvalho Gaudêncio e Marcelo Magalhães Peixoto (Coords.)